



# Análise Conjuntural da Economia e do Comércio

Maio  
2018

N.º 116

**Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná**

Presidente: Darci Piana

Diretor Superintendente: Eduardo Luiz Gabardo Martins

Rua Visconde do Rio Branco, 931 – 6º andar

CEP 80410-001 – Curitiba – PR – Telefone (41) 3883-4500

[www.fecomerciopr.com.br](http://www.fecomerciopr.com.br) – [federacao@fecomerciopr.com.br](mailto:federacao@fecomerciopr.com.br)

Elaboração: Departamento Econômico da Fecomércio - PR

Apoio de Área: Ricardo Glatz

O conteúdo desta "Análise Conjuntural da Economia e do Comércio" é publicado mensalmente no site da Federação do Comércio do Paraná.  
Os acessos poderão ser feitos através do site: [www.fecomerciopr.com.br](http://www.fecomerciopr.com.br)

**CONJUNTURA: SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS**

Diversas entidades de avaliação de conjuntura e tendências econômicas vem alterando avaliações anteriores elaboradas até o 1.º trimestre de 2018 quanto ao crescimento esperado da economia brasileira em 2018. Nesse sentido, destacam-se alterações conjunturais nas quais novos fatos e ocorrências recentes, não considerados nas previsões anteriores, iniciaram um processo de mutação. Uma quantificação anterior previa crescimento do PIB do Brasil em 2018 de 2,9% a 3,0%. As alterações conjunturais verificadas, internas e externas, justificaram, ainda em abril, revisão da previsão inicial para uma redução do crescimento para 2,5%.

No entanto, devido a novos fatores econômico-políticos de contenção surgidos e a ocorrência de crises imprevistas sobrepostas como: greve dos caminhoneiros e efeitos no faturamento do sistema de produção; ampliação de custos de transportes e logística, preço do petróleo no mercado mundial; preço dos derivados no mercado interno: gasolina, diesel, querosene e gás; propostas não conclusivas sobre tarifas do transporte rodoviário; indefinições e instabilidades político-eleitorais relacionadas às eleições de outubro próximo; todos estes constituíram fatores que contaminam as previsões anteriores, de forma que o crescimento agora esperado do PIB caiu e oscila entre 1,8% a 2,0%; e a taxa de inflação de 2018 poderá extrapolar valores anteriormente previstos, podendo superar 4,0%. Se comparado à elevação do PIB em 2017 de 1,0% o que agora se prevê para 2018 constitui, inegavelmente, um valor importante superando o verificado no ano anterior. Todavia, nesse momento, acaba frustrando parcela das expectativas anteriores, até porque outras restrições poderão surgir.

Dentre os fatores adicionais que ajudam a explicar a queda nas previsões iniciais de expansão do PIB em 2018, podem ser destacados:

1. A possibilidade de "guerra fiscal" entre EUA e China, com as sobretaxas anunciadas pelos EUA aos produtos importados chineses, e providências da China em relação aos importados dos EUA;
2. As sobretaxas e quotas de exportação, respectivamente, ao alumínio e aço brasileiro;
3. A consistência atual do desempenho da economia dos EUA explica, em parte, a valorização do dólar no mercado mundial. Nesse sentido, destacam-se: crescimento do PIB dos EUA, em paralelo à elevação do emprego e queda na tributação, importantes para expansão do consumo privado (das famílias). Outros indicadores apontam elevação dos juros pelo Federal Reserve Bank (Banco Central dos EUA). A conjugação desses fatores estimula investidores globais a aplicarem no mercado dos EUA, e não em países não desenvolvidos ou com crise econômica;
4. A Argentina passa por crise cambial interna desde abril, o que poderia adiar ou suspender importações do Brasil, e resvalar em setores produtivos brasileiros;
5. A alta do dólar – que no mercado brasileiro atingiu quase R\$ 4,00 na 2.ª semana de maio/2018 – está repercutindo nos preços dos derivados de petróleo, afetando derivados em geral, custos de logística e transportes (inclui alimentos) e coletivo urbano, e os eletro-eletrônicos (componentes importados); podendo levar a um adicional na inflação;
6. As *commodities* cotadas em dólar no mundo globalizado tendem a aumentar com valor mais alto do dólar;
7. Alguns dos efeitos podem não ser imediatos, devido existência de produtos elaborados e ainda não comercializados, que utilizaram na sua produção a taxa cambial do 1.º trimestre.

A conclusão é de que são muitos os fatores atuais, que poderão estar na origem de possíveis dificuldades para a economia brasileira. Importantíssimo, todavia, é que o país mantém o controle da inflação, a estabilização dos juros SELIC, e a perspectiva positiva de crescimento do PIB neste ano acima do verificado em 2017.

	Apresentação	03
	Sumário	04
	Tabelas e gráficos	04
<b>I</b>	<b>Nível de Atividade Econômica</b>	05
	1. Produto e Renda	05
	2. Mercado de Trabalho	11
	3. Nível de Salário	14
	4. Nível de Preços	16
	5. Taxa de Juros e Poupança	18
	6. Mercado de Ações	19
	7. Risco País	20
	8. Variação do Dólar	21
<b>II</b>	<b>Atividade Empresarial</b>	23
	9. Comércio Varejista no Paraná	23
	10. Outros indicadores relativos ao comércio e consumidores	27
	11. Abertura de Empresas no Paraná	28
	12. Falências Decretadas no Brasil	29
	13. Crédito: Demanda e Inadimplência	30
	14. Nível de Utilização da Capacidade Produtiva Instalada-NUCI na Indústria	31
<b>III</b>	<b>Setor Público</b>	33
	15. Arrecadação do Governo	33
	16. Dívida Pública Federal Interna - DPFI	34
	17. Superávit Primário	35
<b>IV</b>	<b>Relações com o Exterior</b>	37
	18. Comércio Exterior Brasileiro	37
	19. Comércio Exterior Paranaense	45
	20. Investimento Estrangeiro Direto - IED na Economia Brasileira	51
	21. Dívida Externa Brasileira	52
	22. Reservas Cambiais	53

**TABELAS E GRÁFICOS**

<b>01</b>	Produto Interno Bruto	05
<b>02</b>	Brasil: Produto Interno Bruto por Setor e Subsetor de Atividade	06
<b>03</b>	Brasil: Variação Percentual do PIB Trimestral	06
<b>04</b>	Brasil: Distribuição da Demanda Agregada	07
<b>05</b>	Brasil: Agregados do PIB em valores correntes	08
<b>06</b>	Brasil: Participação percentual dos setores no valor adicionado	08
<b>07</b>	Brasil: Componentes da demanda no PIB	08
<b>08</b>	Brasil: Criação de Empregos por Setor de Atividade Econômica	11
<b>09</b>	Paraná: Criação de Empregos por Setor de Atividade Econômica	12
<b>10</b>	Brasil e Curitiba: Taxa de Desocupação	13
<b>11</b>	Brasil: Salário Mínimo	14
<b>12</b>	Paraná: Salário Mínimo	15
<b>13</b>	Índice de Preços	16
<b>14</b>	Taxa de Inflação e Meta da Inflação	17
<b>15</b>	Variação da Taxa de Juros SELIC do Banco Central	18
<b>16</b>	Poupança	18
<b>17</b>	Bolsa de Valores de São Paulo	19
<b>18</b>	Risco País	20
<b>19</b>	Variação do Dólar	21
<b>20</b>	Variação das Vendas	24
<b>21</b>	Vendas Comparadas ao Mês Anterior	26
<b>22</b>	Vendas Comparadas ao Mesmo Mês do Ano Anterior	26
<b>23</b>	Vendas Acumuladas no ano Comparadas ao Ano Anterior	26
<b>24</b>	Vendas nos Polos de Comércio Pesquisados pela Fecomércio-Pr	26
<b>25</b>	Índice de sondagem do Comércio FGV	27
<b>26</b>	Índice de sondagem do Consumidor FGV	27
<b>27</b>	Índice de Confiança do empresário do comércio CNC	27
<b>28</b>	Intenção de consumo das famílias	27
<b>29</b>	Abertura de Empresas no Paraná	28
<b>30</b>	Falências no Brasil	29
<b>31</b>	Indicador Serasa Experian de Demanda do Consumidor por Crédito	30
<b>32</b>	Indicador Boa Vista de Inadimplência	30
<b>33</b>	Nível de Utilização da Capacidade Produtiva Instalada na Indústria	31
<b>34</b>	Produção Física Industrial – Por Setor	31
<b>35</b>	Evolução da Arrecadação do Governo Federal	33
<b>36</b>	Participação da Carga Tributária no PIB	33
<b>37</b>	Dívida Pública Federal Interna	34
<b>38</b>	Desempenho do Superávit Primário - Governo Federal e Banco Central	35
<b>39</b>	Brasil: Balança Comercial	37
<b>40</b>	Brasil: Intercâmbio Comercial	38
<b>41</b>	Brasil: Intercâmbio Comercial MERCOSUL	39
<b>42</b>	Brasil: Principais Produtos Exportados para o MERCOSUL	40
<b>43</b>	Brasil: Principais Produtos Importados do MERCOSUL	40
<b>44</b>	Exportações Brasileiras para países das três Américas: do Sul, Central e do Norte	41
<b>45</b>	Importações Brasileiras de países das três Américas: do Sul, Central e do Norte	41
<b>46</b>	Brasil: Principais Produtos Exportados	42
<b>47</b>	Brasil: Principais Produtos Importados	42
<b>48</b>	Balança Comercial Brasileira – Com e Sem petróleo e derivados	42
<b>49</b>	Brasil: Exportação por Intensidade Tecnológica	43
<b>50</b>	Brasil: Importação por Intensidade Tecnológica	43
<b>51</b>	Paraná: Balança Comercial e Corrente de comércio	45
<b>52</b>	Paraná: Intercâmbio comercial com o MERCOSUL	46
<b>53</b>	Paraná: Principais Produtos Exportados do MERCOSUL	47
<b>54</b>	Paraná: Principais Produtos Importados do MERCOSUL	47
<b>55</b>	Paraná: Principais Países de destino de Produtos	48
<b>56</b>	Paraná: Principais Produtos Exportados	48
<b>57</b>	Paraná: Principais Blocos Econômicos de Destino e Origem De Produtos	49
<b>58</b>	Paraná: Principais Empresas Exportadoras	49
<b>59</b>	Paraná: Principais Empresas Importadoras	49
<b>60</b>	Paraná: Exportação – Totais por Fator Agregado	50
<b>61</b>	Paraná: Balança Comercial dos Maiores Exportadores Municipais	50
<b>62</b>	Investimento Estrangeiro Direto no Brasil	51
<b>63</b>	Dívida Externa Brasileira	52
<b>64</b>	Brasil: Participação da Dívida Externa	52
<b>65</b>	Brasil: Reservas Cambiais	53

# I. NÍVEL DE ATIVIDADE ECONÔMICA

Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná

## 1. PRODUTO E RENDA

### 1.1. O PIB do Brasil e do Paraná (\*)

O IBGE divulgou o desempenho do PIB do Brasil no 1.º trimestre de 2018. Houve crescimento de 0,4% (1.º trim./2018) em relação ao anterior (4.º trim./ 2017). No período, a Agropecuária expandiu 1,4%; a Indústria cresceu 0,1% e Serviços foi positivo em 0,1%. Por outro lado, na comparação com o 1.º trim./ do ano anterior, 2017, o PIB em 2018 cresceu 1,2%; a Agropecuária caiu 2,6%; a Indústria aumentou 1,6%; e Serviços elevou 1,5%.

As projeções elaboradas no 1.º trimestre sobre o desempenho do PIB do ano de 2018 foram positivas, oscilando entre 2,8% e 3,0%. No entanto, a ocorrência de muitos fatores imprevistos de cunho político e econômico, contribuíram para a continuidade do ambiente recessivo ao final do quinto mês do ano: retração econômica, instabilidade política, incertezas quanto aos resultados das eleições, elevação do dólar (\$) sobre o real (R\$), e as restrições dos EUA às importações de alumínio e aço, fizeram com que as previsões do PIB / 2018 caíssem, passando a oscilar entre 2,0% e 2,5%.

Em 2017, o governo federal adotou mudanças nas políticas econômicas, que possibilitaram elevação do consumo tais como: liberação de saldos de contas inativas do FGTS, mais a liberação dos saldos do PIS/PASEP, a partir da 2.ª quinzena de outubro/2017.

O consumo das famílias-CF que gera importante efeito multiplicador para o aquecimento da demanda interna, cresceu 2,8% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior e, em relação ao trimestre imediatamente anterior cresceu 0,5%. Este fato repercute diretamente, de forma mais intensa, sobre o varejo e respectivos ramos, aumentando vendas ou alterando padrões de consumo até então predominantes de alguns produtos comercializados: redirecionando o consumo de bens alternativos ou substitutos para marcas ou categorias de maior valor agregado. A elevação do CF é importante, mas não o suficiente. Há que se considerar que o consumo do governo caiu em relação aos dois períodos anteriores. Todavia, ocorreu elevação dos investimentos em ramos específicos da indústria (em alguns casos com inovações tecnológicas) e do comércio (supermercados, shoppings-centers, etc.). A formação bruta da capital fixo (FBCF) foi positiva nos dois indicadores de comparação: trimestre imediatamente anterior e mesmo trimestre de 2017.

Acrescente-se aos fatores acima, a ocorrência de fatores positivos em 2017 como: redução da inflação e queda dos juros SELIC (BC); excelentes resultados das contas externas (balança comercial em relação a 2016); elevação da entrada do investimento estrangeiro direto-IED (capital privado do exterior); dívida externa sob gestão adequada (especialmente com a queda da SELIC); menor risco-país; maior oferta de dólares (US\$) no mercado externo em 2017.

TABELA 1 – PRODUTO INTERNO BRUTO (\*)  
(Em R\$ Milhões)

Período	Brasil			Paraná(1)			Participação PR / BR (%)
	Valor a Preços Correntes de Mercado	Variação Nominal Sobre o Ano Anterior (%)	Variação Real (no ano) (%)	Valor a Preços Correntes de Mercado	Variação Nominal Sobre o Ano Anterior (%)	Variação Real no ano (%)	
	1	2	3	4	5	6	7
2009	3.228.168	6,87	-0,1	196.676	5,92	-1,7	6,09
2010	3.748.969	16,13	7,5	225.205	14,51	9,9	6,01
2011	4.272.946	13,98	4,0	257.122	14,17	4,6	6,02
2012	4.703.863	10,08	1,9	285.620	11,08	0,0	6,07
2013	5.331.619	13,35	3,0	333.481	16,76	5,5	6,25
2014	5.778.953	8,39	0,5	348.084	4,38	-1,5	6,02
2015	5.996.000	3,76	-3,5	376.960	8,30	-3,4	6,29
2016	6.259.228	4,39	-3,5	386.957	2,65	-2,4	6,18
2017	6.559.940	4,80	1,0	412.784	6,67	2,1	6,29
2018	1.641.110	8,81	1,3	-	-	-	-

Fonte: Brasil:www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Nacionais Trimestrais – Banco Sidra – Contas Econômicas)  
(Consulta em 30/05/2018)

Brasil: Dados do primeiro Trimestre

Paraná: www.ipardes.gov.br (Consulta em 30/05/2018)

Paraná: 2016 e 2017: estimativas preliminares do IPARDES. Dados sujeitos a alteração

## Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná

## 1. PRODUTO E RENDA

## 1.2. O PIB do Brasil por Setores e Subsetores

TABELA 2 – BRASIL: PRODUTO INTERNO BRUTO POR SETOR DE ATIVIDADE (1)

(A Preços Correntes - Em R\$ Milhões)

Setores e Subsetores	2017 1º Tri	2017 2º Tri	2017 3º Tri	2017 4º Tri	2018 1º Tri	2018 - 1º TRI		Variação 2017/ 2016 (Com ajuste sazonal)
						Variação % trimestre anterior	Participação % do Setor no PIB Total	
<b>AGROPECUÁRIA</b>	<b>96.588</b>	<b>84.001</b>	<b>70.288</b>	<b>48.592</b>	<b>93.946</b>	<b>93,34</b>	<b>5,72</b>	<b>13,0</b>
<b>INDÚSTRIA</b>	<b>288.873</b>	<b>298.308</b>	<b>314.558</b>	<b>310.247</b>	<b>291.651</b>	<b>-5,99</b>	<b>17,77</b>	<b>0,0</b>
1. Extrativa mineral	26.913	25.003	21.266	27.637	32.831	18,80	2,00	4,3
2. Transformação	152.154	165.918	179.025	169.060	148.191	-12,34	9,03	1,7
3. Construção civil	73.439	72.100	75.658	73.991	71.957	-2,75	4,38	-5,0
4. Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	36.367	35.287	38.609	39.560	38.671	-2,25	2,36	0,9
<b>SERVIÇOS</b>	<b>985.571</b>	<b>1.032.770</b>	<b>1.030.711</b>	<b>1.088.049</b>	<b>1.015.037</b>	<b>-6,71</b>	<b>61,85</b>	<b>0,3</b>
1. Comércio	166.388	175.569	184.859	188.595	174.470	-7,49	10,63	1,8
2. Transporte, armazenagem e correio	58.450	61.739	64.542	61.806	59.454	-3,80	3,62	0,9
3. Serviços de informação	44.287	43.757	44.588	47.568	42.353	-10,96	2,58	-1,1
4. Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relativos	116.928	113.114	108.072	110.901	110.664	-0,21	6,74	-1,3
5. Outros serviços(1)	235.454	249.873	254.398	260.211	246.196	-5,39	15,00	0,4
6. Atividades imobiliárias e aluguel	134.675	137.001	138.737	139.394	140.545	0,83	8,56	1,1
7. Administração, saúde e educação públicas	229.389	251.717	235.515	279.574	241.355	-13,67	14,71	-0,6
<b>Impostos líquidos sobre produtos</b>	<b>214.007</b>	<b>215.861</b>	<b>225.811</b>	<b>255.705</b>	<b>240.477</b>	<b>-5,96</b>	<b>14,65</b>	<b>1,3</b>
<b>PIB : preços de mercado</b>	<b>1.585.039</b>	<b>1.630.940</b>	<b>1.641.368</b>	<b>1.702.593</b>	<b>1.641.110</b>	<b>-3,61</b>	<b>100,00</b>	<b>1,0</b>

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores - Contas Nacionais Trimestrais - Valores a Preços Correntes) Valores sujeitos a alteração (Consulta em 30/05/2018)

TABELA 3 – BRASIL: VARIAÇÃO PERCENTUAL DO PIB TRIMESTRAL

Período	Sobre Mesmo Trimestre do ano Anterior	Sobre o Trimestre Anterior			
		PIB TOTAL	Agropecuária	Indústria	Serviços
<b>2014*</b>	--	<b>0,5</b>	<b>2,8</b>	<b>-1,5</b>	<b>1,0</b>
<b>2015*</b>	--	<b>-3,5</b>	<b>3,6</b>	<b>-6,3</b>	<b>-2,7</b>
1º Tri	-1,8	-1,0	6,9	-1,6	-1,3
2º Tri	-3,0	-2,2	-4,0	-4,0	-1,2
3º Tri	-4,5	-1,5	-2,6	-1,5	-1,1
4º Tri	-5,8	-1,2	0,7	-1,7	-0,6
<b>2016*</b>	--	<b>-3,5</b>	<b>-6,6</b>	<b>-3,8</b>	<b>-2,7</b>
1º Tri	-5,4	-0,6	-3,2	-0,8	-0,4
2º Tri	-3,6	-0,3	-1,0	1,0	-0,7
3º Tri	-2,9	-0,7	-2,1	-1,4	-0,5
4º Tri	-2,5	-0,9	1,0	-0,7	-0,8
<b>2017*</b>	--	<b>1,0</b>	<b>13,0</b>	<b>0,0</b>	<b>0,3</b>
1º Tri	0,0	18,5	-1,0	-1,6	1,3
2º Tri	0,4	14,8	-1,9	-0,2	0,6
3º Tri	1,4	9,1	0,4	1,0	0,2
4º Tri	2,1	6,1	2,7	1,7	0,1
<b>2018</b>	--	--	--	--	--
1º Tri	1,2	0,4	1,4	0,1	0,1

Fonte: www.ibge.gov.br - Valores com ajuste sazonal/deflacionados (Indicadores - Contas Nacionais Trimestrais) (Consulta em 30/05/2018)

(1) O segmento sob denominado outros serviços inclui: serviços de alojamento em hotéis e similares; serviços de alimentação; serviços profissionais, científicos e técnicos; pesquisa e desenvolvimento mercantil; aluguéis não imobiliários; outros serviços administrativos; educação mercantil; saúde mercantil; serviços de artes, cultura, esporte e recreação e serviços pessoais; serviços associativos; manutenção de computadores, telefones e objetos domésticos; e serviços domésticos.

\* Valores anuais.

**1. PRODUTO E RENDA****1.3. Demanda Agregada**

A demanda agregada da economia é constituída pela soma de: 1) consumo de famílias; 2) consumo do governo; 3) investimento bruto interno (formação de capital fixo mais variação de estoques); 4) balança comercial: exportações menos importações. O investimento bruto interno-IBI considera investimento público e privado e também o investimento externo no país; todavia, não contabiliza investimentos nacionais em outros países.

Em 2015 e 2016, os componentes da demanda agregada expressavam as limitações da recessão econômica, que vigoravam desde 4.º trim./ 2014, muito acima do previsto pelo governo.

As mudanças na política econômica em 2017, possibilitaram melhoria no consumo. Dentre as mudanças, destacam-se: a liberação de saldos de contas inativas do FGTS e a liberação dos saldos das contas do PIS/PASEP após outubro/2017. Mas o setor privado, foi importante nas contas externas, tendo se destacado com a balança comercial positiva. Junte-se às providências anteriores: a redução da inflação, dos juros SELIC, os excelentes resultados das contas externas da balança comercial (em relação a 2016), e o crescimento do investimento estrangeiro direto-IED (entrada de capital privado do exterior).

O consumo das famílias que cresceu produziu importante efeito multiplicador para aquecer a demanda. Repercutiu diretamente, de forma mais intensa, sobre o varejo e respectivos segmentos, aumentando vendas ou alterando padrões de produtos comercializados: redirecionando o consumo de bens alternativos ou substitutos para marcas ou categorias de maior valor agregado. O consumo das famílias representa desde 2014 um percentual acima de 63% da demanda agregada.

Em 2017, 3.º e 4.º trimestres ocorreram elevações substanciais no Investimento-FBKF, após 15 trimestres consecutivos de queda. Em 2018, 1.º trimestre, o crescimento foi mantido. Em parte, esses dois resultados (CF e IBI) podem ser associado à recuperação de 2017 (PIB cresceu 1,0%), com efeitos complementares para o ano corrente. O que não estava previsto em 2017, que teve boa performance institucional, foi a queda da estabilidade institucional que veio a se deteriorar a partir de março-abril / 2018.

A balança comercial-BC apresentou superávit em 2018, 1.º trimestre.

Foram mantidas as dificuldades nas contas do setor público em 2017 e 2018 (1.º trim.), nos três níveis de governo comprometendo gastos públicos em Consumo e Investimento. Nos Estados ou municípios nos quais houveram atrasos nos salários, o CF sofreu queda ou adiamento. Uma alternativa a ser considerada em relação à FBKF é a implementação de "parcerias público-privadas", as 'PPP's, pelas quais parcela dos gastos em investimentos poderiam ser assumidos pelo setor privado, permitindo melhorar indicadores da infraestrutura. Ao governo caberia definir contratos que expressassem à sociedade, sob regulamentação explícita, as obrigações e compromissos mútuos dos contratantes, a serem acompanhados por agências reguladoras.

**TABELA 4 – BRASIL: DISTRIBUIÇÃO DA DEMANDA AGREGADA**  
(A Preços Correntes - Em R\$ bilhões)

Tipo de Demanda	2016 2ºTri	2016 3ºTri	2016 4ºTri	2017 1ºTri	2017 2ºTri	2017 3ºTri	2017 4ºTri	2018 1ºTri
<b>Consumo das famílias</b>	<b>960,0</b>	<b>1.009,6</b>	<b>1.042,2</b>	<b>1.003,6</b>	<b>1.021,1</b>	<b>1.048,8</b>	<b>1.089,5</b>	<b>1.046,3</b>
<b>Consumo do Governo</b>	<b>307,9</b>	<b>303,4</b>	<b>369,3</b>	<b>307,7</b>	<b>331,9</b>	<b>311,9</b>	<b>370,8</b>	<b>305,5</b>
<b>Investimento Bruto Interno</b>	<b>248,3</b>	<b>259,9</b>	<b>218,5</b>	<b>271,1</b>	<b>242,4</b>	<b>265,4</b>	<b>239,1</b>	<b>287,5</b>
Formação bruta de capital fixo	256,7	260,5	254,8	248,6	248,8	263,9	268	263,2
Variação de estoque	-8,4	-0,5	-36,3	22,4	-6,4	1,4	-28,9	24,3
<b>Balança Comercial</b>	<b>14,2</b>	<b>7,3</b>	<b>0,6</b>	<b>12,2</b>	<b>35,6</b>	<b>15,2</b>	<b>3,1</b>	<b>1,9</b>
Exportações	207,4	192,9	185,1	192,5	216,2	210,5	205,4	210,3
Importações (-)	193,2	185,6	184,5	180,3	180,6	195,2	202,2	208,4
<b>Demanda Agregada Total</b>	<b>1.530,4</b>	<b>1.580,2</b>	<b>1.630,6</b>	<b>1.594,5</b>	<b>1.630,9</b>	<b>1.641,4</b>	<b>1.702,6</b>	<b>1.641,1</b>

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Nacionais Trimestrais – Valores a Preços Correntes) (Consulta em 30/05/2018)

## Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná

## 1.4. Brasil: Grandes Agregados- Evolução de Oferta e Demanda

TABELA 5 – Brasil: Agregados do PIB em valores correntes  
(A Preços Correntes - Em R\$ Milhões)

Período	Agropecuária	Indústria	Serviços	Va	Impostos líquidos sobre produtos	PIB pm	Despesa de consumo das famílias	Despesa de consumo da administração pública	Formação bruta de capital fixo	Variação de estoques	Exportação de bens e serviços	Importação de bens e serviços (-)
2009	149.213	729.222	1.971.328	2.849.763	483.277	3.333.039	2.065.033	654.964	636.676	-10.193	361.680	375.120
2010	159.932	904.158	2.238.750	3.302.840	583.007	3.885.847	2.340.167	738.966	797.946	49.220	417.270	457.722
2011	190.024	1.011.034	2.519.403	3.720.461	655.921	4.376.382	2.637.814	817.038	901.927	53.274	501.802	535.473
2012	200.695	1.065.682	2.827.882	4.094.259	720.501	4.814.760	2.956.834	892.180	997.460	33.728	563.474	628.916
2013	240.290	1.131.626	3.181.844	4.553.760	777.859	5.331.619	3.290.422	1.007.275	1.114.944	41.685	620.077	742.784
2014	249.975	1.183.094	3.539.665	4.972.734	806.219	5.778.953	3.638.404	1.106.874	1.148.453	39.030	636.375	790.183
2015	258.967	1.160.772	3.735.862	5.155.601	840.186	5.995.787	3.835.193	1.185.776	1.069.397	-25.433	773.468	842.614
2016	306.163	1.144.111	3.957.736	5.408.010	851.218	6.259.228	4.007.330	1.262.802	1.009.176	-46.053	782.067	756.094
2017	299.469	1.211.986	4.137.102	5.648.557	911.384	6.559.940	4.161.220	1.315.136	1.025.615	-8.640	824.425	757.816
2018 1º Tri	93.946	291.651	1.015.037	1.400.633	240.477	1.641.110	1.046.311	305.454	263.155	24.312	210.278	208.400

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Nacionais Trimestrais – Publicação completa) (Consulta em 30/05/2018)

TABELA 6 – BRASIL: Participação percentual dos setores no valor adicionado

Especificação	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018 1º Tri
<b>AGROPECUÁRIA</b>	<b>6,1</b>	<b>4,8</b>	<b>5,1</b>	<b>4,9</b>	<b>5,3</b>	<b>5,0</b>	<b>5,0</b>	<b>5,7</b>	<b>5,3</b>	<b>6,7</b>
<b>INDÚSTRIA</b>	<b>25,4</b>	<b>27,4</b>	<b>27,2</b>	<b>26,0</b>	<b>24,9</b>	<b>23,8</b>	<b>22,5</b>	<b>21,2</b>	<b>21,5</b>	<b>20,8</b>
Extrativa Mineral	1,3	3,3	4,4	4,5	4,2	3,7	2,1	1,1	1,8	2,3
Transformação	15,8	15,0	13,9	12,6	12,3	12,0	12,2	11,9	11,8	10,6
Construção Civil	4,9	2,8	2,7	2,4	2,0	1,9	2,4	2,7	2,7	2,8
Prod. e distrib. de eletricidade, gás, água, esgoto e limp. urb.	3,4	6,3	6,3	6,5	6,4	6,2	5,7	5,4	5,2	5,1
<b>SERVIÇOS</b>	<b>68,5</b>	<b>67,8</b>	<b>67,7</b>	<b>69,1</b>	<b>69,9</b>	<b>71,2</b>	<b>72,5</b>	<b>73,2</b>	<b>73,2</b>	<b>72,5</b>
Comércio	11,8	12,6	12,9	13,4	13,5	13,6	13,3	12,9	12,7	12,5
Transporte, armazenagem e correio	5,1	4,3	4,4	4,5	4,5	4,6	4,4	4,3	4,4	4,2
Serviços de informação	3,7	3,8	3,7	3,6	3,5	3,4	3,4	3,2	3,2	3,0
Intermediação financeira, seguros, prev. complementar e Serv. Relac.	7,3	6,8	6,4	6,4	6,0	6,4	7,1	8,2	7,9	7,9
Outros Serviços	15,1	8,3	8,4	8,8	9,2	9,3	9,7	9,7	9,7	10,0
Ativ. imobiliárias e aluguéis	8,4	15,7	15,9	16,5	16,9	17,4	17,4	17,3	17,7	17,6
Adm., saúde e educação públicas	17,0	16,3	16,1	15,9	16,4	16,4	17,2	17,5	17,6	17,2
<b>Valor adicionado a Preços Básicos</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Impostos sobre Produtos	16,2	17,7	17,6	17,6	17,1	16,2	16,3	15,7	16,1	17,2
<b>PIB a Preços de Mercado</b>	<b>116,2</b>	<b>117,7</b>	<b>117,6</b>	<b>117,6</b>	<b>117,1</b>	<b>116,2</b>	<b>116,3</b>	<b>115,7</b>	<b>116,1</b>	<b>117,2</b>

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Nacionais Trimestrais – Publicação completa) (Consulta em 30/05/2018)

TABELA 7 – BRASIL: Componentes da demanda no PIB (%)

Período	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018 1º Tri
Consumo das famílias	62,0	60,2	60,3	61,4	61,7	63,0	64,0	64,0	63,4	63,8
Consumo do governo	19,7	19,0	18,7	18,5	18,9	19,2	19,8	20,2	20,0	18,6
FBCF+variação de Estoques	18,8	21,8	21,8	21,4	21,7	20,5	17,4	16,1	15,6	17,5
Exportações de bens e serviços	10,9	10,7	11,5	11,7	11,6	11,0	12,9	12,5	12,6	12,8
Importações de bens e serviços	(11,3)	(11,8)	(12,2)	(13,1)	(13,9)	(13,7)	(14,1)	(12,1)	(11,6)	(12,7)
<b>PIB a preços de mercado</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Nacionais Trimestrais – Publicação completa) (consulta em 30/05/2018)



## 1.5 Paraná: Grandes Agregados

**PARANÁ E OS GRANDES AGREGADOS DAS CONTAS NACIONAIS:  
PIB E VALOR AGREGADO**

O que está contido nas Tabelas I, II, III, e IV, a seguir, se refere aos dados oficiais existentes a respeito do Produto Interno Bruto e Valor Agregado da economia do Estado do Paraná no período 2010 a 2015 (seis anos). Os dados foram divulgados pelo IBGE, que é a entidade do governo responsável pelo cálculo das Contas Nacionais.

O Produto Interno Bruto se refere ao conjunto de bens e serviços produzidos em um espaço geoeconômico, pela estrutura produtiva de bens e serviços existente, em um determinado período de tempo. Os setores de atividade econômica que compõem e integram o Produto Interno Bruto de uma economia são: PIB da Agricultura (setor Primário); PIB da Indústria (setor Secundário); e PIB de Serviços (setor Terciário). Essa classificação segue o modelo de Contas Nacionais da ONU, utilizado por todos os países quando quantificam ou comparam o desempenho de suas economias. O PIB é quantificado sempre a preços de mercado, ou seja, inclui a chamada tributação líquida, ou seja, Impostos Indiretos menos Subsídios= II -S.

Por outro lado, o Valor Agregado (V.A), é uma outra forma de mensuração do PIB, só que ele é a quantificação na conceituação de custo de fatores, ou seja o V.A não considera os impostos indiretos nem os subsídios (II-S), é quantificado conforme os custos efetivos dos fatores de produção. O Valor Agregado é menor que o PIB, dado que não inclui Impostos Indiretos e nem subsídios. (II são maiores que os Subsídios).

**TABELA I – PARANÁ: Valor adicionado (valores correntes - R\$ Milhões)**

	2010			2011			2012		
	Valor corrente	% sobre o ano anterior	Participação % no Setor	Valor corrente	% sobre o ano anterior	Participação % no Setor	Valor corrente	% sobre o ano anterior	Participação % no Setor
<b>TOTAL DAS ATIVIDADES</b>	192.925	-	-	218.851	13,44	-	242.927	11,00	-
<b>AGROPECUÁRIA</b>	<b>17.801</b>	-	<b>9,23*</b>	<b>20.735</b>	<b>16,48</b>	<b>9,47*</b>	<b>22.230</b>	<b>7,21</b>	<b>9,15*</b>
Agricultura, apoio à agricultura e pós-colheita	11.688	-	65,66	14.725	25,99	71,01	15.709	6,68	70,66
Pecuária, inclusive apoio à Pecuária	4.027	-	22,62	4.455	10,63	21,48	4.979	11,76	22,40
Produção florestal, pesca e aquicultura	2.087	-	11,72	1.555	-25,47	7,50	1.543	-0,83	6,94
<b>INDÚSTRIA</b>	<b>54.221</b>	-	<b>28,10*</b>	<b>62.005</b>	<b>14,36</b>	<b>28,33*</b>	<b>64.971</b>	<b>4,78</b>	<b>26,74*</b>
Extrativas	267	-	0,49	361	35,08	0,58	435	20,51	0,67
Transformação	33.819	-	62,37	38.288	13,21	61,75	36.285	-5,23	55,85
Eletricidade e gás, água, esgoto, gestão de resíduos e descontaminação	9.235	-	17,03	9.799	6,11	15,80	11.367	16,01	17,50
Construção	10.900	-	20,10	13.557	24,38	21,86	16.883	24,54	25,99
<b>SERVIÇOS</b>	<b>120.902</b>	-	<b>65,67*</b>	<b>136.111</b>	<b>12,58</b>	<b>62,19*</b>	<b>155.727</b>	<b>14,41</b>	<b>64,10*</b>
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	30.207	-	24,98	33.292	10,21	24,46	37.954	14,00	24,37
Transporte, armazenagem e correio	9.045	-	7,48	10.323	14,12	7,58	12.307	19,22	7,90
Alojamento e alimentação	2.906	-	2,40	3.769	29,67	2,77	5.072	34,58	3,26
Informação e comunicação	5.523	-	4,57	5.690	3,01	4,18	5.756	1,16	3,70
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	10.001	-	8,27	10.818	8,17	7,95	11.843	9,48	7,61
Atividades imobiliárias	16.027	-	13,26	17.870	11,50	13,13	20.463	14,51	13,14
Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares	12.061	-	9,98	14.638	21,37	10,75	16.416	12,15	10,54
Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	23.733	-	19,63	26.956	13,58	19,80	30.958	14,85	19,88
Educação e saúde privadas	5.526	-	4,57	6.319	14,35	4,64	7.515	18,94	4,83
Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços	3.598	-	2,98	3.928	9,18	2,89	4.595	16,97	2,95
Serviços domésticos	2.275	-	1,88	2.508	10,28	1,84	2.846	13,46	1,83

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Regionais) (consulta em 13/06/2018)

(\*) Valores correspondentes à participação no valor agregado total do Paraná

## Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná

## 1.5 Paraná: Grandes Agregados

TABELA II – PARANÁ: Valor adicionado (valores correntes - R\$ Milhões)

	2013			2014			2015		
	Valor corrente	% sobre o ano anterior	Participação % no Setor	Valor corrente	% sobre o ano anterior	Participação % no Setor	Valor corrente	% sobre o ano anterior	Participação % no Setor
<b>TOTAL DAS ATIVIDADES</b>	287.679	18,42	-	301.107	4,67		326.627	8,48	
<b>AGROPECUÁRIA</b>	<b>29.915</b>	<b>34,57</b>	<b>10,40*</b>	<b>28.600</b>	<b>-4,40</b>	<b>9,50*</b>	<b>29.394</b>	<b>2,78</b>	<b>9,00*</b>
Agricultura, apoio à agricultura e pós-colheita	21.801	38,78	72,88	19.468	-10,70	68,07	20.358	4,57	69,26
Pecuária, inclusive apoio à Pecuária	6.477	30,10	21,65	7.255	12,00	25,37	7.220	-0,47	24,56
Produção florestal, pesca e aquicultura	1.637	6,10	5,47	1.877	14,69	6,56	1.816	-3,26	6,18
<b>INDÚSTRIA</b>	<b>74.996</b>	<b>15,43</b>	<b>26,07*</b>	<b>75.758</b>	<b>1,02</b>	<b>25,16*</b>	<b>83.080</b>	<b>9,66</b>	<b>25,44*</b>
Extrativas	434	-0,16	0,58	492	13,24	0,65	565	14,85	0,68
Transformação	46.998	29,52	62,67	47.601	1,28	62,83	50.518	6,13	60,81
Eletricidade e gás, água, esgoto, gestão de resíduos e descontaminação	11.382	0,13	15,18	10.301	-9,50	13,60	14.251	38,35	17,15
Construção	16.183	-4,15	21,58	17.365	7,31	22,92	17.746	2,19	21,36
<b>SERVIÇOS</b>	<b>182.767</b>	<b>17,36</b>	<b>63,53*</b>	<b>196.748</b>	<b>7,65</b>	<b>65,34*</b>	<b>214.153</b>	<b>8,85</b>	<b>65,57*</b>
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	45.720	20,46	25,02	48.477	6,03	24,64	49.889	2,91	23,30
Transporte, armazenagem e correio	12.944	5,18	7,08	13.740	6,15	6,98	16.796	22,23	7,84
Alojamento e alimentação	5.705	12,48	3,12	6.040	5,88	3,07	5.619	-6,99	2,62
Informação e comunicação	7.608	32,18	4,16	8.051	5,82	4,09	8.741	8,58	4,08
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	12.916	9,05	7,07	14.162	9,65	7,20	15.181	7,19	7,09
Atividades imobiliárias	25.645	25,32	14,03	27.572	7,51	14,01	29.945	8,61	13,98
Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares	19.373	18,01	10,60	20.311	4,84	10,32	22.477	10,67	10,50
Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	35.988	16,25	19,69	40.603	12,82	20,64	43.811	7,90	20,46
Educação e saúde privadas	9.485	26,22	5,19	9.409	-0,80	4,78	12.459	32,41	5,82
Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços	4.657	1,35	2,55	5.199	11,63	2,64	5.783	11,24	2,70
Serviços domésticos	2.727	-4,18	1,49	3.184	16,76	1,62	3.453	8,44	1,61

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Regionais) (consulta em 13/06/2018)

(\*) Valores correspondentes à participação no valor agregado total do Paraná

TABELA III: Participação do comércio de bens, serviços e turismo no Valor agregado da economia paranaense Ano: 2015 em R\$ Milhões			
	Valor corrente	Participação % no Setor	Participação % no Valor Agregado total do PR
<b>TOTAL DO SETOR SERVIÇOS OU TERCIÁRIO</b>	<b>214.153</b>	<b>-</b>	<b>65,57</b>
<b>Ramos do comércio de bens, serviços e turismo*</b>			
1. Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	49.889	23,30	15,27
2. Alojamento e alimentação	5.619	2,62	1,72
3. Atividades imobiliárias	29.945	13,98	9,17
4. Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares	22.477	10,50	6,88
5. Educação e saúde privadas	12.459	5,82	3,81
6. Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços	5.783	2,70	1,77
7. Serviços domésticos	3.453	1,61	1,06
<b>Total de 1 a 7</b>	<b>129.624</b>	<b>60,53</b>	<b>39,69</b>

(\*) Do conjunto de componentes do setor serviços ou terciário não foram considerados em "bens, serviços e turismo" os ramos de:

1. Transporte, armazenagem e correio;
2. Informação e comunicação;
3. Atividades financeiras, de seguro e serviços relacionados;
4. Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social.

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Regionais) (consulta em 13/06/2018)

TABELA IV – PARANÁ: PIB (R\$ Milhões)				
	Valor a Preços Correntes de Mercado	Varição Nominal Sobre o Ano Anterior (%)	Varição Real no ano (%)	Participação PR / BR (%)
<b>2011</b>	257.122	14,17	4,6	6,02
<b>2012</b>	285.620	11,08	0,0	6,07
<b>2013</b>	333.481	16,76	5,5	6,25
<b>2014</b>	348.084	4,38	-1,5	6,02
<b>2015</b>	376.960	8,30	-3,4	6,29
<b>2016</b>	402.339	2,65	-2,3	6,43
<b>2017</b>	415.789	6,67	2,5	6,34

www.ipardes.gov.br (Consulta em 13/06/2018)

Paraná: 2016 e 2017: estimativas preliminares do IPARDES. Dados sujeitos a alteração

## 2. MERCADO DE TRABALHO

### 2.1. Mercado de Trabalho Brasileiro

Dentre os indicadores do mercado de trabalho no Brasil está a “criação de empregos” que, corresponde ao número de empregados admitidos menos os demitidos, fornecido pelo CAGED/MTE-Ministério do Trabalho e Emprego.

A criação de empregos no Brasil em 2018/1.º quadrimestre, melhorou em relação ao mesmo período de 2017, conforme os números da Tabela 8. O total do CAGED no quadrimestre foi a criação de 336.855 vagas.

As categorias de mercados, em abordagem macroeconômica, correspondem aos segmentos: 1) mercado de bens e serviços, onde ocorrem a produção, a demanda e a oferta; 2) mercado monetário-financeiro: oferta e demanda de moeda; 3) mercado de crédito: empréstimos a pessoas físicas e jurídicas; 4) mercado de capitais: ações e bolsa de valores; 5) mercado externo: exportações e importações; 6) mercado de trabalho: oferta e demanda de mão-de-obra, emprego e utilização da força de trabalho; 7) mercado cambial: oferta e demanda de divisas.

Devido fatores sazonais, dezembro gera poucos empregos na Indústria de Transformação, pois as encomendas do varejo para o final do ano: Black Friday, Natal, etc., ocorrem preferencialmente em agosto/outubro. Todavia, para o mercado externo, via exportações, não ocorre queda substancial na indústria de Transformação, podendo manter empregos. A sazonalidade também reduz empregos no 1.º tri., período em que Indústria e Comércio avaliam tendências da economia para o restante do ano e daí restringindo empregos em relação aos demais meses.

O Comércio tradicionalmente gera mais vagas temporárias no final de ano (e datas comemorativas) e demite pouco nesses períodos, até como estratégia de atendimento da demanda mais aquecida no período. Na verdade, a recessão em 2015/2016, contribuiu para conter ou adiar investimentos do biênio, em um ambiente de incertezas, que restringiu empregos e consumo.

As perspectivas economia brasileira para 2018, que apontavam para uma inversão de tendência até o 1.º trimestre do corrente ano, especialmente pela queda da inflação, redução dos juros e aumento do PIB em 2017, parecem agora ter se contraído, devido fatores de contenção surgidos e ocorrência de crises imprevistas como: bloqueio dos EUA a produtos brasileiros, preço do petróleo, greve dos caminhoneiros, indefinições e instabilidades no ambiente político-eleitoral.

**TABELA 8 – BRASIL: CRIAÇÃO DE EMPREGOS POR SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA**  
(Número de Empregos Admitidos menos o Número de Demitidos)

Setor	2013	2014	2015	2016	2017	2018 Jan-Abr
<b>INDÚSTRIA</b>	<b>244.446</b>	<b>-267.816</b>	<b>-1.048.250</b>	<b>-705.780</b>	<b>-134.293</b>	<b>142.832</b>
Extrativa Mineral	2.680	-2.348	-14.039	-11.888	-5.868	1.050
Transformação	126.359	-163.817	-608.878	-322.526	-19.900	101.369
Serviços Industriais de Utilidade Pública	8.383	4.825	-8.374	-12.687	-4.557	3.089
Construção Civil	107.024	-106.476	-416.959	-358.679	-103.968	37.324
<b>SERVIÇOS</b>	<b>870.853</b>	<b>665.179</b>	<b>-503.942</b>	<b>-603.125</b>	<b>76.457</b>	<b>196.583</b>
Comércio	301.095	180.814	-218.650	-204.373	40.087	-66.555
Administração Pública	22.841	8.257	-9.238	-8.643	-575	14.222
Outros Serviços (*)	546.917	476.108	-276.054	-390.109	36.945	248.916
<b>AGROPECUÁRIA</b>	<b>1.872</b>	<b>-370</b>	<b>9.821</b>	<b>-13.089</b>	<b>37.004</b>	<b>-2.560</b>
<b>TOTAL</b>	<b>1.117.171</b>	<b>396.993</b>	<b>-1.542.371</b>	<b>-1.321.994</b>	<b>-20.832</b>	<b>336.855</b>

Fonte: [www.mte.gov.br](http://www.mte.gov.br) (Consulta em 25/05/2018)

(\*) **Outros Serviços** conforme o CAGED, é formado por: a) Instituições financeiras; b) administração de imóveis e serviços técnicos profissionais; c) transporte e comunicação; d) alojamento, alimentação reparação e manutenção; e) médicos odontológicos; f) ensino. (\*) CAGED

**2. MERCADO DE TRABALHO****2.2. Mercado de Trabalho Paranaense**

O total de empregos criados no Paraná (CAGED) no 1.º quadrimestre/ 2018 superou o mesmo período do ano anterior e também ao total do ano anterior. Os setores/ramos que mais criaram empregos no Paraná no 1.º quadrimestre estão descritos na Tabela 9.

No biênio 2015/2016, os empregos criados no Paraná foram negativos, situação inversa à ocorrida de 2008 a 2014, quando houve em alguns ramos uma demanda de mão-de-obra acima da oferta. Até meados de 2014, foi comum o trabalhador optar pelo emprego em função da melhor remuneração e benefícios paralelos como: assistência-saúde, vale-alimentação e transporte.

Havia uma expectativa dos agentes econômicos de crescimento da economia em 2018 em relação ao verificado em 2017. Verificava-se a existência de espaço para esse crescimento, especialmente considerando as inter-relações do agronegócio na economia do Estado e os decorrentes efeitos multiplicadores. No entanto, devido fatores de contenção surgidos e ocorrência de crises imprevistas sobrepostas como: bloqueio dos EUA a produtos brasileiros (aço e alumínio); preço do petróleo no mercado mundial; preço dos derivados no mercado interno: gasolina, diesel, querosene, gás de cozinha; greve dos caminhoneiros e seus efeitos no faturamento do sistema de produção; ampliação de custos de transportes e logística; queda nas previsões de crescimento do PIB em 2018 ( de 2,9% a 3,0% para 1,9% a 2,0%); indefinições e instabilidades no ambiente político-eleitoral relacionado às eleições de outubro próximo; as previsões anteriores ficam todas comprometidas e passam a requerer uma revisão pelo setor público e pelo setor privado.

**TABELA 9 – PARANÁ: CRIAÇÃO DE EMPREGOS POR SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA**  
(Número de Empregos Admitidos menos o Número de Demitidos)

Período	Indústria (1)	Serviços				Agropecuária e Outros	Total
		Comércio Varejista	Comércio Atacadista	Administração Pública (2)	Outros Serviços (3)		
<b>2009</b>	<b>21.264</b>	<b>18.572</b>	<b>4.183</b>	<b>2.069</b>	<b>27.377</b>	<b>-4.381</b>	<b>69.084</b>
<b>2010</b>	<b>41.527</b>	<b>33.831</b>	<b>5.159</b>	<b>340</b>	<b>53.125</b>	<b>-2.375</b>	<b>131.607</b>
<b>2011</b>	<b>36.721</b>	<b>26.672</b>	<b>6.597</b>	<b>1.876</b>	<b>51.557</b>	<b>493</b>	<b>123.916</b>
<b>2012</b>	<b>41.809</b>	<b>26.864</b>	<b>5.910</b>	<b>1.573</b>	<b>50.357</b>	<b>6.110</b>	<b>132.623</b>
<b>2013</b>	<b>18.711</b>	<b>22.254</b>	<b>5.881</b>	<b>2.112</b>	<b>39.196</b>	<b>2.195</b>	<b>90.349</b>
<b>2014</b>	<b>-4.969</b>	<b>9.779</b>	<b>3.728</b>	<b>586</b>	<b>32.050</b>	<b>-162</b>	<b>41.012</b>
<b>2015</b>	<b>-62.118</b>	<b>-13.526</b>	<b>482</b>	<b>162</b>	<b>-4.659</b>	<b>2.516</b>	<b>-77.143</b>
<b>2016</b>	<b>-33.134</b>	<b>-8.059</b>	<b>247</b>	<b>-137</b>	<b>-11.826</b>	<b>-1.500</b>	<b>-54.409</b>
<b>2017</b>	<b>-402</b>	<b>1.869</b>	<b>2.030</b>	<b>-39</b>	<b>7.752</b>	<b>917</b>	<b>12.127</b>
Abr	2.685	1.624	-137	171	2.485	-86	6.742
Mai	1.897	-143	-48	177	57	439	2.379
Jun	-2.728	-782	-396	-43	-59	447	-3.561
Jul	17	-45	147	-181	772	249	959
Ago	501	585	124	-324	432	-138	1.180
Set	2.373	1.406	472	170	-767	-853	2.801
Out	592	2.338	536	-32	1.381	-66	4.749
Nov	-1.632	3.042	156	-50	218	-301	1.433
Dez	-14.461	-1.208	-712	-442	-7.471	-709	-25.003
<b>2018</b>	<b>15.696</b>	<b>-2.396</b>	<b>2.538</b>	<b>22</b>	<b>20.254</b>	<b>617</b>	<b>36.731</b>
Jan	7.017	-2.052	891	43	5.438	300	11.637
Fev	1.996	-1.860	1.045	122	6.115	285	7.703
Mar	2.716	-109	277	-13	4.059	-416	6.514
Abr	2.855	1.537	270	-126	4.301	391	9.228

Fonte: www.mte.gov.br (Consulta em 25/05/2018)- Valores sujeitos à alterações.

(1) Indústria compreende os ramos: 1) extrativa mineral; 2) transformação; 3) serviços industriais de utilidade pública; 4) construção civil.

(2) Compreende: administração pública, saúde e educação pública.

(3) O CAGED estabelece: a) Instituições financeiras; b) administração de imóveis e serviços técnicos profissionais; c) transporte e comunicação; d) alojamento, alimentação reparação e manutenção; e) médicos odontológicos; f) ensino.

(\*) Resultados acrescidos de ajustes conforme CAGED; a variação relativa tem por base: estoques do mês atual e de dezembro do ano t-1, ambos com ajuste.

(\*\*) A diferença entre a somatória total anual e os números dos meses respectivos se deve a ajustes efetuados pelo CAGED, entidade que fornece os dados.

**2. MERCADO DE TRABALHO****2.3. Taxa de desocupação**

Houve crescimento da "taxa de desocupação" do 1.º trimestre/2018 quando comparado aos 3(três) trimestres anteriores (desde o 2.º tri/2017), conforme Tabela 10.1(\*), atingindo 13.700.000 desocupados. O índice PNAD- Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios é utilizado para cálculo da Taxa de Desocupação, conceito mais amplo que a taxa de desemprego e que contempla um número maior de cidades.

A PNAD do trimestre fevereiro-abril/2018 atingiu 12,9%, menor que o trimestre janeiro/2018. cujo valor atingiu, 13,1%.

No Paraná, a taxa de desocupação desde 2015 tem sido menor que a brasileira (até 1.º trimestre / 2017). No entanto, a desocupação no Paraná, comparada à da região Sul, desde 2015, até 1.º trimestre de 2018, superou a da região Sul. A destacar, a menor desocupação em Santa Catarina.

TABELA 10- BRASIL E CURITIBA: TAXA DE DESEMPREGO		
Período	Taxa de Desemprego Variação %	
	Brasil	RM Curitiba (1)
2006	10,0	6,9
2007	9,3	6,2
2008	7,9	5,4
2009	8,1	5,4
2010	6,8	4,5
2011	6,0	3,7
2012	5,5	3,9
2013	5,4	--
2014	4,8	--
2015	6,8	--

TABELA 10.1 - PNAD: TAXA DE DESOCUPAÇÃO				
Período	Taxa de Desocupação Variação %			Desocupados (em milhares)
	Brasil	Sul	Paraná	Brasil
2015 1º Tri	7,94	5,10	5,30	7.934
2º Tri	8,31	5,52	6,20	8.354
3º Tri	8,88	5,99	6,10	8.979
4º Tri	8,96	5,70	5,80	9.073
<b>2015</b>	<b>8,52</b>	<b>5,58</b>	<b>5,90</b>	<b>8.585</b>
2016 1º Tri	10,90	4,75	8,10	11.089
2º Tri	11,30	5,17	8,20	11.586
3º Tri	11,80	5,04	8,50	12.022
4º Tri	12,00	4,94	8,10	12.342
<b>2016</b>	<b>11,50</b>	<b>5,00</b>	<b>8,20</b>	<b>11.760</b>
2017 1º Tri	13,70	9,29	10,30	14.176
2º Tri	13,00	8,40	8,90	13.486
3º Tri	12,40	7,9	8,5	12.961
4º Tri	11,80	7,7	8,3	12.311
<b>2017</b>	<b>12,70</b>	<b>8,3</b>	<b>9,0</b>	<b>13.234</b>
2018 1º Tri	13,1	8,4	9,6	13.689
Fev-Mar-Abr	12,9	-	-	13.400

(\*) A seguir, detalhes sobre os conceitos utilizados na Tabela 10.1.

-Taxa de desocupação: Percentual de pessoas desocupadas em relação às pessoas na força de trabalho,  $[\text{Desocupados} / \text{força de trabalho}] \times 100$ .

-Pessoas desocupadas: São classificadas como desocupadas na semana de referência as pessoas sem trabalho nessa semana, que tomaram alguma providência efetiva para consegui-lo no período de referência de 30 dias e que estavam disponíveis para assumi-lo na semana de referência. Consideram-se, também, como desocupadas as pessoas sem trabalho na semana de referência que não tomaram providência efetiva para conseguir trabalho no período de 30 dias porque já haviam conseguido trabalho que iriam começar após a semana de referência.

-Pessoas na força de trabalho: As pessoas na força de trabalho na semana de referência compreendem as pessoas ocupadas e as pessoas desocupadas no período.

Fontes: Brasil: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) - (Indicadores - Trabalho e rendimento - mensal) - (Consulta em 25/05/2018).  
RM Curitiba: [www.ipardes.gov.br](http://www.ipardes.gov.br) - (Indicadores Econômicos - Mercado de Trabalho) - (Consulta em 25/05/2018)

(1) IPARDES é o órgão responsável pelos dados do desemprego na Região Metropolitana de Curitiba.

### 3. NÍVEL DE SALÁRIO

#### 3.1. Salário Mínimo no Brasil

O salário mínimo, com correção anual definida pelo governo federal, tem a variação definida pela inflação acumulada nos 12 meses anteriores e mais um percentual variável de produtividade. É um valor de referência para a remuneração no país.

Os trabalhadores do comércio têm sua remuneração estabelecida a partir de uma correção igual ao valor da inflação sobre o salário anterior mais os percentuais de itens negociados na data base entre os sindicatos representativos das categorias de trabalhadores e de empresários do comércio. O início da vigência do novo salário possibilita um adicional na massa de salários para os trabalhadores e um correspondente aumento no poder de compra desses trabalhadores.

De 2005 a 2010, o percentual de reajuste foi superior à inflação dos doze meses anteriores, representando um aumento real de salários e no poder aquisitivo da população que tem o salário mínimo como referência de remuneração. Em 2011, o reajuste foi menor que a inflação. De 2012 a 2014 o reajuste do salário mínimo foi maior que a inflação de referência.

TABELA 11 – BRASIL: SALÁRIO MÍNIMO

Período	Valores em R\$	Variação (%)	Equivalência em US\$ (1)	Cotação do Dólar	Início da Vigência	Inflação no Período (%) (2)
2007	380,00	8,57	187,56	2,026	1/5/2007	3,21
2008	415,00	9,21	246,88	1,681	1/3/2008	3,77
2009	465,00	12,05	198,13	2,347	1/2/2009	5,32
2010	510,00	9,68	295,82	1,724	1/1/2010	3,81
2011	545,00	6,86	327,52	1,664	1/3/2011	7,54
2012	622,00	14,13	333,05	1,867	1/1/2012	4,86
2013	678,00	8,26	332,11	2,041	2/1/2013	5,84
2014	724,00	6,78	302,06	2,397	1/1/2014	5,91
2015	788,00	8,84	307,59	2,562	1/1/2015	6,41
2016	880,00	11,67	217,93	4,038	1/1/2016	10,67
2017	937,00	6,48	286,29	3,273	1/1/2017	6,29
2018	954,00	1,81	291,82	3,269	1/1/2018	2,95

Fonte: www.mte.gov.br – (Emprego e Renda – Salário Mínimo) (Consulta em 05/01/2018)

O salário mínimo –SM, foi criado pelo Decreto-Lei nº 2162 de 01/05/1940, passando a vigorar desde então. O país foi então dividido em 22 regiões (20 estados da época, mais território do Acre e Distrito Federal); os estados foram divididos em sub-regiões, num total de 50 sub-regiões. Para cada sub-região fixou-se um valor de SM, num total de 14 valores distintos para o Brasil. A relação entre maior e menor valor em 1940 era de 2,67. A primeira tabela do SM teve vigência de três anos; em julho de 1943 houve o primeiro reajuste, seguido de outro em dezembro do mesmo ano.

Em maio de 1984 ocorreu a unificação do SM no país. A partir de 1990, apesar dos altos índices de inflação, as políticas salariais buscaram garantir o poder de compra do SM, que apresentou crescimento real de 10,6% entre 1990 e 1994, em relação à inflação medida pelo INPC.

A estabilização pós Plano Real permitiu ao SM elevar ganhos reais em 28,3% de 1994 a 1999.

Os dados da evolução do SM desde 1940 permitem duas conclusões importantes: 1º) ao contrário de manifestações frequentes de que o poder de compra do SM seria hoje muito menor que na sua origem, os dados mostram não existir perda significativa; 2º) a estabilização dos preços a partir de 1994 permitiu significativa recuperação do poder de compra do SM desde a década de 50.

(1) Foi utilizado como referência o valor de venda do US\$-dólar no primeiro dia útil do mês da alteração salarial.

(2) O valor da Inflação se refere ao valor acumulado do IPCA, em relação ao salário anterior. O valor no período pode diferir da inflação anual. (Consulta em 05/01/2018).

### 3. NÍVEL DE SALÁRIO

#### 3.2. Salário Mínimo no Paraná

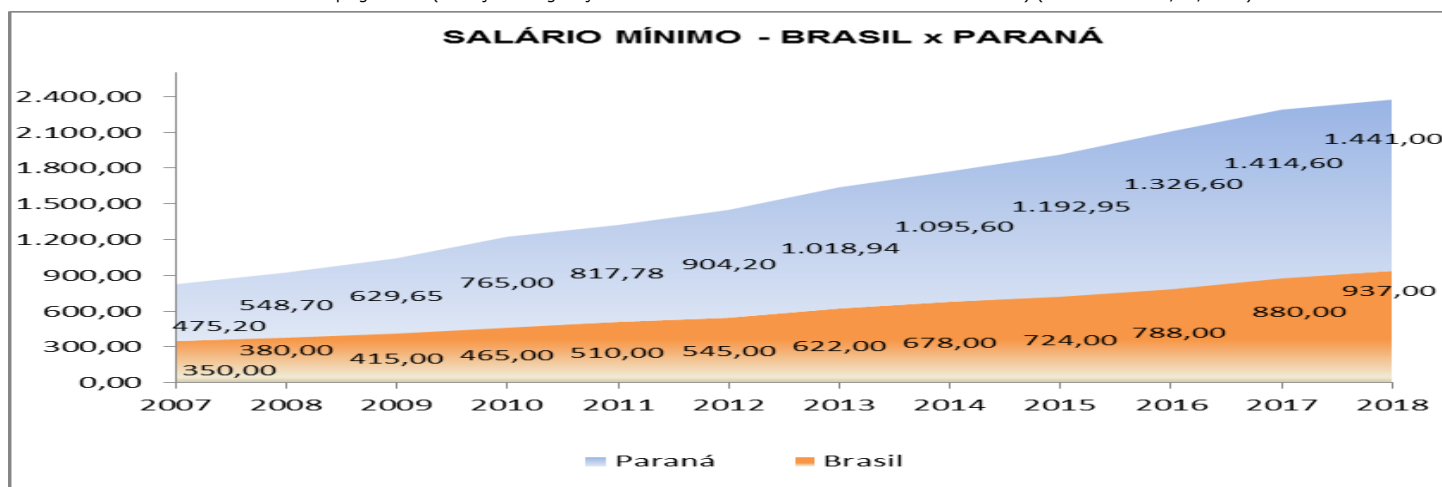
O Governo do Paraná instituiu, a partir de 2006, salário mínimo regional para categorias de trabalhadores que não possuíam: a) piso salarial estabelecido em convenção ou acordo coletivo de trabalho; b) piso salarial estabelecido em lei federal. Como exemplo, cabe citar: empregadas domésticas. Os valores na Tabela 12 correspondem ao teto máximo do reajuste.

As leis estaduais dos valores do salário mínimo no Paraná são: a) Lei 15.118 de 2006; b) Lei 15.486 de 2007; c) Lei 15.826 de 2008; d) Lei 16.099 de 2009; e) Lei 16.470 de 2010; f) Lei 16.807 de 2011; g) Lei 17.135 de 2012; h) Decreto 8.088 de 1º de maio de 2013; i) Lei 18.059 de 2014; j) Decreto 1.198 de 30 de abril de 2015; k) Decreto Lei 18766 de 01 de Maio de 2016; l) Decreto n.º 6638 de 12 de abril de 2017; M) Decreto Lei 8.865 de 28 de Fevereiro de 2018. O salário no Paraná e os percentuais de correção utilizados tem sido superiores aos valores do mínimo do governo federal.

TABELA 12 – PARANÁ: SALÁRIO MÍNIMO

Período	Valores em R\$	Variação (%)	Equivalência em US\$ (1)	Cotação do Dólar	Data de Vigência	Inflação no Período (%) (2)
2007	475,20	8,54	246,35	2,026	1/5/2007	3,00
2008	548,70	15,47	336,83	1,650	1/5/2008	5,04
2009	629,65	14,75	294,66	2,137	1/5/2009	5,53
2010	765,00	21,49	441,94	1,731	1/5/2010	5,22
2011	817,78	6,89	519,59	1,574	1/5/2011	5,21
2012	904,20	1,57	472,34	1,914	1/5/2012	4,48
2013	1.018,94	12,69	507,21	2,010	1/5/2013	7,22
2014	1.095,60	7,52	493,05	2,222	1/5/2014	6,28
2015	1.192,95	8,89	387,95	3,075	1/5/2015	8,17
2016	1.326,60	11,20	384,52	3,450	1/5/2016	9,39
2017	1.414,60	6,63	446,25	3,170	1/5/2017	4,57
2018	1.441,00	1,87	442,02	3,260	1/3/2018	2,86

Fonte: www.casacivil.pr.gov.br – (Serviços – Legislação – Decretos – Decreto 6638 de 12 de Abril de 2017) (Consulta em 01/03/2018).



(1) Foi utilizado como referência o valor de venda do US\$-Dólar no primeiro dia útil do mês da alteração salarial.

(2) O valor da Inflação se refere ao valor acumulado do IPCA, em relação ao salário anterior.

(3) Valor divulgado refere-se ao teto salarial máximo, segundo os grupos da classificação brasileira de ocupações: (IPCA de Abril a Maio)

**GRUPO I** – R\$ 1.247,40 para os Trabalhadores Empregados nas Atividades Agropecuárias, Florestais e da Pesca, correspondentes ao Grande Grupo Ocupacional 6 da Classificação Brasileira de Ocupações;

**GRUPO II** – R\$ 1.293,60 para os Trabalhadores de Serviços Administrativos, Trabalhadores Empregados em Serviços, Vendedores do Comércio, Lojas e Mercados e Trabalhadores de Reparação e Manutenção, correspondentes aos Grandes Grupos Ocupacionais 4, 5 e 9 da Classificação Brasileira de Ocupações;

**GRUPO III** – R\$ 1.339,80 para os Trabalhadores da Produção de Bens e Serviços Industriais, correspondentes aos Grandes Grupos Ocupacionais 7 e 8 da Classificação Brasileira de Ocupações;

**GRUPO IV** – R\$ 1.441,00 para os Técnicos de Nível Médio, correspondentes ao Grande Grupo 3 da Classificação Brasileira de Ocupações.

## 4. NÍVEL DE PREÇOS

### 4.1. Introdução

As oscilações e evolução dos níveis de preços constituem fatores importantes na avaliação conjuntural de uma economia. Os órgãos encarregados dessa mensuração devem utilizar metodologias consistentes que permitam captar adequadamente as variações nos preços. Ademais, os itens que compõem a cesta de bens a ser pesquisada para se realizar o cálculo da inflação devem representar os padrões de consumo das categorias de renda avaliadas.

Serão apresentados como representativos das variações de preços, dois indicadores:

**1.º) IPCA:** índice de preços ao consumidor ampliado, índice oficial de inflação do Brasil, obtido pelo IBGE. Representa variações de preços de produtos e serviços consumidos por famílias com renda até 40 salários mínimos, em diferentes regiões do País. Os índices obtidos em cada região são agregados conforme pesos pré-determinados relacionados à importância, dimensão e habitantes para a composição do índice nacional.

Os grupos de despesas que compõem o IPCA são os seguintes:

- 1) alimentação e bebidas;
- 2) habitação;
- 3) artigos de residência;
- 4) vestuário;
- 5) transportes;
- 6) saúde e cuidados pessoais;
- 7) despesas pessoais;
- 8) educação;
- 9) comunicação.

A base de cálculo do IPCA é composta de: **a)** nove (9) regiões metropolitanas: São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Belém, Fortaleza, Salvador; **b)** Distrito Federal; **c)** três (3) cidades: Goiânia, Vitória, Campo Grande.

**2.º) IPC:** inflação da cidade de Curitiba, calculado pelo IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (da Secretaria de Planejamento do Estado).

TABELA 13 – ÍNDICE DE PREÇOS

Índice	Entidade Elaboradora	Período de Coleta: dias	Base Geográfica	Renda Familiar	Uso Principal
1) IPCA <sup>(1)</sup>	IBGE	1 a 30 (mês civil)	11 Capitais (*)	1 a 40 SM	Inflação oficial do País Tem ampla aplicação.
2) IPC <sup>(2)</sup>	IPARDES /Curitiba	1 a 30	Curitiba	1 a 40 SM	Preços no varejo em Curitiba

### 4.2. Meta da Inflação

O regime de metas de inflação foi implantado em 1999. Nesse procedimento, as autoridades monetárias: Comitê de Política Monetária-COPOM, Conselho Monetário Nacional-CMN, Banco Central e Ministério da Fazenda – definem para o ano seguinte um valor limite para a inflação (meta), com oscilação para cima ou para baixo de 2 (dois) pontos e, no ano de referência, o posicionamento das autoridades visa o cumprimento da meta.

O valor da inflação definido na meta é obtido das análises do desempenho da economia no ano anterior, das tendências do mercado externo, das oscilações da demanda agregada e das variações de preços básicos (commodities agrícolas, petróleo, indústria extrativa mineral e siderurgia).

(1) IPCA - Preços ao Consumidor Amplo

(2) IPC - Preços ao Consumidor.



#### 4. NÍVEL DE PREÇOS

##### 4.3. Taxa de Inflação

A inflação em abril/ 2018 (0,22%) permitiu que no acumulado do ano os valores fossem inferiores a 1,0% e em 12 meses não atingisse 3,0%. Havia expectativa dos agentes do crescimento da economia em 2018 comparado a 2017. Existia espaço para isso, considerando as inter-relações do agronegócio na economia do Paraná e os decorrentes efeitos multiplicadores. No entanto, devido fatores de contenção surgidos e ocorrência de crises imprevistas sobrepostas como: bloqueio dos EUA a produtos brasileiros (aço e alumínio); preço do petróleo no mercado mundial; preço dos derivados no mercado interno: gasolina, diesel, querosene, gás; greve dos caminhoneiros e efeitos no faturamento do sistema de produção; ampliação de custos de transportes e logística; queda nas previsões de expansão do PIB em 2018 ( de 2,9% a 3,0% para 1,9% a 2,0%); indefinições e instabilidades político-eleitorais relacionadas às eleições de outubro próximo; comprometem as previsões anteriores, passando a requerer uma revisão( pública e privada). Assim, a inflação para 2018, deverá extrapolar valores anteriormente previstos, e superar o verificado na inflação de 2017.

As mudanças na política econômica em 2017, que tiveram como componentes principais: redução da taxa de juros, oferta agrícola excepcional que permitiu queda dos preços desse segmento, e aumento do PIB (1,0%) ainda poderiam causar algum efeito de contenção na inflação de 2018, mas apenas secundário. Ademais, o grande número de desocupados (sem emprego) e a ociosidade elevada da capacidade produtiva instalada da indústria, que refletiu nos fatores de produção capital/capacidade instalada mais o emprego, contribuíram para conter preços em 2017.

TABELA 14 – TAXA DE INFLAÇÃO E META DE INFLAÇÃO							
Período	Brasil			Meta de Inflação (%)	Curitiba		
	IPCA (IBGE) (%)				IPC (IPARDES) (%)		
2009	4,31			4,5	3,88		
2010	5,91			4,5	5,09		
2011	6,50			4,5	5,81		
2012	6,20			4,5	5,91		
2013	5,56			4,5	6,17		
2014	6,41			4,5	6,05		
2015	10,67			4,5	10,71		
2016	6,29			4,5	5,40		
	Variação mensal	Acumulado no Ano	Acumulado 12 meses		Variação mensal	Acumulado no Ano	Acumulado 12 meses
<b>2017</b>		<b>2,95</b>		<b>4,5</b>		<b>3,93</b>	
Abr	0,14	1,10	4,08		0,38	1,47	3,34
Mai	0,31	1,42	3,60		-0,09	1,38	2,81
Jun	-0,23	1,18	3,00		-0,22	1,15	2,30
Jul	0,24	1,43	2,71		0,42	1,58	2,08
Ago	0,19	1,62	2,46		0,65	2,24	3,06
Set	0,16	1,78	2,54		0,10	2,33	2,79
Out	0,42	2,21	2,70		0,56	2,90	3,00
Nov	0,28	2,50	2,80		0,25	3,16	2,93
Dez	0,44	2,95	2,95		0,75	3,93	3,93
<b>2018</b>				<b>4,5</b>			
Jan	0,29	0,29	2,86		-0,32	-0,32	2,67
Fev	0,32	0,61	2,84		-0,18	-0,49	2,22
Mar	0,09	0,70	2,68		0,12	-0,37	2,42
Abr	0,22	0,92	2,76		0,28	0,10	2,32

Tabela 14.A – Maiores aumentos por grupos de despesas – Brasil (Abril)	
Saúde e Cuidados Pessoais	0,91
Vestuário	0,62
Artigos de Residência	0,22

Tabela 14.C – Maiores aumentos por localidades – Brasil (Abril)	
Belo Horizonte	0,23
Fortaleza	0,23
São Paulo	0,22

Tabela 14.B – Menores aumentos por grupos de despesas – Brasil (Abril)	
Comunicação	-0,07
Transportes	0,00
Educação	0,08

Tabela 14.D – Menores aumentos por localidades – Brasil (Abril)	
Campo Grande	-0,36
Recife	-0,31
Vitória	-0,28

## 5. TAXA DE JUROS E POUPANÇA

Em maio, os juros SELIC- COPOM/BC foram mantidos em 6,50% (igual aos de março e abril), menor valor da década. A SELIC, referência para os demais juros no país, também constitui parâmetro para a dívida externa e para a correção da dívida pública. A taxa atual de 6,50%, no entanto, ainda é um valor alto, considerando que a inflação em cada ano do período 2016 e 2017 foi, respectivamente: 6,29% e 2,95%. O valor da SELIC atual(6,50%) equivale a uma taxa real de juros, sem inflação, próximo a 5,0%, um valor alto quando comparado aos juros de países ou economias desenvolvidas. Constitui indicador importante que pode influenciar a oferta de crédito a médio prazo, a gestão da dívida pública e até auxiliar na melhoria do PIB em 2018. Todavia, para uma economia como a brasileira, com muitas desigualdades e desequilíbrios internos, precisando redirecionar aplicações financeiras/especulativas para inversões em capital produtivo, é uma taxa elevada.

A taxa de 6,50% pode indicar o início de nova tendência, para 2018, desde que fatos imprevistos não venham a surgir e que afetem a economia.

O padrão de emprego elevado até 1.º semestre de 2014 fez crescer componentes econômicos como: massa de salários, renda da população ativa e qualificada, poder aquisitivo, resultando em pressão de demanda sobre sistema de produção. Todavia, na conjuntura de 2018, verificam-se inversões devido o esgotamento do modelo anterior e elevação de desemprego/desocupação, quedas do PIB em 2015 e 2016 e as ocorrências de abril /maio de 2018 relativas a greve dos caminhoneiros e efeitos paralelos, ainda não totalmente superados pelo país.

**TABELA 15 – VARIAÇÃO DA TAXA DE JUROS SELIC DO BANCO CENTRAL**

2015		2016		2017		2018	
Mês	Taxa Selic (%)	Mês	Taxa Selic (%)	Mês	Taxa Selic (%)	Mês	Taxa Selic (%)
Jan	12,25	Jan	14,25	Jan	13,00	Jan	7,00
Fev	12,25	Fev	14,25	Fev	12,25	Fev	6,75
Mar	12,75	Mar	14,25	Mar	12,25	Mar	6,50
Abr	13,25	Abr	14,25	Abr	11,25	Abr	6,50
Mai	13,25	Mai	14,25	Mai	10,25	Mai	6,50
Jun	13,75	Jun	14,25	Jun	10,25	Jun	
Jul	14,25	Jul	14,25	Jul	9,25	Jul	
Ago	14,25	Ago	14,25	Ago	9,25	Ago	
Set	14,25	Set	14,25	Set	8,25	Set	
Out	14,25	Out	14,00	Out	7,50	Out	
Nov	14,25	Nov	13,75	Nov	7,50	Nov	
Dez	14,25	Dez	13,75	Dez	7,00	Dez	

**TABELA 16 – POUPANÇA (\*)**

	2017	2018
Mês	Rentabilidade	Rentabilidade
Jan	0,6708	0,3994
Fev	0,5304	0,3994
Mar	0,6527	0,3855
Abr	0,5000	0,3715
Mai	0,5768	0,3715
Jun	0,5539	
Jul	0,5626	
Ago	0,5512	
Set	0,5000	
Out	0,4690	
Nov	0,4273	
Dez	0,4273	

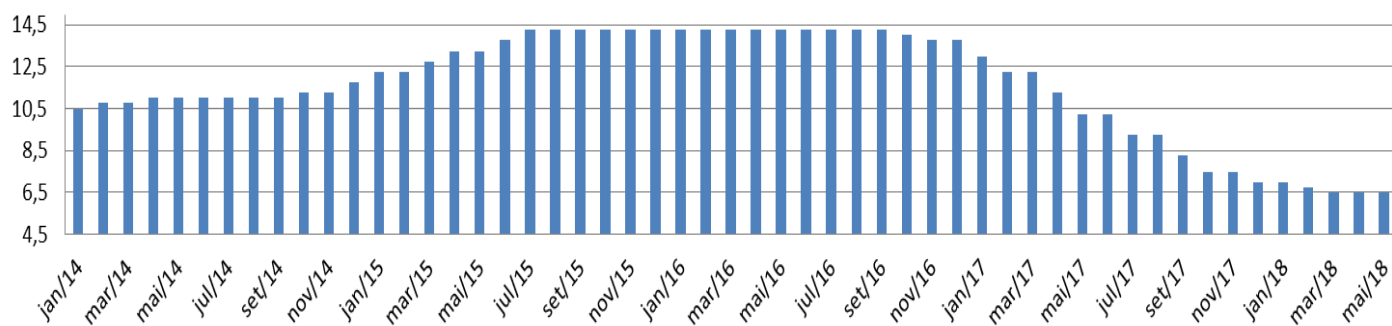
Fonte: www.bcb.gov.br – (Sistema de metas para a inflação – Copom) (Consulta em 25/05/2018)

Fonte: www.bcb.com.br (Economia e Finanças – Séries Temporais – Acesso ao Sistema de Séries Temporais

–Mercados Financeiros e de Capitais –Aplicações Financeiras –Caderneta de Poupança –Rentabilidade no Período) (Consulta: 25/05/2018)

(\*) A rentabilidade, TR+0,5% a.m., refere-se a cadernetas com aniversário no primeiro dia do mês posterior ao assinalado (maior concentração)

**EVOLUÇÃO DA TAXA DE JUROS (SELIC) - 2014 a 2018**



## 6. MERCADO DE AÇÕES

O Índice BOVESPA manteve crescimento em abril/2018: atingiu 84.653 pontos, não prejudicando a média do ano. Os números BOVESPA de maio, já captaram as incertezas e indefinições ocorridas na sequência da paralização dos caminhoneiros e efeitos complementares. Os índices mensais de 2018, foram superiores aos de 2017; os valores mensais de 2017, todos, superaram os de 2016.

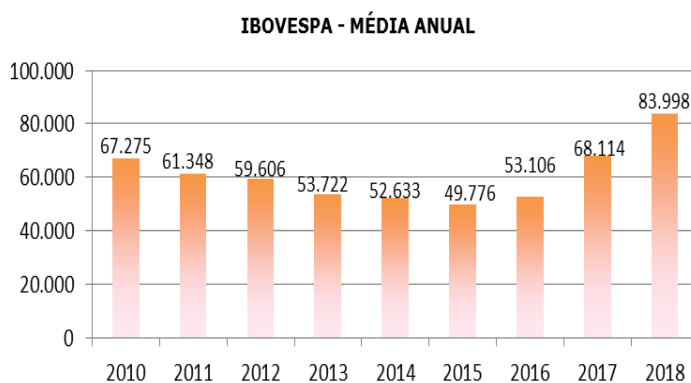
Verifica-se desde março de 2018 uma saída de aplicações em dólares do BOVESPA, devido mudanças na política econômica do governo dos EUA, que possibilitam aumento dos juros, mais emprego, queda na tributação e as limitações e sobretaxas às importações. Os investidores optam então por economias mais sólidas e com bom desempenho. No mercado mundial, verifica-se também uma valorização de moedas fortes, como dólar e euro. Algumas variáveis recessivas não foram superadas.

O governo brasileiro manifestou intenção de privatizar algumas empresas públicas, proposta que vem se defrontando com a oposição do Congresso Nacional. A realidade econômica atual ainda limita aplicações imobiliárias, principalmente devido incertezas em relação as eleições de outubro próximo.

Também o possível conflito de tarifas aduaneiras entre EUA e China e dos EUA com o Canadá e países do Euro geram algumas incertezas no mercado globalizado. A recuperação dos EUA permitiu um afluxo de aplicações e capital para aquele país e com valorização do dólar. O governo Trump, muito imprevisível, gera inquietações no contexto mundial, muitas associadas aos conteúdos de seus pronunciamentos.

**TABELA 17 – BOLSA DE VALORES DE SÃO PAULO**

Período	Índice Bovespa (Pontos) (1) (2)	Variação Percentual (%)
2009	52.748	-4,66
2010	67.275	27,54
2011	61.348	-8,77
2012	59.606	-2,84
2013	53.722	-9,87
2014	52.632	-2,03
2015	49.776	-5,43
2016	53.106	6,69
2017	68.114	28,26
Abr	64.469	-0,86
Mai	65.177	1,10
Jun	62.016	-4,85
Jul	64.504	4,01
Ago	64.997	6,67
Set	74.307	8,00
Out	76.116	2,43
Nov	73.358	-3,62
Dez	73.611	0,35
2018	--	--
Jan	81.711	11,00
Fev	84.276	3,14
Mar	85.354	1,28
Abr	84.653	-0,82



Fonte: [www.bovespa.com.br](http://www.bovespa.com.br) – (Mercado – Ações – Índices – Índice Bovespa – Estatísticas Históricas – Evolução diária) (Consulta em 25/05/2018)

(1) Cálculo anual com base na média de cada mês.

(2) Cálculo mensal realizado através da média diária do fechamento do pregão no mês.

## 7. RISCO- PAÍS

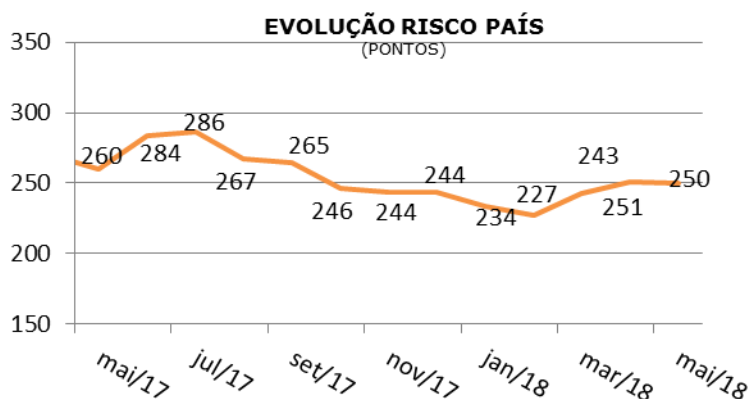
O risco-país mostra o grau de confiança dos investidores em relação à capacidade de pagamento das dívidas de um país. Quanto menor a possibilidade de honrar suas dívidas ou menor o grau de segurança proporcionado aos investidores, maior o risco do país não honrar débitos, tendo que pagar juros maiores aos adquirentes de seus títulos. Quanto maior o risco-país, maior a instabilidade econômica do país. O maior valor do risco-país/Brasil foi 2.436 pontos em set/2002, próximo das eleições presidenciais naquele ano; o menor foi 136 pontos em jan/2013. Possui características mais conjunturais que estruturais, vinculadas às circunstâncias e perspectivas no momento da mensuração.

Desde fevereiro/2018 (quando chegou a 227 pontos), o valor do risco-país do Brasil vem se expandindo: em maio atingiu 250 pontos, quase igual ao mês anterior, abril, que marcou 251 pontos. O valor médio em 2017 foi 271 pontos, abaixo dos valores de 2015 e 2016. Quanto menor o risco-país, melhor, indicando tendência de estabilidade. O risco-país do Brasil reflete o desempenho da economia, quando se verifica um crescimento de mais de 10,0% em maio comparado a fevereiro. Inegavelmente, a queda da inflação e redução dos juros/SELIC-BC, desde 2017, contribuem para obtenção do valor atual da taxa do risco país. Se não fosse isso, o risco -país seria superior. O que prejudica uma melhora mais rápida do índice, além dos fatos recentes da instabilidade política, e os efeitos diretos e indiretos da greve dos caminhoneiros, são as indefinições e preocupações relativas às eleições de outubro próximo.

Há um grande espaço a ser percorrido para consolidar ou ampliar melhorias. Fatores importantes que podem contribuir para melhoria do risco-país são: continuidade da redução em 2018 da inflação e dos juros SELIC. Na sequência da "operação lava-jato" e de um novo cenário associado a correções da corrupção e propinas, pode-se esperar um risco-país a refletir uma desejada realidade para 2018. A maior queda do risco-país deu-se a partir de julho/2017.

**TABELA 18 – RISCO PAÍS**

Período	Risco País (*) (pontos)	Variação (%)
<b>2009</b>	<b>306</b>	<b>8,89</b>
<b>2010</b>	<b>204</b>	<b>-33,33</b>
<b>2011</b>	<b>193</b>	<b>-10,29</b>
<b>2012</b>	<b>189</b>	<b>3,51</b>
<b>2013</b>	<b>207</b>	<b>9,41</b>
<b>2014</b>	<b>230</b>	<b>11,11</b>
<b>2015</b>	<b>336</b>	<b>46,27</b>
<b>2016</b>	<b>392</b>	<b>16,55</b>
<b>2017</b>	<b>271</b>	<b>-30,84</b>
Mar	275	-3,51
Abr	270	-1,82
Mai	260	-3,70
Jun	284	9,23
Jul	286	0,70
Ago	267	-6,64
Set	265	-0,75
Out	246	-7,17
Nov	244	-0,81
Dez	244	0,00
<b>2018</b>	<b>--</b>	<b>--</b>
Jan	234	-4,10
Fev	227	-2,99
Mar	243	7,05
Abr	251	3,29
Mai	250	-0,40



(\*) Os valores mensais referem-se ao primeiro dia útil do mês.

Fonte: [www.ipeadata.gov.br](http://www.ipeadata.gov.br) (Consulta em 25/05/2018)

## 8. VARIAÇÃO DO DÓLAR

A cotação do dólar em abril/2018 atingiu R\$ 3,3098. A partir do 2.º tri/2016 as exportações se elevaram com o benefício do cambio favorável às exportações. Neste momento, início de 2018, significou agilização da entrada de US\$ no mercado cambial brasileiro, permitindo relativa estabilização do Real-R\$ até março/2018. Mas houve queda na entrada de US\$ associada à vinda de turistas externos, no bimestre ago/set/2017, devido a limitações de segurança no RJ e limitações à maior vinda de turistas no carnaval/2018.

A melhora na economia americana incentivou a valorização do dólar entre abril/2015 e junho/2016, estimulado ainda por outras alterações no exterior (melhora em economias desenvolvidas). Mas ao Brasil cabe culpa quando se avalia repercussões recentes dos desvios éticos e políticos e surgimento de novas denúncias.

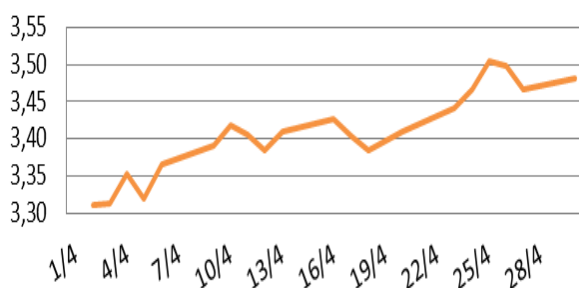
A cotação atual do US\$ favorece exportações. Os custos empresariais na indústria vem caindo devido a ociosidade da capacidade produtiva instalada e alta taxa de desemprego/desocupados o que contém a oferta e reduz o poder de compra da população. inovações e modernização, possuidores de maior valor agregado. A demanda final de bens importados pelo Brasil já chegou a 25% do total da demanda interna.

De forma excepcional, o dólar poderá atingir maior valor, a depender dos efeitos da possível "guerra comercial" entre EUA e China, os conflitos entre EUA e países da Europa e também o Canadá. Essa possível ocorrência poderá afetar cotação internacional de produtos brasileiros e também da China e EUA.

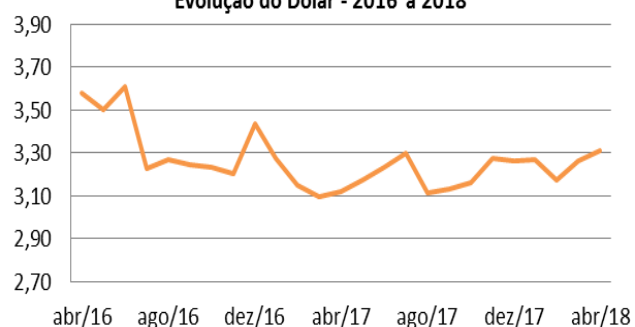
TABELA 19 – VARIAÇÃO DO DÓLAR (\*)

Período	2013 (R\$)	2014 (R\$)	2015 (R\$)	2016 (R\$)	2017 (R\$)	2018 (R\$)
Jan	2,0415	2,3969	2,6923	4,0380	3,2723	3,2691
Fev	1,9838	2,4084	2,6888	3,9979	3,1473	3,1724
Mar	1,9843	2,3234	2,8649	3,9907	3,0897	3,2614
Abr	2,0180	2,2614	3,1549	3,5793	3,1161	3,3098
Mai	2,0089	2,2215	3,0748	3,4985	3,1718	
Jun	2,1349	2,2634	3,1783	3,6120	3,2301	
Jul	2,2292	2,2048	3,1185	3,2292	3,3009	
Ago	2,2908	2,2600	3,4419	3,2656	3,1154	
Set	2,3637	2,2515	3,6719	3,2466	3,1327	
Out	2,2118	2,4617	3,9788	3,2332	3,1636	
Nov	2,2462	2,4833	3,8120	3,2047	3,2730	
Dez	2,3443	2,5618	3,8739	3,4356	3,2630	

Evolução do Dólar- Abril 2018



Evolução do Dólar - 2016 a 2018



Fonte: www.bc.gov.br – (Câmbio e Capitais Internacionais – Taxas de câmbio – Cotações e boletins) (Consulta em 25/05/2018)

(\*) Cotações com base no valor de compra do dólar no primeiro dia útil do mês, conforme Banco Central.



## **II. ATIVIDADE EMPRESARIAL**

Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná

### **9. COMÉRCIO VAREJISTA NO PARANÁ**

#### **9.1. DESEMPENHO EM MARÇO DE 2018**

##### **1. INTRODUÇÃO**

A pesquisa da FECOMÉRCIO-PR sobre o desempenho do varejo no Estado do Paraná em março de 2018, apresentou resultados positivos em todas as comparações, ressaltando a melhora do contexto econômico do Estado.

No acumulado do ano (Jan-Mar/2018 em relação a Jan-Mar/2017), a pesquisa apontou crescimento de 4,31%, com destaque para o aumento de 29,13% nas vendas das concessionárias de veículos, fortemente puxada pela Região Oeste que registrou alta de 76,82% no setor.

Em comparação com o mês imediatamente anterior (Mar/2018 em relação a Fev/2018) a alta foi ainda mais expressiva no Estado, atingindo 16,41%, devido, principalmente, à alta de 30% nas vendas das concessionárias de veículos, de 24,74% nas farmácias, que registraram desempenho expressivo em todas as regiões e por fevereiro apresentar, tradicionalmente, menores vendas.

Já a alta em relação ao mesmo mês do ano anterior (Mar/2018 em relação a Mar/2017) foi a menos expressiva 3,42%, mas ainda assim relevante por se tratar de uma alta em relação à um ano que apresentou números positivos.

Em todas as comparações a venda de combustíveis foi o destaque negativo, devido à tendência de alta no preço do barril de petróleo vigente em 2018.

Mesmo com o primeiro trimestre do ano sendo afetado por aspectos sazonais (férias escolares, carnaval, intensificação do deslocamento de consumidores para outros centros: turismo interno e externo, com a realocação de um percentual das despesas) que contém especificidades que fazem com que este período apresente padrões de gastos dos consumidores que o diferenciam em comparação com os demais meses do ano, o resultado foi positivo para o varejo paranaense.

Acrescente-se a esses fatores a melhoria das expectativas dos empresários do comércio e os componentes psicológicos positivos também importantes vigentes em janeiro/março-2018, relacionados a aumento do emprego, expectativas de elevação do PIB em 2018, consolidação das contas de comércio exterior, estabilização de preços, queda dos juros do Banco Central (SELIC).

Até o período janeiro/março-2018 prevaleciam ainda indicadores de ampliação do distanciamento da estrutura do sistema de produção em relação a variáveis associadas ao ambiente político interno. Os empresários e as respectivas atuações sinalizavam a vigência de uma autonomia importante para a superação das limitações econômicas anteriores. Porém, decisões políticas de grande impacto social, como a reforma da Previdência podem influenciar variáveis macroeconômicas, como a taxa Selic, a taxa de câmbio e inflação, o que causaria oscilações na percepção de risco e expectativa dos empresários.

Somado ao resultado positivo no primeiro trimestre do ano no varejo tradicional no Paraná, cumpre destacar a expansão das vendas pelo comércio eletrônico, o e-commerce, em janeiro/março-2018, ainda não mensurado pelas pesquisas tradicionais do varejo como a do IBGE. O e-commerce vem crescendo mais rápido que as outras vendas.

<b>Dias úteis de abertura e funcionamento do comércio</b>			
2018	Março: 26	Fevereiro: 22	Janeiro: 26
2017	Março: 25,5*	Fevereiro: 22	Janeiro: 26

(\*): Março/2017: dias 1.º quarta-feira de cinzas após o carnaval, considerou-se como metade do dia útil.

## 2. NÚMEROS

Uma síntese das vendas de Fevereiro consta a seguir.

**TABELA 20 A – VARIÇÃO DAS VENDAS FEVEREIRO DE 2018**

Varição das Vendas: FEVEREIRO 2018 em relação a	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)	PARANÁ (%)
1. Mês anterior	-13,10	-8,77	-5,52	-7,26	-4,46	-13,03	-10,25
2. Mesmo mês ano anterior	-0,14	8,72	3,69	17,29	0,55	8,13	4,75
3. Acumuladas no ano	-0,56	6,84	3,27	17,31	1,15	7,81	4,04

Uma síntese das vendas de Março consta a seguir.

**TABELA 20 B – VARIÇÃO DAS VENDAS EM MARÇO DE 2018**

Varição das Vendas: MARÇO 2018 em relação a	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)	PARANÁ (%)
1. Mês anterior	17,04	13,55	12,84	21,27	18,71	3,59	16,41
2. Mesmo mês ano anterior	0,26	0,70	3,31	18,41	5,63	-8,11	3,42
3. Acumuladas no ano	0,45	4,76	3,17	18,36	2,80	2,49	4,31

Fonte: Pesquisa do Comércio Varejista da Fecomércio-Pr

### 3. DESTAQUES NO PARANÁ EM MARÇO DE 2018:

#### 3.1 Maiores crescimentos percentuais de vendas (faturamento) no Paraná:

Sobre Mês Anterior (%)		Sobre mesmo mês de 2017 (%)		Acumulado Do Ano (Jan-Mar 2018) (%)	
1. Concessionárias de veículos	30,00	1. Concessionárias de veículos	27,10	1. Concessionárias de veículos	29,13
2. Farmácias e Drogarias	24,74	2. Lojas de departamentos	16,09	2. Lojas de departamentos	17,01
3. Móveis, dec. e útil. dom.	20,82	3. Liv. e papelerias	9,41	3. Super e hipermercados	4,08
4. Super e hipermercados	19,54	4. Super e hipermercados	9,29	4. Mat. de Construção	3,86
5. Calçados	19,42	5. Farmácias e drogarias	2,12	5. Liv. e papeleria	0,27

#### 3.2 Menores crescimentos percentuais de vendas (faturamento) no Paraná:

Sobre Mês Anterior (%)		Sobre mesmo mês de 2017 (%)		Acumulado Do Ano (Jan-Mar 2018) (%)	
1. Combustíveis	-1,15	1. Combustíveis	-15,58	1. Combustíveis	-10,52
2. Liv. e papelerias	2,10	2. Óticas e cine-foto-som	-13,68	2. Óticas e Cine-foto-som	-8,60
3. Mat. de construção	7,40	3. Móveis, dec. e útil. dom.	-11,77	3. Móveis dec. e util. dom.	-7,81
4. Lojas de departamentos	14,73	4. Auto peças	-11,66	4. Auto peças	-6,07
5. Óticas e cine-foto-som	16,16	5. Vestuário e tecidos	-8,54	5. Vestuário e tecidos	-4,04

#### 3.3 Polos pesquisados e Ramos de maior e menor crescimento em 2018 (acumulado Jan-Mar 2018)

Ramos de:	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)
<b>Maior crescimento</b>	<b>Loja de departamentos</b> 26,78	<b>Concessionárias de veículos</b> 20,40	<b>Loja de departamentos</b> 35,98	<b>Concessionárias de veículos</b> 76,82	<b>Calçados</b> 60,77	<b>Loja de departamentos</b> 17,73
<b>Menor crescimento</b>	<b>Combustíveis</b> -23,58	<b>Móveis dec. e util. dom.</b> -8,48	<b>Auto peças</b> -28,28	<b>Loja de departamentos</b> -10,22	<b>Mat. de construção</b> -11,57	<b>Óticas e Cine-foto-som</b> -25,30



## 9. COMÉRCIO VAREJISTA NO PARANÁ

### 4. O DESEMPENHO DO VAREJO DO PARANÁ

Diversas entidades e organizações de avaliação de conjuntura e tendências econômicas vem alterando avaliações anteriores elaboradas até o 1.º trimestre de 2018 quanto ao crescimento esperado da economia brasileira no corrente ano. Nesse sentido, destacam alterações conjunturais nas quais novos fatos e ocorrências recentes, não considerados nas previsões anteriores, iniciaram um processo de mutação. Uma quantificação anterior previa crescimento do PIB do Brasil em 2018 de 2,85%. As alterações conjunturais verificadas, internas e externas, justificaram revisão a previsão inicial para a qual se tem atualmente uma redução do crescimento para 2,5%. Se comparado à elevação do PIB verificada em 2017 de 1,0% constitui, inegavelmente, um valor importante que supera em 1,5% o ocorrido no ano anterior. Todavia, nesse momento, acaba frustrando parcela das expectativas anteriores, até porque outras restrições podem surgir.

Alguns fatores podem explicar a queda nas previsões de expansão do PIB da economia brasileira em 2018, dos quais podem ser destacados alguns deles:

1. A possibilidade de uma "guerra fiscal" entre EUA e China, com as sobretaxas anunciadas pelos EUA aos produtos importados da China, bem como também providencias da China em relação à importação de bens oriundos do mercado americano;
2. A decisão anunciada pelo governo dos EUA na virada abril/maio /2018 de estabelecer sobretaxas e quotas de exportação, respectivamente, ao alumínio e ao aço brasileiro. A indústria brasileira argumenta que o aço exportado para os EUA será utilizado como insumo no processo produtivo daquele país, que poderá elevar os preços internos;
3. A consistência atual do desempenho da economia dos EUA representa uma realidade que explica, em parte, a valorização do dólar no mercado mundial. Nesse sentido, destacam-se: crescimento do PIB dos EUA, em paralelo à elevação do emprego e queda na tributação, importantes para expansão do consumo privado (das famílias). Ainda: há indicadores que apontam para adoção de elevação dos juros pelo Federal Reserve Bank (Banco Central dos EUA). A conjugação desses fatores estimula investidores globais a aplicarem em títulos do governo dos EUA e não de países não desenvolvidos ou com sinais de crise econômica;
4. Há uma fuga das aplicações dos mercados menos consistentes para o mercado americano, mais confiável, seja nos títulos públicos do governo ou bolsas de valores. O investidor, a fim de melhorar o retorno da sua aplicação e reduzir riscos, não se dispõe a aplicar em papéis com renda nominal de 10%, 20% ou até 40%, (este o caso recente da Argentina). Decide aplicar em títulos e papéis de economias sólidas estruturadas em moeda forte, caso dos EUA;
5. A Argentina diante da crise cambial interna do dólar em abril, poderia adiar ou suspender importações do Brasil. Essa crise cambial poderia resvalar de alguma forma sobre a economia brasileira;
6. A alta do dólar – que no mercado brasileiro atingiu quase R\$ 4,00 na 2.ª semana de maio/2018- poderá elevar os derivados de petróleo, afetando combustíveis, custos de logística e transportes em geral (inclui alimentos) e coletivo urbano, os eletro-eletrônicos (com componentes importados) que requerem derivados do petróleo, podendo levar a um adicional na inflação;
7. O aumento no preço do derivado de petróleo pela Petrobrás, que atualiza diariamente os valores cobrados nas refinarias, tem como principais referencias a taxa de cambio e o preço do barril de petróleo no exterior. As *commodities* cotadas em dólar no mundo globalizado, também tendem a aumentar com a valorização do dólar;
8. Alguns dos efeitos podem não ser imediatos, devido existência de produtos elaborados e ainda não comercializados, mas que utilizaram na sua produção a taxa cambial do primeiro trimestre.

A conclusão é de que são muitos os fatores atuais, que poderão estar na origem de possíveis dificuldades para a economia brasileira e que poderão se refletir no comércio e indústria do Paraná. Importantíssimo, todavia, é que o país mantém o controle da inflação, a estabilização dos juros SELIC, e a perspectiva positiva de crescimento do PIB neste ano acima do verificado em 2017.

**9. COMÉRCIO VAREJISTA NO PARANÁ****TABELA 21 – VENDAS EM JANEIRO DE 2018 COMPARADAS AO MÊS ANTERIOR (DEZEMBRO DE 2017)**

Ramos de Atividade Mais Representativos do Comércio	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Região Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)
1. Concessionárias de Veículos	26,89	28,90	14,51	52,95	19,40	-6,67
2. Móveis, Decorações e Utilidades Domésticas	21,67	21,33	-5,85	28,47	23,29	26,97
3. Autopeças e Acessórios	19,97	--	9,79	20,17	15,03	5,35
4. Materiais de Construção	3,10	6,52	27,48	6,45	6,81	-24,68
5. Lojas de Departamentos	7,91	22,21	8,14	25,29	26,13	17,72
6. Supermercados	19,40	15,78	19,05	20,82	21,42	17,80

Fonte: Pesquisa do Comércio Varejista da Fecomércio-PR

**TABELA 22 – VENDAS EM JANEIRO DE 2018 COMPARADAS AO MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR (JANEIRO DE 2017)**

Ramos de Atividade Mais Representativos do Comércio	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Região Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)
1. Concessionárias de Veículos	24,78	10,88	20,60	82,82	27,66	-16,36
2. Móveis, Decorações e Utilidades Domésticas	-13,71	-13,37	1,60	-3,36	13,27	-2,09
3. Autopeças e Acessórios	-14,46	--	-30,92	-0,82	-17,70	-5,85
4. Materiais de Construção	-1,86	-5,27	5,12	15,17	-29,31	-30,81
5. Lojas de Departamentos	21,49	14,89	28,06	-0,68	43,07	12,20
6. Supermercados	8,10	5,80	11,86	11,87	11,78	5,49

Fonte: Pesquisa do Comércio Varejista da Fecomércio-PR

**TABELA 23 – VENDAS ACUMULADAS NO ANO DE 2018 (Jan-Jan) COMPARADAS A (Jan-Jan) DE 2017**

Ramos de Atividade Mais Representativos do Comércio	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Região Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)
1. Concessionárias de Veículos	25,10	20,40	20,60	76,82	25,47	6,65
2. Móveis, Decorações e Utilidades Domésticas	-10,80	-8,48	5,37	7,58	-1,77	-6,48
3. Autopeças e Acessórios	-10,62	--	-28,28	6,42	-8,55	5,77
4. Materiais de Construção	-2,42	-1,58	2,41	27,10	-11,57	-9,00
5. Lojas de Departamentos	26,78	16,46	35,98	-10,22	39,29	17,73
6. Supermercados	3,32	1,78	7,29	5,27	3,99	1,44

Fonte: Pesquisa do Comércio Varejista da Fecomércio-PR

**TABELA 24 – VENDAS NOS PÓLOS DE COMÉRCIO PESQUISADOS PELA FECOMÉRCIO-PR (Variação em Relação ao Mês Anterior)**

Período	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Região Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)	PARANÁ (%)
<b>2016</b>	--	--	--	--	--	--	--
Nov	9,69	-0,92	3,09	4,16	-0,09	-10,55	<b>4,93</b>
Dez	10,58	18,25	24,76	14,75	22,20	33,01	<b>15,21</b>
<b>2017</b>	--	--	--	--	--	--	--
Jan	-16,70	-11,81	-25,96	-20,42	-19,54	-20,63	<b>-17,28</b>
Fev	-12,26	-12,24	-5,64	-9,34	-3,98	-11,63	<b>-10,92</b>
Mar	15,30	13,62	11,85	21,95	15,12	27,86	<b>15,49</b>
Abr	-5,72	-1,86	-7,20	-11,65	-5,25	-21,12	<b>-5,88</b>
Mai	3,69	9,33	6,99	7,06	1,69	12,40	<b>5,96</b>
Jun	-7,18	-5,35	0,02	4,86	-4,66	-1,55	<b>-4,23</b>
Jul	5,07	-2,71	-0,97	5,71	4,03	9,95	<b>2,50</b>
Ago	-1,86	-1,18	2,39	-0,15	-0,48	6,78	<b>-0,88</b>
Set	-7,33	-0,45	-6,72	1,28	-2,16	-17,48	<b>-4,30</b>
Out	2,99	-6,51	1,53	-4,62	0,43	8,98	<b>-0,68</b>
Nov	4,78	2,17	2,81	5,05	0,88	1,57	<b>3,85</b>
Dez	5,05	17,21	23,68	13,58	24,63	16,91	<b>11,77</b>
<b>2018</b>	--	--	--	--	--	--	--
Jan	-14,47	-18,96	-18,97	-16,13	-20,33	-9,25	<b>-16,34</b>
Fev	-13,10	-8,77	-5,52	-7,26	-4,46	-13,03	<b>-10,25</b>
Mar	17,04	13,55	12,84	21,27	18,71	3,59	<b>16,41</b>

**(Variação Acumulada no Ano %)**

Jan – Mar/18 Sobre Jan – Mar/17	0,45	4,76	3,17	18,36	2,80	2,49	4,31
---------------------------------	------	------	------	-------	------	------	------

Fonte: Pesquisa Conjuntural do Comércio da Fecomércio-PR (Consulta em 10/05/2018)

**10. OUTROS INDICADORES RELATIVOS AO COMÉRCIO E CONSUMIDORES****10.1 Sondagem do Comércio/FGV****a) Índice de Confiança**

Em Maio de 2018 o índice de confiança apresentou queda significativa em relação a abril de 2018. Caiu de 8,0 em abril para 4,6 em maio.

**b) Índice de expectativas**

O índice de expectativa continua a sequência de queda vigente no ano. O índice caiu de 3,9 em abril, para 1,4 em maio.

**10.2. Sondagem do Consumidor / FGV****a) Índice de confiança**

O índice de confiança atingiu o nível mais baixo nos últimos 6 meses, caindo de 6,6 em abril para 4,4 em maio.

**b) Índice de Expectativas**

O índice de expectativas também atingiu o nível mais baixo nos últimos 6 meses, caindo de 6,2 em abril para 2,5 em maio.

**10.3 Confiança do Empresário do Comércio (ICEC) / CNC (escala: 0 a 200)**

a) Em escala de 0 a 200, o índice apresentou leve queda em maio, atingindo 113,8. O índice acima de 100 indica otimismo por parte do empresário, que vem se consolidando desde agosto de 2017.

**10.4 Intenção de Consumo das Famílias (ICF) / CNC (escala 0 a 200)**

a) Em maio, atingiu 87,1. O índice abaixo de 100 indica pessimismo ou falta de confiança do consumidor, porém, desde outubro de 2017 o índice vem subindo significativamente.

**TABELA 25 – Índices Sondagem COMÉRCIO FGV**

Meses	Índice de Confiança	Índice de Expectativas
Nov/17	13,6	9,6
Dez/17	15,2	11,7
Jan/18	14,1	10,6
Fev/18	11,7	6,2
Mar/18	11,8	4,9
Abr/18	8,0	3,9
Mai/18	4,6	1,4

**TABELA 26 – Índices Sondagem CONSUMIDOR FGV**

Meses	Índice de Confiança	Índice de Expectativas
Nov/17	8,6	10,0
Dez/17	13,6	16,5
Jan/18	8,9	9,3
Fev/18	6,5	7,2
Mar/18	7,7	7,7
Abr/18	6,6	6,2
Mai/18	4,4	2,5

Diferença sobre o mesmo período do ano anterior (em pontos) – série original

Fonte: <http://portalibre.fgv.br/> (acesso em 28/05/2018)

**TABELA 27 – Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec - CNC) Escala: 0 - 200**

Meses	Índice (sem ajuste sazonal)
Nov/17	109,3
Dez/17	109,2
Jan/18	110,1
Fev/18	113,2
Mar/18	114,5
Abr/18	114,5
Mai/18	113,8

**TABELA 28 – Intenção de consumo das Famílias (ICF - CNC) Escala: 0 - 200**

Meses	Índice (sem ajuste sazonal)
Nov/17	80,2
Dez/17	81,7
Jan/18	83,6
Fev/18	87,1
Mar/18	88,0
Abr/18	86,9
Mai/18	87,1

Fonte: [www.cnc.org.br](http://www.cnc.org.br) (acesso em 28/05/2018)

**11. ABERTURA DE EMPRESAS NO PARANÁ**

O período janeiro-abril/2018 apresentou bom desempenho, com a criação de mais de 15 mil empresas, sendo o maior número das sociedades relacionadas a grupos empresariais.

Considerando o período iniciado em 2006, o ano que apresentou o menor número de empresas abertas no Paraná foi 2016 : 39.489 empresas, que demonstra a contenção da atividade econômica no Estado, como reflexo do quadro restritivo no país, decorrente do somatório de mudanças conjunturais e limitações surgidas ou intensificadas no ano. O segundo menor número de empresas criadas foi em 2017: 43.204 empresas, ou seja, dois anos marcados pela recessão.

Em 2017, a abertura superou 2016. As previsões indicavam continuidade do crescimento para 2018 sobre 2017 e 2016. Esta expectativa, todavia, poderá não se confirmar devido as diversas crises econômicas específicas no 1.º sem. /2018, mais incertezas associadas às eleições de outubro/2018.

Tradicionalmente, em dezembro, o número de empresas abertas é menor, uma característica do período, fase em que as programações dos empresários visam mais o ano seguinte. No final do ano, surgem indicativos das intenções futuras do governo e possíveis alterações nas políticas econômicas. Dentre as empresas abertas, predominam micros e pequenas.

**TABELA 29 – ABERTURA DE EMPRESAS NO PARANÁ**  
(Conforme Natureza Jurídica)

Período	Empresário (1)	EIRELI (2)	Soc. Empresarial (3)	S/A	Cooperativa	Outros	TOTAL
<b>2011</b>	<b>21.927</b>	<b>0</b>	<b>33.074</b>	<b>1.049</b>	<b>195</b>	<b>80</b>	<b>56.325</b>
<b>2012</b>	<b>19.348</b>	<b>2.392</b>	<b>28.774</b>	<b>901</b>	<b>186</b>	<b>142</b>	<b>51.743</b>
<b>2013</b>	<b>19.109</b>	<b>3.864</b>	<b>28.431</b>	<b>758</b>	<b>186</b>	<b>79</b>	<b>52.436</b>
<b>2014</b>	<b>16.056</b>	<b>4.836</b>	<b>23.901</b>	<b>653</b>	<b>206</b>	<b>69</b>	<b>45.721</b>
<b>2015</b>	<b>27.347</b>	<b>7.975</b>	<b>28.897</b>	<b>753</b>	<b>186</b>	<b>40</b>	<b>65.198</b>
<b>2016</b>	<b>14.380</b>	<b>6.465</b>	<b>18.151</b>	<b>317</b>	<b>146</b>	<b>30</b>	<b>39.489</b>
<b>2017</b>	<b>15.894</b>	<b>7.738</b>	<b>18.966</b>	<b>426</b>	<b>146</b>	<b>34</b>	<b>43.204</b>
Mar	1.657	705	1.791	31	7	1	4.192
Abr	1.145	545	1.380	26	8	1	3.105
Mai	1.496	676	1.681	24	8	2	3.887
Jun	1.428	667	1.590	33	9	5	3.732
Jul	1.410	695	1.697	38	11	5	3.856
Ago	1.611	811	2.037	44	30	1	4.534
Set	1.319	713	1.628	22	14	5	3.701
Out	1.319	744	1.790	37	12	3	3.905
Nov	1.158	613	1.527	52	19	4	3.373
Dez	854	513	1.167	61	15	4	2.614
<b>2018</b>	<b>5.459</b>	<b>2.809</b>	<b>6.588</b>	<b>132</b>	<b>63</b>	<b>13</b>	<b>15.064</b>
Jan	951	541	1.351	25	11	2	2.881
Fev	1.285	625	1.448	29	10	6	3.403
Mar	1.660	838	1.854	41	29	4	4.426
Abr	1.563	805	1.935	37	13	1	4.354

Fonte: www.jucepar.pr.gov.br – (Relatório estatístico – Novas empresas) (Consulta em 25/05/2018)

(1) Empresário corresponde a antiga firma individual (sem sócios)  
(3) Sociedade Empresarial relaciona-se a um grupo empresarial.

(2) Empresa Individual de Responsabilidade Limitada

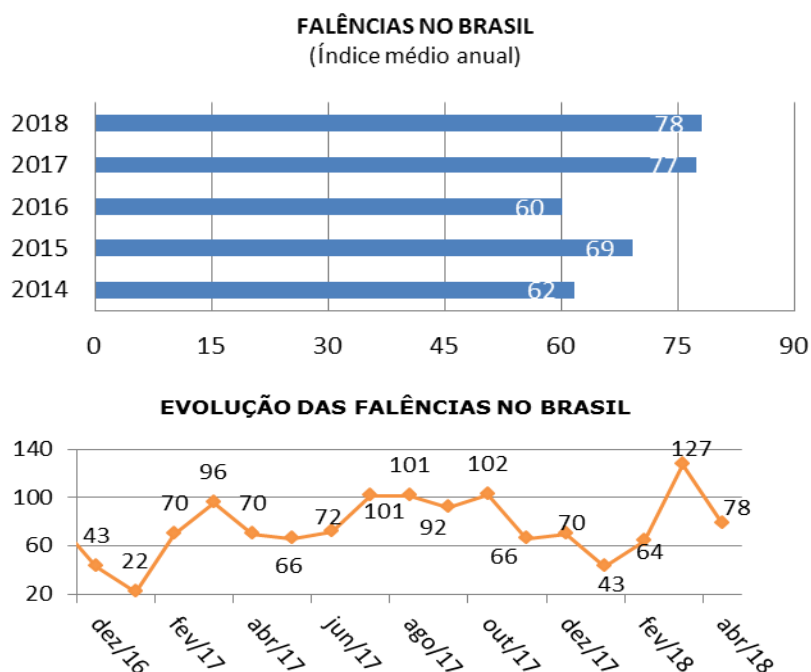
## 12. FALÊNCIAS DECRETADAS NO BRASIL

Em abril de 2018, o índice de falências em relação ao mês anterior caiu para índice 78. O índice de falências tende a refletir características e heterogeneidades regionais ou setoriais, ou ainda situações conjunturais que influenciam agentes econômicos, consumidores e respectiva capacidade de regularização /quitação de dívidas anteriores. É também indicador importante do sucesso (ou não) das políticas econômicas, e pode indicar a conveniência de mudanças e adequação das políticas de governo às diversidades do espaço geoeconômico brasileiro. Há que se considerar ainda que o comércio vem adotando precauções e procedimentos mais seletivos e modernizados no processo de vendas, bem como adotando renegociações com devedores visando reduzir inadimplências.

As falências ser vistas de forma associada ao desempenho da economia (aquecimento ou resfriamento), relações externas e globalização, poder de compra, massa de salários e emprego, distribuição de renda, além de outros indicadores da economia.

**TABELA 30 – FALÊNCIAS NO BRASIL**

Período	Índice
2011	53
2012	57
2013	62
2014	62
2015	69
2016	60
2017	77
Abr	70
Mai	66
Jun	72
Jul	101
Ago	101
Set	92
Out	102
Nov	66
Dez	70
2018	--
Jan	43
Fev	64
Mar	127
Abr	78



Fonte: [www.serasa.com.br](http://www.serasa.com.br) – (Empresas – Índices econômicos – Falências) (Consulta em 25/05/2018)

**13. CRÉDITO: DEMANDA E INADIMPLÊNCIA****13.1. Demanda de Crédito**

A demanda de crédito em abril/2018 (142,5), pouco se alterou comparada ao mês anterior. A ocorrência de **elevação** da **demand**a de crédito pode indicar, dentre outros aspectos: esgotamento da capacidade de endividamento (ou pagamento) do consumidor; maior dependência de financiamentos para efetivar consumo; quedas na renda, emprego e poder de compra; dificuldade em regularizar empréstimos; incertezas do mercado de trabalho e receio do desemprego; além de expectativas negativas para o futuro. Por outro lado, a ocorrência de **queda na demanda de crédito** pode indicar: superação de dificuldades pelo consumidor que permitem não recorrer a créditos/empréstimos no mercado; maior renda e capacidade de pagamento; ou a intenção do consumidor de não recorrer às compras financiadas; taxas de juros muito altas; necessidade de priorizar regulação de dívidas anteriores; ou o comprometimento da renda do consumidor é superior à sua capacidade de pagamento, o que o leva a não ampliar empréstimos ou crédito; aumento do emprego e poder de compra. Poderá ser considerado efeito da conscientização do consumidor quanto ao consumo de bens não essenciais: ele se limita a itens básicos: alimentos, remédios e higiene. Assim, a piora do quadro ético/político do País e a recessão econômica podem afetar a busca de crédito.

Há diferenças na demanda de crédito, conforme características de cada região do país. O desemprego poderá requerer novas linhas de crédito ou renegociação de dívidas.

**TABELA 31 – INDICADOR SERASA EXPERIAN DE DEMANDA DO CONSUMIDOR POR CRÉDITO (MÉDIA DE 2008 = 100)**

Ano: 2017/2018	Região					Renda Pessoal Mensal						Total
	CO	N	NE	S	SE	até R\$ 500	R\$ 500 a R\$ 1.000	R\$ 1.000 a R\$ 2.000	R\$ 2.000 a R\$ 5.000	R\$ 5.000 a R\$ 10.000	mais de R\$ 10.000	
Mai/17	137,3	153,4	150,9	130,3	132,4	156,8	138,6	132,9	129,5	130,8	132,7	<b>136,4</b>
Jun/17	139,0	163,0	158,8	134,6	133,1	162,0	142,0	135,5	131,7	132,8	134,9	<b>139,4</b>
Jul/17	135,8	159,5	157,0	129,6	131,9	161,7	138,9	133,4	129,8	130,7	132,5	<b>137,1</b>
Ago/17	142,0	162,0	169,1	138,6	139,3	184,1	146,3	140,0	136,0	136,9	139,0	<b>145,3</b>
Set/17	131,2	155,6	154,0	126,8	131,2	184,2	134,2	129,6	125,9	126,8	128,2	<b>135,2</b>
Out/17	147,0	134,5	143,0	140,3	142,9	187,8	140,4	133,0	144,4	159,7	159,4	<b>142,4</b>
Nov/17	138,9	153,9	165,1	140,9	138,9	199,3	143,4	137,6	133,5	134,1	136,0	<b>144,2</b>
Dez/17	138,3	151,9	161,7	127,7	133,4	194,4	137,5	131,3	127,5	128,3	129,7	<b>138,2</b>
Jan/18	148,5	158,6	164,9	135,8	141,4	198,0	144,6	139,4	135,2	136,3	138,0	<b>145,5</b>
Fev/18	125,7	134,0	158,0	110,7	121,5	171,7	125,7	120,9	116,9	117,8	120,5	<b>126,3</b>
Mar/18	146,8	159,6	165,5	134,2	136,9	197,4	142,0	136,3	132,8	134,2	135,8	<b>142,9</b>
Abr/18	151,2	162,3	165,9	132,5	135,6	197,8	141,4	135,9	132,2	133,4	135,0	<b>142,5</b>

Fonte: www.serasa.com.br – (Índices Econômicos – Demanda do Consumidor por Crédito) (Consulta em 25/05/2018)

**13.2. Inadimplência**

Inadimplente é considerado o consumidor que atrasa o pagamento por mais de 90 dias. A seguir, apresenta-se a inadimplência calculada pelo índice Boa Vista. O indicador de inadimplência é elaborado a partir da quantidade de novos registros negativos informados pelas empresas em virtude do não pagamento de compromissos financeiros firmados. O valor de março no país superou em mais de 20,0% o índice de fevereiro. Já em abril houve queda de quase 10,0%. As séries encadeadas têm como base a média de 2011 =100 e passam por ajuste sazonal para avaliação da variação mensal.

**TABELA 32 – REGISTRO DE INADIMPÊNCIA BOA VISTA- Inclusões sazonalizadas**

Base 2011=100	REGIÕES					
	CO	N	NE	S	SE	BR
Nov/17	117,2	106,4	102,7	101,7	94,3	<b>99,2</b>
Dez/17	113,0	97,4	101,3	107,5	83,8	<b>92,8</b>
Jan/18	128,3	115,4	118,1	114,5	92,6	<b>103,7</b>
Fev/18	116,6	100,8	104,3	115,5	94,2	<b>100,7</b>
Mar/18	135,9	120,8	121,8	135,2	118,3	<b>122,6</b>
Abr/18	125,0	111,1	114,7	135,2	101,9	<b>110,5</b>

Fonte: <http://www.boavistaservicos.com.br/economia/registro-de-inadimplencia/> (Consulta em 25/05/2018)  
Dados sujeitos à alterações.

**14. NÍVEL DE UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE PRODUTIVA INSTALADA-NUCI NA INDÚSTRIA**

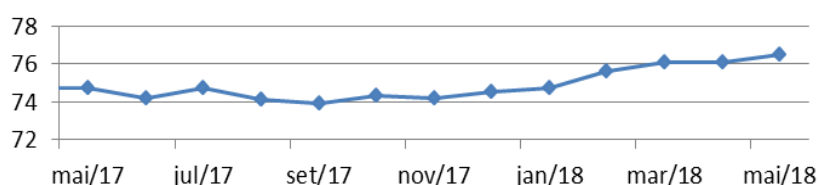
O NUCI de maio/2018: 76,5%, cresceu de forma a superar valores desde 2017. O índice de ociosidade de março/ 2018 caiu para foi 23,9%. Os números indicam maior produção (e menor ociosidade) em 2018. A ampliação da produção e elevação da demanda, poderão ser atendidas, em um primeiro momento, sem necessidade de novos investimentos, devido a ociosidade da capacidade produtiva instalada e não utilizada. Ao governo, caberá utilizar instrumentos de política econômica para incentivar a produção e a demanda, visando conter a ociosidade. A greve dos caminhoneiros comprometeu, sem dúvida, a capacidade produtiva da indústria no Brasil.

A Tabela 34 – IBGE indica a produção física de cada um dos ramos da indústria de transformação.

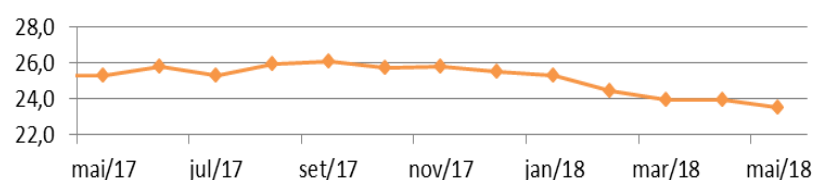
**TABELA 33 – Nível de Utilização da Capacidade Produtiva Instalada na Indústria (\*)**

Período	NUCI (%)	Ociosidade (%)
2011	84,0	16,0
2012	83,9	16,1
2013	84,3	15,7
2014	83,4	16,6
2015	79,3	20,7
2016	74,6	25,4
2017	74,4	25,6
Mai	74,2	25,8
Jun	74,2	25,8
Jul	74,7	25,3
Ago	74,1	25,9
Set	73,9	26,1
Out	74,3	25,7
Nov	74,2	25,8
Dez	74,5	25,5
2018	--	--
Jan	74,7	25,3
Fev	75,6	24,4
Mar	76,1	23,9
Abr	76,1	23,9
Mai	76,5	23,5

**NUCI NO BRASIL**



**Ociosidade**



Fonte: <http://portalibre.fgv.br> - (índice de sondagem da indústria) (Consulta 25/05/2018)

(\*) Cálculo anual com base na média mensal do período.

**TABELA 34 - Produção Física Industrial, por seções e atividades industriais - Variação percentual acumulada no ano (Base: igual período do ano anterior) (%)**

	2015	2016	2017	2018 Março
<b>1 Indústria geral</b>	<b>-8,3</b>	<b>-6,4</b>	<b>2,5</b>	<b>3,1</b>
2 Indústrias extrativas	3,9	-9,4	4,6	-2,2
3 Indústrias de transformação	-9,8	-6,0	2,2	3,9
3.10 Fabricação de produtos alimentícios	-1,8	1,1	1,1	2,5
3.11 Fabricação de bebidas	-4,7	-3,2	0,8	4,1
3.12 Fabricação de produtos do fumo	-9,3	-21,7	20,4	1,2
3.13 Fabricação de produtos têxteis	-15,0	-4,5	5,6	2,4
3.14 Confeção de artigos do vestuário e acessórios	-11,7	-5,8	3,5	-3,5
3.15 Preparação e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-7,7	-1,3	1,3	-3,0
3.16 Fabricação de produtos de madeira	-4,6	1,3	1,9	11,7
3.17 Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	-0,6	2,4	3,3	7,7
3.18 Impressão e reprodução de gravações	-18,9	-11,2	-9,3	-4,9
3.19 Fabricação de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis	-5,9	-8,5	-4,1	-6,0
3.20B Fabricação de sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, perfumaria e higiene pessoal	-3,7	-1,4	2,2	7,6
3.20C Fabricação de outros produtos químicos	-6,2	-1,0	0,3	-2,1
3.21 Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-12,4	-2,5	-5,3	7,9
3.22 Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	-9,3	-6,9	4,5	4,4
3.23 Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-7,7	-10,7	-3,1	-0,6
3.24 Metalurgia	-8,4	-6,4	4,7	8,1
3.25 Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-11,5	-10,6	-0,9	0,7
3.26 Fabricação de equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos	-30,1	-13,8	19,6	26,1
3.27 Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-12,0	-7,3	-3,5	-1,3
3.28 Fabricação de máquinas e equipamentos	-14,5	-11,7	2,6	6,3
3.29 Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	-25,9	-12,1	17,2	20,0
3.30 Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos	-9,3	-21,7	-10,1	-5,5
3.31 Fabricação de móveis	-13,8	-10,2	4,6	8,9
3.32 Fabricação de produtos diversos	-4,5	-8,6	3,6	-1,0
3.33 Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	-7,9	-7,4	6,3	4,0

Fonte: <http://www.ibge.com.br> (Consulta em 25/05/2018)





## III. SETOR PÚBLICO

Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná

### 15. ARRECAÇÃO DO GOVERNO FEDERAL

A receita do governo federal em cada mês do quadrimestre janeiro/abril-2018, deflacionada, superou valores referentes aos mesmos meses de 2017. É uma constatação importante sobre a melhora da economia no período em relação ao ano anterior. No entanto, não é possível fazer projeções sobre a evolução da receita do governo federal para o ano de 2018, devido instabilidades econômicas possíveis, muitas vinculadas a fatores externos. A recuperação de alguns ramos da economia ou a obtenção de um PIB em 2017 superior ao de 2016, permitiram aumentar a receita em 2017 sobre 2016. Os indicadores que contribuíram para a melhoria: queda da inflação, redução dos juros SELIC ou maiores saldos das contas externas apontam, desde que mantidos, possibilidades de melhores resultados em 2018. Atualmente, maio/2018, o ambiente econômico assume o ônus das dificuldades econômicas surgidas com a greve dos caminhoneiros e respectivos efeitos diretos e indiretos, que limitaram a economia e podem gerar uma sequência de restrições nas conjuntura, podendo comprometer a receita do governo.

Um novo perfil da arrecadação dependeria da intensidade de recuperação possível em 2018. Políticas econômicas de aquecimento produziram em 2017 efeitos sobre renda e poder de compra do consumidor, cabendo citar: liberação de FGTS e do PIS/PASEP. Para 2018, o governo já anunciou intenção de efetivar nova liberação de saldos de contas do PIS/PASEP.

Fatos sazonais influenciam tradicionalmente o processo de arrecadação do governo: no último trimestre do ano há expansão na receita, associada ao aquecimento de vendas; em janeiro, ocorre a maior arrecadação mensal federal, devido o recolhimento referente a dezembro, mês de maiores vendas; fevereiro e março se caracterizam por apresentarem receitas menores.

Os produtos de alta e média tecnologia, com elevado valor agregado e geração de impostos, mas de reduzida participação nas exportações brasileiras, tem pequena parcela na receita.

A arrecadação sobre pessoas físicas e jurídicas se dá nos três níveis: Federal, Estadual e Municipal na forma de: a) impostos; b) taxas; c) contribuições; d) transferências; e) aluguéis; f) previdência social <sup>(1)</sup>; g) outras receitas: multas, vendas de imóveis públicos, etc. Destinam-se a custear políticas públicas, além da "máquina" pública e pagamento da dívida pública.

**TABELA 35 – EVOLUÇÃO DA ARRECAÇÃO DO GOVERNO FEDERAL (2) (Em R\$ Milhões)**

Período	Valor a Preços Correntes	Valor a Preços de Abr/2018 (IPCA)	Variação %
<b>2014</b>	<b>1.187.950</b>	<b>1.491.095</b>	<b>25,52</b>
<b>2015</b>	<b>1.221.546</b>	<b>1.407.258</b>	<b>15,20</b>
<b>2016</b>	<b>1.289.904</b>	<b>1.365.403</b>	<b>5,85</b>
<b>2017</b>	<b>1.342.408</b>	<b>1.373.517</b>	<b>2,32</b>
Fev	92.358	95.280	3,16
Mar	98.994	101.872	2,91
Abr	118.047	121.308	2,76
Mai	97.694	100.083	2,45
Jun	104.100	106.891	2,68
Jul	109.948	112.626	2,44
Ago	104.206	106.542	2,24
Set	105.595	107.789	2,08
Out	121.144	123.144	1,65
Nov	115.089	116.662	1,37
Dez	137.842	139.114	0,92
<b>2018</b>	<b>497.208</b>	<b>498.748</b>	<b>0,31</b>
Jan	155.619	156.602	0,63
Fev	105.122	105.448	0,31
Mar	105.659	105.892	0,22
Abr	130.806	130.806	0,00

**TABELA 35.1 – ARRECAÇÃO FEDERAL SEGMENTADA POR TIPO DE TRIBUTO (a preços de Abr/18 – IPCA) Abr/18 (R\$ milhões)**

Imposto sobre importação	3.163
IPI Total	4.556
IR Total	39.777
IR Pessoa Física	8.988
IR Pessoa Jurídica	13.749
IR Retido na Fonte	17.039
IOF	3.139
COFINS	20.340
PIS / PASEP	5.395
CSLL	7.370
Cide – Combustíveis	456
Outras Receitas	2.549
Receita Previdenciária	32.910
Receita Administrada por Outros Órgãos	8.421
<b>TOTAL DAS RECEITAS</b>	<b>130.806</b>

Fonte: www.receita.fazenda.gov.br (Consulta em 25/05/2018)

**TABELA 36 – PARTICIPAÇÃO DA CARGA TRIBUTÁRIA NO PIB – 2012 a 2016 (Em R\$ bilhões)**

Componentes	2012	2013	2014	2015	2016
Produto Interno Bruto	4.703,86	5.331,62	5.778,95	5.996,00	6.259,23
Arrecadação Tributária Bruta	1.571,17	1.736,00	1.841,63	1.925,45	2.027,01
<b>Carga Tributária Bruta</b>	<b>32,63%</b>	<b>32,56%</b>	<b>31,87%</b>	<b>32,11%</b>	<b>32,38%</b>

Fonte: www.receita.fazenda.gov.br – (Carga Tributária no Brasil 2016) (Consulta em 14/06/2017).

- (1) Contribuições à Previdência Social – CPS: É grande fonte de receita do Governo, raramente usada para financiar programas. Motivo: é considerada como contribuição para posterior devolução. É uma arrecadação do governo, para custear aposentadorias dos que pagaram pela Previdência. Constitui, portanto, uma receita previamente comprometida. Em condições normais, a possibilidade de utilização da receita previdenciária para custear despesas diferentes da Previdência é, praticamente, zero. Em condições excepcionais, no entanto, o governo pode recorrer à receita da Previdência para custear despesas urgentes ou casos de calamidade pública, com a posterior reposição, para não prejudicar o cidadão beneficiário da previdência.
- (2) Arrecadação: refere-se à Receita Administrada pela RFB (impostos e contribuições) mais as Demais Receitas (taxas e contribuições controladas por outros órgãos)

**16. Dívida Pública Federal Interna e Externa - DPFIE**

Em abril/ 2018, a dívida pública federal interna e externa (R\$ 3,66 bilhões) superou a dívida existente em dezembro/2017 (R\$ 3,56 bilhões). Desde setembro de 2016, quando superou R\$ 3 trilhões, a dívida pública federal se mantém acima desse patamar. Dentre os componentes principais da dívida, podem ser mencionados: taxa real de juros SELIC ainda elevados (mesmo com queda para 6,50% em maio/2018), recessão na economia (em especial, 2015 e 2016), que comprometeram a receita e, mais ainda, as dificuldades éticas e políticas internas, que limitaram a atividade econômica, a receita do governo e postergam investimentos públicos e privados.

A gestão da dívida mostrou maior rapidez de crescimento após 2010. Ou seja, até 2009, as providências mais rígidas e o maior poder de controle, foram mais eficientes; no entanto, após 2010, os gastos crescentes num ambiente de ampliação de subsídios, incentivos fiscais-tributários e queda na receita, levaram à explosão da dívida em 21,65% (2015 sobre 2014), de 11,46% (2016 sobre 2015) e 14,34% (2017 sobre 2016) indicando descontrole comparado aos percentuais anteriores. Importante é identificação seletiva de componentes da dívida, na relação: objetivos buscados/viabilizados X obtidos.

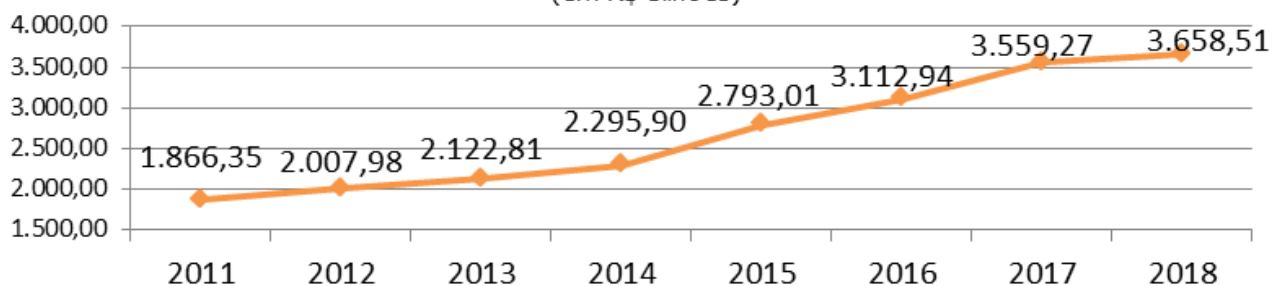
A maior parte da dívida é de médio e longo prazo. Ainda: governo e credores podem renegociar: juros, prazos ou outras formas. Considerando que a dívida pública remunera com juros SELIC, se o BC eleva a taxa, a dívida cresce; se a SELIC cai, também cai a expansão da dívida. O aumento da dívida em 2010-2017 superou o período 2007-2009.

**TABELA 37 – DÍVIDA PÚBLICA FEDERAL INTERNA E EXTERNA**

Período	Dívida Pública (R\$ Bilhões) <sup>(1)</sup>	Variação (%)
<b>2010</b>	<b>1.694,04</b>	<b>13,13</b>
<b>2011</b>	<b>1.866,35</b>	<b>10,17</b>
<b>2012</b>	<b>2.007,98</b>	<b>7,59</b>
<b>2013</b>	<b>2.122,81</b>	<b>5,72</b>
<b>2014</b>	<b>2.295,90</b>	<b>8,15</b>
<b>2015</b>	<b>2.793,01</b>	<b>21,65</b>
<b>2016</b>	<b>3.112,94</b>	<b>11,46</b>
<b>2017</b>	<b>3.559,27</b>	<b>14,34</b>
Abr	3.244,51	0,32
Mai	3.253,03	0,26
Jun	3.357,65	3,22
Jul	3.341,38	-0,48
Ago	3.404,00	1,87
Set	3.430,83	0,79
Out	3.438,48	0,22
Nov	3.493,38	1,60
Dez	3.559,27	1,89
<b>2018</b>	--	--
Jan	3.528,31	-0,87
Fev	3.582,15	1,53
Mar	3.636,33	1,51
Abr	3.658,51	0,61

**Evolução da Dívida Pública Federal**

(em R\$ bilhões)



## 17. SUPERÁVIT PRIMÁRIO

Em 2017 houve continuidade da ausência de superávit primário: as contas públicas do período apontaram déficit de R\$ 124,4 bilhões. No entanto, foi um valor melhor do que 2016 (R\$ - 154 bilhões). Já é o quarto ano seguido, 2014/2017, em que as contas do governo federal e Banco Central apontam déficit, muito diferente do verificado no período 2010/2013 no qual as contas do governo apresentaram superávits.

Um valor que pode ser tomado como tradicional quanto ao superávit primário é o de janeiro, com valores positivos (expressa desempenho da economia em dezembro, o mais aquecido nas vendas do ano), foi o que ocorreu em janeiro/2018. Ainda: fevereiro mostra inversão de tendência, com valores negativos, devido sazonalidade da economia e calendário. O crescimento do PIB em 2017: 1,0%, poderá indicar início de inversão da tendência nas contas do superávit primário.

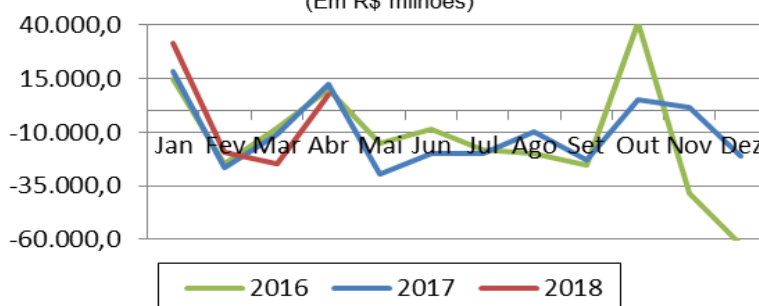
O superávit primário nas contas públicas em um ano fiscal corresponde a receitas superiores às despesas, sem considerar os juros. Significa poupança do governo destinada, principalmente, a pagar juros da dívida. A evolução do superávit é referência para investidores estrangeiros avaliarem a capacidade de um país regularizar e pagar suas dívidas. O aumento do superávit poderá depender, de forma diretamente proporcional, do tamanho do corte nos gastos ou da elevação da arrecadação em relação às despesas. A receita maior (mantidas alíquotas e sem novos tributos) reflete melhor o desempenho da economia.

Se negativo o superávit primário, ou seja, déficit público, poderia indicar: a) menor receita-seja por queda no desempenho da economia ou redução nas alíquotas, ou ainda a concessão de incentivos fiscais ou subsídios por prazos pré-determinados; b) maiores gastos públicos; c) ou combinação de ambos. Ainda, a ausência de valores positivos que possibilitem o superávit fiscal poderá ser visto como possível carência ou defasagem em áreas importantes de atuação do governo como investimentos e infraestrutura em geral, salários, políticas sociais ou outras. Daí, o superávit decorrer da contenção (ou adiamento) de gastos. O governo pode optar por adiar despesas ou mesmo não ter consciência da necessidade de efetuar gastos que beneficiem a população.

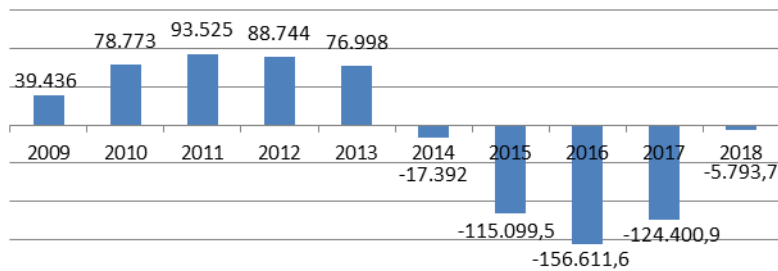
**TABELA 38 – DESEMPENHO DO SUPERÁVIT PRIMÁRIO  
- GOVERNO FEDERAL E BANCO CENTRAL  
(Em R\$ Milhões)**

Período	Resultado do Governo (1)	Variação Percentual (%)
<b>2010</b>	<b>78.773</b>	<b>99,75</b>
<b>2011</b>	<b>93.525</b>	<b>18,73</b>
<b>2012</b>	<b>88.744</b>	<b>-4,91</b>
<b>2013</b>	<b>77.072</b>	<b>27,56</b>
<b>2014</b>	<b>-17.392</b>	<b>-122,59</b>
<b>2015</b>	<b>-115.099</b>	<b>-561,79</b>
<b>2016</b>	<b>-154.255</b>	<b>-34,02</b>
<b>2017</b>	<b>-124.400</b>	<b>20,57</b>
Abr	12.315,9	209,66
Mai	-29.387,3	-338,61
Jun	-19.844,2	32,47
Jul	-20.154,5	-1,56
Ago	-10.111,0	49,83
Set	-22.822,1	-125,72
Out	5.073,3	122,23
Nov	1.260,6	-75,15
Dez	-21.168,5	-1.779,27
<b>2018</b>	<b>-5.793,7</b>	<b>20,06</b>
Jan	31.058,5	246,72
Fev	-19.210,7	-161,85
Mar	-24.828,0	-29,24
Abr	7.186,5	128,95

**EVOLUÇÃO MENSAL DO SUPERÁVIT PRIMÁRIO  
(Em R\$ milhões)**



**EVOLUÇÃO DO SUPERÁVIT PRIMÁRIO  
(Em R\$ milhões)**



Fonte: [www.tesouro.fazenda.gov.br](http://www.tesouro.fazenda.gov.br) (Consulta em 31/05/2018)



## IV. RELAÇÕES COM O EXTERIOR

Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná

### 18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

O período janeiro/abril-2018 manteve o bom desempenho da balança comercial em relação ao mesmo período de 2017. O saldo anual de 2017 foi positivo: US\$ 66,9 bilhões. O dólar mais valorizado a partir de agosto/2015 contribuiu para conter importações, tendência mantida em 2016, quando o dólar médio se aproximou de R\$ 4,00 no 1.º semestre.

Nesse momento, maio/ 2018, com elevação da *commoditie* petróleo no mercado externo, os preços internos dos derivados foram afetados e também os custos logísticos. A superprodução de grãos do agronegócio brasileiro em 2017, com pequena queda em 2018, poderia reduzir exportações do setor. Uma indagação atual importante: o que viria com a ocorrência de possível "guerra de tarifas" entre EUA e China, mais as restrições dos EUA ao aço e alumínio brasileiros? A valorização do dólar em abril e maio no mercado mundial e no Brasil, pode elevar receita de exportações nacionais e a competitividade externa de produtos brasileiros. Mas com a taxa de cambio atual, haverá aumento do custo das importações.

A Argentina está com dificuldades no mercado cambial e elevação na cotação do dólar: o impacto negativo mais intenso dos negócios Brasil X Argentina poderia ocorrer no setor automotivo brasileiro.

A destacar como fatores que contribuíram para elevar o estoque de divisas do Banco Central: os dólares arrecadados pelo sistema produtivo brasileiro (balança comercial), os empréstimos e/ou financiamentos obtidos pelo setor privado, as aplicações do exterior na Bovespa, e também a entrada de dólares pela venda de títulos do governo (com taxas Selic).

Por outro lado, a *desindustrialização* ocorrida não foi totalmente superada; a importância da indústria não será recuperada a curto prazo, considerando: limitações competitivas atuais, crise econômica não totalmente superada e deterioração no contexto político interno. Cabe recuperar exportações da indústria de transformação, detentora de maior agregação de valor e grande geradora de empregos.

Considere-se ainda os limites decorrentes do reduzido padrão de inovações da indústria exportadora e reduzida exportação de produtos de alta e média tecnologia. Nesse sentido, é preciso ativar a inovação e modernização tecnológica da indústria. Ao governo cabe adotar políticas que estimulem inovações e modernização tecnológica, a fim de incentivar linhas de produtos industriais e melhorar competitividade, tendo dentre as metas ampliar exportações do país. A indústria de transformação brasileira, em vários ramos, apresentou início de melhoria nas vendas em janeiro/abril de 2018.

TABELA 39 – BRASIL: BALANÇA COMERCIAL (Em US\$ Milhões)					
Período	Exportações*	Variação (%)	Importações*	Variação (%)	Balança Comercial*
<b>2010</b>	<b>201.915</b>	31,98	<b>181.768</b>	42,32	<b>20.147</b>
<b>2011</b>	<b>256.040</b>	26,81	<b>226.240</b>	24,47	<b>29.799</b>
<b>2012</b>	<b>242.580</b>	-5,26	<b>223.149</b>	-1,37	<b>19.431</b>
<b>2013</b>	<b>242.183</b>	-0,2	<b>239.623</b>	7,4	<b>2.560</b>
<b>2014</b>	<b>225.101</b>	<b>-7,05</b>	<b>229.031</b>	<b>-4,42</b>	<b>-3.930</b>
<b>2015</b>	<b>191.132</b>	<b>-15,05</b>	<b>171.459</b>	<b>-25,13</b>	<b>19.673</b>
<b>2016</b>	<b>185.235</b>	<b>-3,09</b>	<b>137.552</b>	<b>-19,78</b>	<b>47.683</b>
<b>2017</b>	<b>217.739</b>	<b>17,55</b>	<b>150.749</b>	<b>9,59</b>	<b>66.990</b>
Mar	20.074	29,77	12.938	18,55	7.136
Abr	17.680	-11,93	10.717	-17,17	6.963
Mai	19.790	11,94	12.129	13,18	7.661
Jun	19.779	-0,05	12.595	3,84	7.184
Jul	18.759	-5,16	12.473	-0,97	6.285
Ago	19.471	3,80	13.879	11,27	5.592
Set	18.659	-4,17	13.488	-2,82	5.171
Out	18.872	1,14	13.679	1,41	5.193
Nov	16.683	-11,60	13.143	-3,92	3.541
Dez	17.595	5,47	12.598	-4,15	4.998
<b>2018</b>	<b>74.533</b>	<b>47,73</b>	<b>54.210</b>	<b>50,38</b>	<b>20.322</b>
Jan	17.024	-3,25	14.202	12,74	2.822
Fev	17.416	2,31	12.408	-12,63	5.008
Mar	20.257	16,31	13.810	11,29	6.447
Abr	19.836	-2,08	13.790	-0,14	6.045

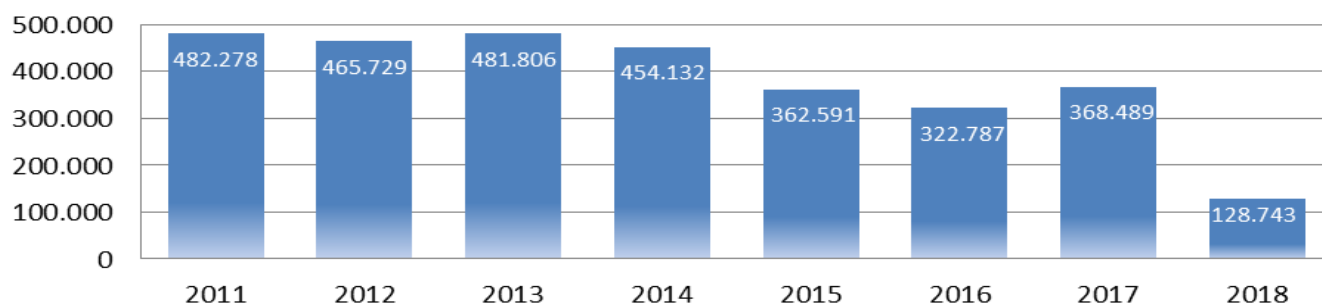
Fonte: www.mdic.gov.br – (Comércio exterior – Estatísticas de comércio exterior – Balança comercial mensal) (Consulta em 25/05/2018)  
 (\*) Dados Atualizados. Valores sujeitos a alteração.

## 18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

TABELA 40 – BRASIL: INTERCÂMBIO COMERCIAL  
(Em US\$ Milhões)

Países	2017 (JAN-DEZ)			2018 (JAN-ABR)		
	Exportações	Importações	Balança Comercial	Exportações	Importações	Balança Comercial
<b>AELC (1)</b>	1.801	2.488	-687	686	820	-134
<b>África (2)</b>	9.400	5.532	3.868	2.588	1.623	965
<b>Aladi (3)</b>	43.763	24.872	18.891	15.473	8.701	6.771
<b>MERCOSUL(*)</b>	23.090	12.284	10.807	8.167	4.125	4.043
Argentina	17.626	9.435	8.191	6.042	3.325	2.717
Paraguai	2.646	1.133	1.513	927	372	556
Uruguai	2.348	1.324	1.024	977	370	607
Venezuela	470	392	79	221	58	163
Chile	5.032	3.439	1.593	2.033	1.141	892
México	4.515	4.238	277	1.391	1.579	-188
Outros (4)	7.111	2.184	4.927	2.467	857	1.611
<b>Ásia</b>	78.765	49.660	29.105	25.848	18.415	7.433
China	47.500	27.324	20.176	17.523	10.073	7.450
Coreia do Sul	3.077	5.240	-2.163	911	2.003	-1.092
Japão	5.270	3.762	1.508	1.469	1.396	73
Outros	8.662	4.703	3.960	2.377	1.295	1.082
<b>Canadá</b>	2.720	1.761	959	929	563	366
<b>EUA (5)</b>	27.058	25.082	1.976	8.757	9.383	-626
<b>Europa Oriental (6)</b>	2.930	3.216	-287	651	1.039	-387
<b>Oriente Médio</b>	11.676	3.964	7.712	2.960	1.535	1.426
<b>União Europeia</b>	34.906	32.072	2.834	14.507	11.510	2.997
Alemanha	4.912	9.226	-4.314	1.798	3.406	-1.608
França	2.225	3.724	-1.499	956	1.342	-386
Itália	3.562	3.957	-396	1.216	1.526	-311
Países Baixos	9.253	1.900	7.354	4.608	626	3.982
Reino Unido	2.845	2.303	543	1.036	683	353
Outros (7)	8.662	4.703	3.960	2.377	1.295	1.082
<b>Outros</b>	4.787	2.083	2.704	1.905	618	1.288
<b>Opep (8)</b>	13.248	6.788	6.461	3.471	2.213	1.258
<b>Total</b>	<b>217.805</b>	<b>150.730</b>	<b>67.074</b>	<b>74.304</b>	<b>54.206</b>	<b>20.098</b>

Fonte: www.bc.gov.br – (Economia e Finanças – Indicadores de Conjuntura – Indicadores Econômicos – Capítulo V – Intercâmbio Comercial Brasileiro)  
(Consulta em 25/05/2018)

Brasil: Corrente de Comércio (\*)  
Em US\$ milhões

(\*) Dados de 2018 referentes ao acumulado no ano.

**CORRENTE DE COMÉRCIO:** obtida a partir da soma: **exportações mais importações**. Quanto maior a corrente de comércio maior o grau de abertura comercial do país. No gráfico, os valores indicam o saldo total anual da **corrente de comércio**, que não deve ser confundida com **balança comercial**, que é obtida a partir de **exportações menos importações**.

(\*) Mercosul: Argentina, Paraguai, Uruguai, Venezuela; além do Brasil.

(1) Associação Europeia de Livre Comércio inclui Islândia, Noruega e Suíça (inclui Liechtenstein).

(2) Exclui países do Oriente Médio e membros da Opep.

(3) Associação Latino-Americana de Integração.

(4) Bolívia, Colômbia, Cuba, Equador, Peru e Venezuela.

(5) Inclui Porto Rico.

(6) Albânia, Armênia, Azerbaijão, Belarus, Cazaquistão, Geórgia, Moldávia, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão, Ucrânia e Uzbequistão.

(7) Áustria, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslovênia, Estônia, Finlândia, Grécia, Hungria, Irlanda, Letônia, Lituânia, Malta, Polônia, Portugal, República Eslovaca, República Tcheca, Romênia e Suécia.

(8) Angola, Arábia Saudita, Argélia, Catar, Emirados Árabes Unidos, Irã, Iraque, Indonésia, Kuwait, Líbia, Nigéria e Venezuela.

## 18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

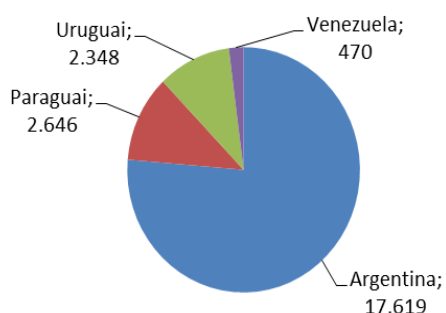
## Relações Comerciais com o MERCOSUL

TABELA 41 – BRASIL: INTERCÂMBIO COMERCIAL MERCOSUL (US\$ MILHOES)

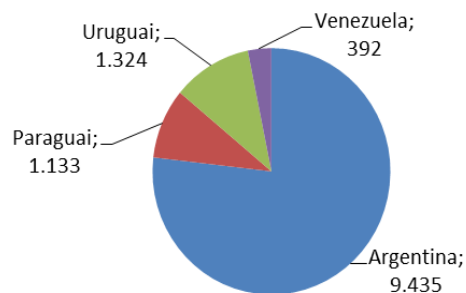
Países	Exportações	Participações nas Exportações (%)	Importações	Participações nas Importações (%)	Balança Comercial	Corrente de Comércio
<b>2018 (Jan-Abr)</b>						
Argentina	6.073	73,96	3.325	80,62	2.748	9.399
Paraguai	939	11,43	372	9,01	567	1.310
Uruguai	979	11,92	370	8,98	608	1.349
Venezuela	221	2,69	58	1,40	163	278
<b>MERCOSUL</b>	<b>8.211</b>	<b>100,00</b>	<b>4.125</b>	<b>100,00</b>	<b>4.086</b>	<b>12.336</b>
<b>2017</b>						
Argentina	17.619	76,33	9.435	76,81	8.184	27.054
Paraguai	2.646	11,46	1.133	9,23	1.513	3.779
Uruguai	2.348	10,17	1.324	10,78	1.024	3.672
Venezuela	470	2,03	392	3,19	78	861
<b>MERCOSUL</b>	<b>23.083</b>	<b>100,00</b>	<b>12.284</b>	<b>100,00</b>	<b>10.799</b>	<b>35.367</b>
<b>2016</b>						
Argentina	13.418	68,26	9.084	75,66	4.333	22.502
Paraguai	2.221	11,30	1.223	10,19	998	3.444
Uruguai	2.744	13,96	1.284	10,70	1.460	4.028
Venezuela	1.276	6,49	415	3,46	861	1.691
<b>MERCOSUL</b>	<b>19.658</b>	<b>100,00</b>	<b>12.007</b>	<b>100,00</b>	<b>7.651</b>	<b>31.665</b>
<b>2015</b>						
Argentina	12.800	60,99	10.285	78,72	2.515	23.085
Paraguai	2.473	11,78	884	6,77	1.589	3.358
Uruguai	2.727	12,99	1.217	9,31	1.510	3.943
Venezuela	2.987	14,23	680	5,20	2.307	3.666
<b>MERCOSUL</b>	<b>20.987</b>	<b>100,00</b>	<b>13.065</b>	<b>100,00</b>	<b>7.921</b>	<b>34.052</b>
<b>2014</b>						
Argentina	14.282	57,01	14.143	77,05	139	28.425
Paraguai	3.193	12,75	1.120	6,10	2.073	4.313
Uruguai	2.945	11,76	1.918	10,45	1.027	4.863
Venezuela	4.632	18,49	1.174	6,40	3.458	5.806
<b>MERCOSUL</b>	<b>25.052</b>	<b>100,00</b>	<b>18.355</b>	<b>100,00</b>	<b>6.697</b>	<b>43.407</b>

Fonte: www.mdic.gov.br – (Comércio exterior – Estatística do comércio exterior – Balança comercial Brasileira Mensal) (Consulta em 25/05/2018)

Exportações 2017 - US\$ Milhões



Importações 2017 - US\$ Milhões



**18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO****TABELA 42 - BRASIL: PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS PARA O MERCOSUL EM 2018 (JAN-ABR)**

Nº	PRODUTO	US\$ FOB (Milhões)	Percentual (%)
1	Automóveis com motor explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros	986,99	27,05
2	Automóveis com motor explosão, de cilindrada >1.000 cm3 <1.500 cm3	504,05	13,81
3	Óleos brutos de petróleo	406,21	11,13
4	Outros veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5 toneladas	236,73	6,49
5	Automóveis com motor explosão, de cilindrada não superior a 1.000 cm3	215,65	5,91
6	Outros veículos automóveis com motor a explosão, carga <= 5 toneladas	188,24	5,16
7	Tratores rodoviários para semi-reboques	163,70	4,49
8	Chassis com motor diesel e cabina, 5 toneladas < carga <= 20 toneladas	123,83	3,39
9	Gasóleo (óleo diesel)	106,64	2,92
10	Minérios de ferro e seus concentrados, aglomerados por processo de peletização	104,79	2,87
11	Outros açúcares de cana	78,85	2,16
12	Outras partes e acessórios de carrocerias para veículos automóveis	72,44	1,99
13	Colheitadeiras combinadas com debulhadoras	64,69	1,77
14	Outras carnes de suíno, congeladas	64,08	1,76
15	Outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis	63,59	1,74
16	Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	60,85	1,67
17	Alumina calcinada	57,36	1,57
18	Minérios de ferro e seus concentrados, não aglomerados	50,35	1,38
19	Outros recipientes tubulares, de alumínio, de capacidade < 300 litros	50,00	1,37
20	Outros pneumáticos novos, dos tipos utilizados em ônibus ou caminhões	49,88	1,37
-	<b>Total</b>	<b>3.648,92</b>	<b>100,00</b>

**TABELA 43 - BRASIL: PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS DO MERCOSUL EM 2018 (JAN-ABR)**

Nº	PRODUTO	US\$ FOB (Milhões)	Percentual (%)
1	Outros veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5 toneladas	527,91	22,05
2	Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura	413,50	17,27
3	Automóveis com motor explosão, 1000 > cm3 <= 1500, até 6 passageiros	301,20	12,58
4	Automóveis com motor explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros	175,51	7,33
5	Malte não torrado, inteiro ou partido	108,08	4,51
6	Automóveis com motor diesel, cm3 > 2500, superior a 6 passageiros	100,90	4,21
7	Jogos de fios para velas de ignição e outros jogos utilizados em veículos	74,53	3,11
8	Outros propanos liquefeitos	72,01	3,01
9	Alhos, frescos ou refrigerados, exceto para semeadura	65,46	2,73
10	Outras caixas de marchas	64,11	2,68
11	Naftas para petroquímica	58,87	2,46
12	Cevada cervejeira	58,11	2,43
13	Outros motores diesel e semidiesel	51,43	2,15
14	Batatas, preparadas ou conservadas, exceto em vinagre ou em ácido acético, congeladas	50,95	2,13
15	Leite integral, em pó, com teor de matérias gordas > 1,5 %	48,49	2,03
16	Copolímeros de etileno e alfa-olefina, de densidade inferior a 0,94	47,56	1,99
17	Garrações, garrafas, frascos, artigos semelhantes, de plásticos	46,65	1,95
18	Outros polietilenos sem carga, densidade >= 0.94, em formas primárias	44,25	1,85
19	Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	43,56	1,82
20	Polipropileno sem carga, em forma primária	41,39	1,73
-	<b>Total</b>	<b>2.394,47</b>	<b>100,00</b>



## 18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

## As Relações Comerciais com as Três Américas

TABELA 44 - Exportações Brasileiras para países das três Américas: do Sul, Central e do Norte (em milhões de U\$S)

	País	2017		2018
		Exportações (JAN-DEZ)	Participação (%)	Exportações (JAN-ABR)
1	Estados Unidos	26.872,63	12,34	8.687,55
2	Argentina	17.618,81	8,09	6.073,24
3	Chile	5.031,36	2,31	2.054,20
4	México	4.514,10	2,07	1.418,88
5	Canadá	2.719,39	1,25	932,33
6	Paraguai	2.646,22	1,22	938,58
7	Colômbia	2.507,79	1,15	950,39
8	Uruguai	2.348,12	1,08	978,52
9	Peru	2.245,33	1,03	764,88
10	Bolívia	1.506,17	0,69	474,04
11	Equador	836,68	0,38	283,23
12	Panamá	632,98	0,29	152,55
13	República Dominicana	588,46	0,27	275,33
14	Venezuela	469,65	0,22	220,66
15	Santa Lúcia	446,89	0,21	278,33
16	Cuba	346,32	0,16	139,28
17	Costa Rica	277,71	0,13	103,36
18	Guatemala	266,62	0,12	62,18
19	Bahamas	261,90	0,12	57,43
20	Trinidad e Tobago	205,20	0,09	67,51
	<b>Total</b>	<b>217.739,18</b>	<b>100,00</b>	<b>74.532,57</b>

www.aliceweb2.mdic.gov.br/  
(Consulta em 25/05/2018)

TABELA 45 - Importações Brasileiras de países das três Américas: do Sul, Central e do Norte (em milhões de U\$S)

	País	2017		2018
		Importações (JAN-DEZ)	Participação (%)	Importações (JAN-ABR)
1	Estados Unidos	24.846,59	16,48	9.271,90
2	Argentina	9.435,19	6,26	3.325,36
3	México	4.238,05	2,81	1.579,36
4	Chile	3.452,61	2,29	1.140,93
5	Canadá	1.760,98	1,17	562,87
6	Peru	1.617,83	1,07	470,11
7	Colômbia	1.442,47	0,96	587,27
8	Uruguai	1.323,90	0,88	529,66
9	Bolívia	1.285,11	0,85	371,69
10	Paraguai	1.133,25	0,75	370,28
11	Venezuela	391,69	0,26	57,54
12	Porto Rico	239,66	0,16	112,24
13	Trinidad e Tobago	198,35	0,13	154,00
14	Equador	131,33	0,09	25,07
15	Costa Rica	57,50	0,04	18,71
16	Guatemala	31,44	0,02	36,43
17	Cuba	19,74	0,01	11,73
18	República Dominicana	15,70	0,01	4,82
19	Honduras	12,88	0,01	4,83
20	El Salvador	5,01	0,00	2,25
	<b>Total</b>	<b>150.749,45</b>	<b>100,00</b>	<b>54.210,45</b>

www.aliceweb2.mdic.gov.br/  
(Consulta em 25/05/2018)

**18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO****Principais Produtos Exportados e Importados****TABELA 46 – BRASIL: PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS EM 2018 (JAN-ABR)**

Nº	Produto	US\$ Milhões	Percentual (%)
1	Soja, mesmo triturada, Exceto Para Semeadura	9.234,79	22,37
2	Óleos Brutos De Petroleo	7.188,00	17,41
3	Minérios De Ferro Nao Aglomerados E Seus Concentrados	4.976,32	12,05
4	Pasta química de madeira semi branqueada	2.603,76	6,31
5	Bagacos e outros resíduos sólidos do óleo de soja	1.545,06	3,74
6	Barcos-faróis/guindastes/docas/diques flutuantes, etc.	1.534,60	3,72
7	Outros açúcares de cana	1.499,60	3,63
8	Café Não Torrado, Não Descafeinado, Em Grão	1.428,43	3,46
9	Pedaços E Miudezas comestíveis Galinhas, Congelados	1.401,97	3,40
10	Carnes Desossadas De Bovino, Congeladas	1.286,30	3,12
11	Automóveis c/motor explosão, 1500<cm3<=3000, até 6 passag	1.205,08	2,92
12	Partes De Turborreatores Ou De Turbopropulsores	1.046,65	2,54
13	Minerios De Ferro Aglomerado para Processo De Peletizacao	975,04	2,36
14	Outros prods semimanufaturados de ferro ou aço, com < 0,25 % de carbono	970,95	2,35
15	Alumina Calcinada	864,75	2,09
16	Outros aviões e outros veículos aéreos, de peso superior a 15.000 kg, vazios	819,30	1,98
17	Milho Em Grão, Exceto Para Semeadura	794,43	1,92
18	Ferro-nióbio	649,22	1,57
19	Ouro Em Barras, Fios E Perfis De Seção Maciça	636,12	1,54
20	Outros minérios de cobre e seus concentrados	622,97	1,51
--	<b>Total</b>	<b>41.283,34</b>	<b>100,00</b>

**TABELA 47 – BRASIL: PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS EM 2018 (JAN-ABR)**

Nº	Produto	US\$ Milhões	Percentual (%)
1	"Gasóleo" (Óleo Diesel)	2.392,50	17,13
2	Óleos brutos de petróleo	1.335,28	9,56
3	Hulha Betuminosa, Não Aglomerada	909,97	6,52
4	Naftas Para Petroquímica	886,67	6,35
5	Outras partes para aparelhos receptores radiodif. televisão, etc.	842,09	6,03
6	Outras partes para aparelhos de telefonia/telegrafia	744,81	5,33
7	Outras Gasolinas, Exceto Para Aviação	693,26	4,96
8	Outros Veiculos Automóveis C/Motor Diesel, Carga<=5T	610,71	4,37
9	Outros Cloretos De Potássio	584,96	4,19
10	Outras Caixas De Marchas	565,67	4,05
11	Automóveis com motor explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros	534,06	3,82
12	Automóveis C/ Motor Explosão,1.000>Cm3<1.500, Até 6 passag	478,12	3,42
13	Gás Natural No Estado Gasoso	450,23	3,22
14	Catodos De Cobre Refinado/Seus Elementos, Em Forma Bruta	449,92	3,22
15	Álcool etílico não desnaturado	437,19	3,13
16	Microprocessadores Mont.P/Superf.(Smd)	429,80	3,08
17	Uréia Com Teor De Nitrogênio>45% Em Peso	427,79	3,06
18	Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura	420,88	3,01
19	Outros propanos liquefeitos	398,95	2,86
20	Outros produtos imunológicos para venda a retalho	373,24	2,67
--	<b>Total</b>	<b>13.966,10</b>	<b>100,00</b>

**Conta Petróleo do Brasil****TABELA 48 – BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA - COM E SEM PETRÓLEO E DERIVADOS - (US\$ milhões) (JAN-AGO) FOB**

	2014	2015
<b>Exportação</b>	<b>154.018</b>	<b>128.347</b>
Petróleo e Derivados	17.238	12.050
Demais	136.780	116.297
<b>Importação</b>	<b>153.813</b>	<b>121.050</b>
Petróleo e Derivados	28.116	15.260
Demais	125.697	105.790
<b>Saldo</b>	<b>205</b>	<b>7.297</b>
Petróleo e Derivados	-10.878	-3.210
Demais	11.083	10.507

Fonte: 1 – (Comércio exterior – Estatística do comércio exterior – Balança comercial Brasileira Mensal) (Consulta em 25/05/2018)

## Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná

**18.1. Brasil: Comércio Exterior por Intensidade Tecnológica**

Os dados disponíveis apontam predomínio das exportações industriais brasileiras em bens de: 1) baixa tecnologia; e de: 2) média-alta tecnologia. As exportações de bens de alta tecnologia, com maior valor agregado é pequena. Por outro lado, em termos de importações de bens industriais, o que predomina na demanda externa do Brasil são produtos de: 1) média-alta tecnologia; e de: 2) alta tecnologia, indicando que o Brasil é um grande importador de bens de maior valor agregado, com mais inovações e de maior tecnologia.

**TABELA 49 – BRASIL: Exportação Por Intensidade Tecnológica – US\$ Bilhões**

Discriminação	2012 Valor	2013 Valor	2014 Valor	2015 Valor	2015 Var.%1/ Var.%1/	2015 Part.%
<b>Total</b>	<b>242,6</b>	<b>242,0</b>	<b>225,1</b>	<b>191,1</b>	<b>-15,1</b>	<b>100</b>
<b>Produtos não industriais</b>	<b>75,6</b>	<b>68,0</b>	<b>63,1</b>	<b>66,2</b>	<b>-22,9</b>	<b>35,7</b>
<b>Produtos industriais</b>	<b>166,9</b>	<b>173,9</b>	<b>161,8</b>	<b>121,9</b>	<b>-10</b>	<b>64,3</b>
<b>I. Alta tecnologia</b>	<b>9,9</b>	<b>9,7</b>	<b>9,6</b>	<b>9,2</b>	<b>3,0</b>	<b>4,6</b>
Aeronáutica e aeroespacial	5,6	5,6	5,8	6,5	10,7	3,4
Farmacêutica	2,1	2,0	1,9	1,3	-16,7	0,7
Outros	2,2	2,1	1,8	1,5	-5,7	0,6
<b>II. Média-alta tecnologia</b>	<b>40,7</b>	<b>39,8</b>	<b>34,5</b>	<b>33,1</b>	<b>-9,9</b>	<b>17,3</b>
Veículos automotores, reboques/semi-reboques	14,6	15,9	11,4	11,0	-2,9	5,6
Produtos químicos, exclusive farmacêuticos	10,7	10,3	10,0	11,3	-10,9	5,9
Máquinas e equipamentos mecânicos n. e.	11,4	9,7	9,3	7,6	-15,1	4,0
Outros	3,9	3,9	3,6	3,1	-15,3	1,6
<b>III. Média-baixa tecnologia</b>	<b>38,8</b>	<b>41,4</b>	<b>36,5</b>	<b>27,1</b>	<b>-12</b>	<b>14,2</b>
Produtos metálicos	21,8	19,1	20,6	17,8	-4,6	9,3
Produtos de petróleo refinado/outros combustíveis	10,5	9,4	8,7	2,6	-45	1,5
Outros	6,5	12,9	7,1	6,5	-6,9	3,4
<b>IV. Baixa tecnologia</b>	<b>77,4</b>	<b>83,0</b>	<b>81,2</b>	<b>53,3</b>	<b>-11,1</b>	<b>27,9</b>
Alimentos, bebidas e tabaco	62,6	67,2	64,8	37,6	-14	19,7
Madeira e seus produtos, papel e celulose	8,6	9,2	9,5	9,8	4,4	5,2
Têxteis, couro e calçados	4,6	4,9	5,3	4,4	-16,6	2,3
Produtos manufaturados n.e. e bens reciclados	1,6	1,6	1,5	1,4	-6,1	0,6

**TABELA 50 – BRASIL: Importação Por Intensidade Tecnológica – US\$ Bilhões**

Discriminação	2012 Valor	2013 Valor	2014 Valor	2015 Valor	2015 Var.%1/ Var.%1/	2015 Part.%
<b>Total</b>	<b>223,2</b>	<b>239,7</b>	<b>229,1</b>	<b>171,5</b>	<b>-25,2</b>	<b>100</b>
<b>Produtos não industriais</b>	<b>28,4</b>	<b>33,9</b>	<b>32,1</b>	<b>20,8</b>	<b>-35,8</b>	<b>12,1</b>
<b>Produtos industriais</b>	<b>194,7</b>	<b>205,8</b>	<b>196,9</b>	<b>150,7</b>	<b>-23,4</b>	<b>87,9</b>
<b>I. Alta tecnologia</b>	<b>40,4</b>	<b>43,1</b>	<b>41,7</b>	<b>30,8</b>	<b>-20,3</b>	<b>18,0</b>
Equipamentos de rádio, TV e comunicação	14,8	16,4	16,2	11,6	-28,6	6,7
Farmacêutica	8,9	9,7	9,5	7,2	-12,5	4,2
Instrumentos médicos de ótica e precisão	7,0	7,7	7,3	4,1	-19,4	2,4
Aeronáutica e aeroespacial	4,8	4,9	4,8	4,9	-1,1	2,9
Material de escritório e informática	4,8	4,3	3,9	3,0	-27,5	1,8
<b>II. Média-alta tecnologia</b>	<b>93,9</b>	<b>99,9</b>	<b>92,5</b>	<b>73,1</b>	<b>-21,7</b>	<b>42,7</b>
Produtos químicos, exclusive farmacêuticos	33,9	36,2	36,0	30,6	-17,2	17,9
Máquinas e equipamentos mecânicos, n. e.	26,7	27,7	24,4	18,4	-23,5	10,8
Veículos automotores, reboques/semirreboques	22,6	24,4	21,1	14,8	-30,2	8,6
Máquinas e equipamentos elétricos n. e.	8,9	10,2	9,3	7,6	-18,4	4,5
Equipamentos para ferrovia e material de transporte n. e.	1,6	1,3	1,7	1,6	-3,7	0,9
<b>III. Média-baixa tecnologia</b>	<b>41,7</b>	<b>43,9</b>	<b>43,2</b>	<b>29,5</b>	<b>-32,7</b>	<b>17,2</b>
Produtos de petróleo refinado/outros combustíveis	18,8	20,2	20,1	10,2	-49,5	6,0
Produtos metálicos	14,2	14,1	13,8	11,3	-20,5	6,6
Borracha e produtos plásticos	6,1	6,6	6,2	4,9	-21,5	2,8
Outros	2,6	3,0	3,1	3,0	-0,7	1,8
<b>IV. Baixa tecnologia</b>	<b>18,7</b>	<b>18,9</b>	<b>19,4</b>	<b>17,2</b>	<b>-17,7</b>	<b>10,1</b>
Têxteis, couro e calçados	6,9	7,1	7,4	6,2	-16,3	3,6
Alimentos, bebidas e tabaco	7,1	7,0	7,5	6,1	-18,2	3,5
Madeira e seus produtos, papel e celulose	2,4	2,3	2,2	1,4	-27,1	0,8
Produtos manufaturados n.e. e bens reciclados	2,3	2,4	2,3	3,5	-14,6	2,1

Obs.: n. e. = não especificados nem compreendidos em outra categoria. 1/ Variação percentual pela média diária, 2015 sobre 2014.

Dados extraídos do Boletim do Banco Central – Relatório anual 2013, referente aos dados de 2012 e 2013; Relatório anual 2015 referente aos dados de 2014 e 2015.

\*O boletim anual do Banco Central foi descontinuado, sendo os últimos dados divulgados do ano 2015.

**18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO****Referências de Comércio exterior****1. Brasil negocia cota maior para aço com os EUA**

O governo brasileiro avalia negociar com os Estados Unidos alterações no cálculo das cotas de exportação de aço e alumínio para diminuir prejuízos ao comércio por causa das sobretaxas de 25% sobre o aço e de 10% sobre o alumínio anunciadas em março. Ainda segundo o governo, essa é uma das poucas alternativas que restam, depois que os americanos colocaram apenas duas alternativas sobre a mesa: cota ou sobretaxa.

Fontes ligadas ao governo informaram que, no caso dos produtos siderúrgicos, as cotas serão calculadas sobre a média exportada de 2015, 2016 e 2017, anos que foram ruins para o comércio exterior. Ou seja, são cotas baixas. É nesse ponto que os técnicos acreditam haver espaço para negociação.

Enquanto o Brasil ainda avalia o que fazer, a Argentina anunciou haver alcançado um acordo definitivo com os Estados Unidos, segundo o jornal Clarín. Ela ficará livre das sobretaxas, mas observará cotas para suas exportações. Porém, diferente do que ocorreu com a Coreia, que aceitou cotas cujo resultado foi um corte nas vendas de 30%, a Argentina diz ter conseguido uma cota de 180 mil toneladas de aço, 35% superior à média dos últimos três anos. Para alumínio, serão 130 mil toneladas, o que corresponde à média dos últimos três anos.

Fonte: economia.estadao.com.br (02/05/2018)

**2. Mercosul e Coreia do Sul lançam formalmente negociações do acordo de livre comércio**

Os ministros Aloysio Nunes Ferreira (Relações Exteriores) e Marcos Jorge de Lima (Indústria, Comércio Exterior e Serviços) participaram, no dia 25 de maio em Seul, do lançamento das negociações para um acordo de comércio entre o Mercosul e a Coreia do Sul. O lançamento aconteceu durante reunião entre o governo sul-coreano e representantes dos quatro países do bloco latino-americano. O diálogo deve se intensificar no segundo semestre.

O acordo envolve o comércio de bens, serviços, compras governamentais, propriedade intelectual, comércio eletrônico, investimentos, desenvolvimento sustentável e competição.

A Coreia do Sul é o 13º destino das exportações brasileiras e o quinto principal país de origem das importações. As exportações brasileiras para a Coreia do Sul são compostas principalmente de produtos básicos, como minérios, milho, soja e algodão, seguidos de manufaturados e semimanufaturados.

O Brasil importa da Coreia do Sul principalmente produtos manufaturados, como máquinas, automóveis, plásticos, veículos para vias férreas, produtos farmacêuticos e instrumentos de precisão.

Fonte: www.comexdobrasil.com (25/05/2018)

**3. Calçadistas brasileiros buscam espaço no mercado de US\$ 6,4 bilhões do Reino Unido**

Os calçadistas brasileiros estão focados na expansão do mercado no Reino Unido, que no ano passado importou o equivalente a US\$ 6,4 bilhões em calçados, a maior parte deles da China. A primeira iniciativa do Brazilian Footwear naquele país foi realizada entre os dias 7 e 12 de maio, quando uma equipe da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), que gere o programa de apoio às exportações de calçados em parceria com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), esteve in loco realizando uma missão prospectiva para conhecer melhor o mercado local.

“O Reino Unido é um mercado, de fato, novo para o Programa. No país podemos encontrar poucas marcas brasileiras, já que a maior parte das empresas que exporta para lá o faz por meio de private label (com a etiqueta do cliente)”, explica Roberta Ramos, gestora de Projetos da Abicalçados, ressaltando a importância de se iniciar um trabalho de imagem e promoção comercial das marcas Made in Brazil no país. No ano passado, conforme dados da Abicalçados, os calçadistas brasileiros exportaram para lá US\$ 24 milhões, 11% menos do que em 2016. Já nos quatro primeiros meses deste ano, foi embarcado o equivalente a US\$ 8,2 milhões, 8% mais do que no mesmo íterim de 2017. do local.

Fonte: www.comexdobrasil.com (17/05/2018)

**4. Greve dos caminhoneiros reduz exportações em 36%; balança tem saldo de US\$ 6 bilhões em maio**

A greve dos caminhoneiros, que começou em 21 de maio e durou 11 dias, afetou as exportações do país no período. A média diária de produtos vendidos ao exterior, que nas três primeiras semanas do mês ficou acima de US\$ 1 bilhão, caiu para US\$ 642 milhões na última semana do mês, que terminou em 31 de maio. Na semana entre o dia 21 e 27, o volume exportado também sofreu queda significativa, para uma média diária de US\$ 699 milhões.

Por causa desses efeitos, o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) informou, no em 1º de junho que a queda no ritmo das exportações foi, na média, de 36% no período. No entanto, considerando todo o mês de maio, o saldo da balança comercial foi positivo em US\$ 6 bilhões.

“Houve uma queda generalizada entre os setores, com diferentes efeitos dependendo do modal utilizado para o produto”, explicou Herlon Brandão, diretor de estatísticas e apoio às exportações da Secretaria de Comércio Exterior do MDIC. No caso dos bens manufaturados, como aviões e automóveis, a queda nas exportações foi de 46%, seguida pela venda de bens semi-manufaturados, como celulose, ferro e aço, em que o recuo foi de 37%. A queda dos produtos básicos, como soja, minério de ferro e petróleo cru, foi menor, de 31%.

“Produtos como petróleo, embarcado diretamente no mar, e minério de ferro, que usa o modal ferroviário, foram menos afetados. Boa parte do escoamento da soja foi garantido por estoques existentes nos portos”, afirmou Herlon, ao exemplificar porque os produtos básicos foram menos afetados pela greve dos caminhoneiros.

O diretor ressaltou, no entanto, que os efeitos de redução do fluxo de comércio durante a paralisação dos transportadores ainda “poderão ser sentidos no tempo”, já que muitas empresas interromperam a produção no período.

As importações também foram afetadas em 26%. Saíram de uma média de US\$ 703 milhões, nas três primeiras semanas do mês, para US\$ 516 milhões, nas duas últimas semanas. Herlon garantiu que, apesar da acentuada incidência da greve dos caminhoneiros sobre o fluxo de comércio em maio, o governo não deve alterar a previsão atual de saldo na balança comercial do ano, que é de cerca de R\$ 50 bilhões. “Essas duas semanas não são suficientes para comprometer o resultado esperado do ano, com crescimento nos dois fluxos”.

Fonte: www.comexdobrasil.com (01/06/2018)

**19. COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE**

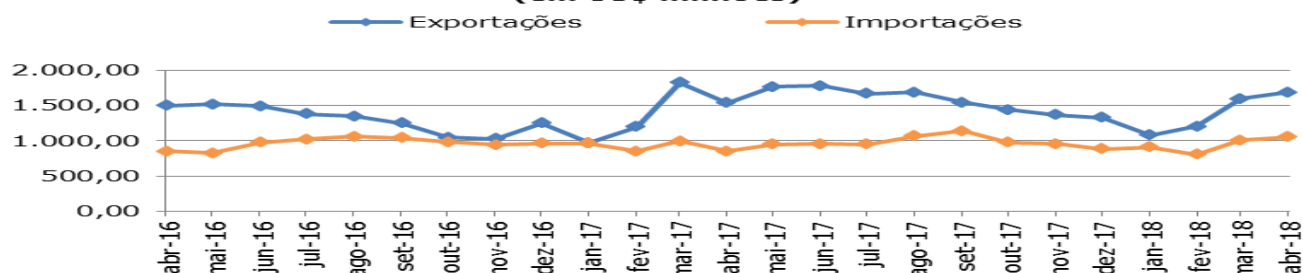
A balança comercial paranaense de 2018 (janeiro/abril) apresentou superávit. Foi um desempenho positivo, mas que poderá ser comprometido a partir dos efeitos da greve dos caminhoneiros, custos logísticos, e tarifas dos derivados de petróleo. Em 2017, a balança comercial foi positiva (US\$ 6,6 bilhões) e superior aos dois anos anteriores. As alterações conjunturais recentes na economia brasileira, poderão comprometer o crescimento do PIB em 2018, pois além das manifestações de caminhoneiros, existe a discussão de nova tabela de fretes, preços dos derivados, maior cotação cambial do dólar (US\$), perdas da estrutura de produção do País e do Paraná, e as incertezas e apreensões relacionadas às eleições de outubro próximo. Junte-se a isso, os percentuais de desempregados/desocupados que supera 12 milhões de trabalhadores, valores que indicam ociosidade da capacidade produtiva do país e também do Estado.

Permanecem como indicadores recentes importantes da economia atualmente: queda na inflação, redução dos juros do BC, previsão de aumento do PIB (mas abaixo do inicialmente previsto), e tendência de manutenção de bom desempenho nas contas externas.

**TABELA 51 – PARANÁ: BALANÇA COMERCIAL E CORRENTE DE COMÉRCIO**  
(Em US\$ Milhões)

Período	Exportações*	Importações*	Saldo Balança Comercial *	Corrente de comércio*
<b>2008</b>	<b>15.247,18</b>	<b>14.570,22</b>	<b>676,96</b>	<b>29.817,40</b>
<b>2009</b>	<b>11.222,83</b>	<b>9.620,84</b>	<b>1.601,98</b>	<b>20.843,67</b>
<b>2010</b>	<b>14.176,01</b>	<b>13.956,96</b>	<b>219,05</b>	<b>28.132,97</b>
<b>2011</b>	<b>17.394,23</b>	<b>18.767,23</b>	<b>-1.373,00</b>	<b>36.161,46</b>
<b>2012</b>	<b>17.709,59</b>	<b>19.387,10</b>	<b>-1.677,52</b>	<b>37.096,69</b>
<b>2013</b>	<b>18.239,20</b>	<b>19.343,80</b>	<b>- 1.104,60</b>	<b>37.583,00</b>
<b>2014</b>	<b>16.332,15</b>	<b>17.294,27</b>	<b>-962,12</b>	<b>33.626,42</b>
<b>2015</b>	<b>14.909,08</b>	<b>12.448,70</b>	<b>2.460,38</b>	<b>27.357,78</b>
<b>2016</b>	<b>15.171,10</b>	<b>11.092,31</b>	<b>4.078,79</b>	<b>26.263,41</b>
<b>2017</b>	<b>18.082,39</b>	<b>11.518,55</b>	<b>6.563,85</b>	<b>29.600,94</b>
Abr	1.536,94	847,97	688,97	2.384,90
Mai	1.766,57	951,75	814,82	2.718,32
Jun	1.775,19	953,49	821,69	2.728,68
Jul	1.665,05	948,86	716,19	2.613,90
Ago	1.683,54	1.064,32	619,22	2.747,86
Set	1.541,81	1.139,59	402,23	2.681,40
Out	1.439,47	972,74	466,72	2.412,21
Nov	1.367,06	953,23	413,83	2.320,29
Dez	1.326,95	880,73	446,22	2.207,67
<b>2018</b>	<b>5.561,63</b>	<b>3.771,35</b>	<b>1.790,28</b>	<b>9.332,98</b>
Jan	1.076,58	907,07	169,51	1.983,66
Fev	1.203,13	804,25	398,88	2.007,38
Mar	1.597,75	1.007,53	590,22	2.605,29
Abr	1.684,16	1.052,49	631,67	2.736,66

**Paraná: Exportações X Importações**  
(em US\$ milhões)



Fonte: www.mdic.gov.br –(Comércio exterior – Estatística do comércio exterior –Balança comercial – Estados) (Consulta em 25/05/2018)

(\*) Dados Atualizados, Sujeitos a alteração.

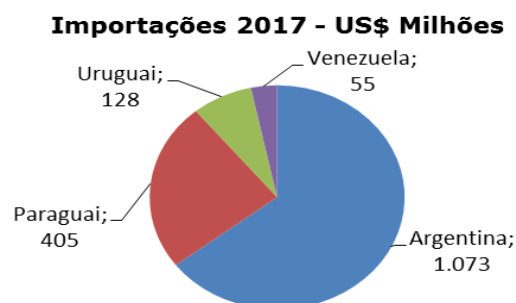
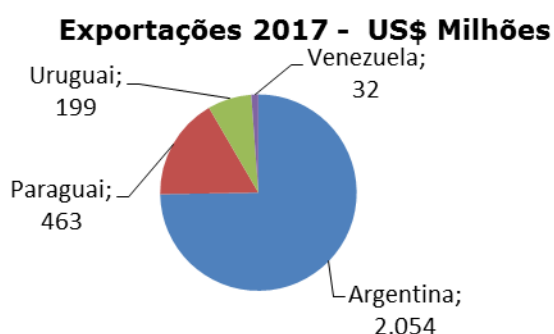
## 19. COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE

## Relações Comerciais com o MERCOSUL

TABELA 52 – PARANÁ: INTERCAMBIO COMERCIAL MERCOSUL (US\$ MILHOES)

Países	Exportações	Participações nas Exportações (%)	Importações	Participações nas Importações (%)	Balança Comercial	Corrente de Comércio
<b>2018 (Jan-Abr)</b>						
Argentina	583	71,24	311	65,84	272	894
Paraguai	161	19,73	121	25,70	40	283
Uruguai	71	8,69	27	5,68	44	98
Venezuela	3	0,35	13	2,78	-10	16
<b>MERCOSUL</b>	<b>818</b>	<b>100,00</b>	<b>472</b>	<b>100,00</b>	<b>346</b>	<b>1.291</b>
<b>2017</b>						
Argentina	2.054	74,74	1.073	64,63	981	3.126
Paraguai	463	16,85	405	24,37	59	868
Uruguai	199	7,23	128	7,69	71	326
Venezuela	32	1,18	55	3,31	-23	87
<b>MERCOSUL</b>	<b>2.748</b>	<b>100,00</b>	<b>1.660</b>	<b>100,00</b>	<b>1.088</b>	<b>4.408</b>
<b>2016</b>						
Argentina	1.537	69,50	1.119	63,10	417	2.656
Paraguai	426	19,27	493	27,77	-67	919
Uruguai	158	7,13	109	6,12	49	266
Venezuela	91	4,10	53	3,01	37	144
<b>MERCOSUL</b>	<b>2.211</b>	<b>100,00</b>	<b>1.774</b>	<b>100,00</b>	<b>437</b>	<b>3.985</b>
<b>2015</b>						
Argentina	1.087	55,92	1.382	77,68	-295	2.468
Paraguai	532	27,37	308	17,31	223	840
Uruguai	156	8,02	84	4,72	72	240
Venezuela	170	8,74	5	0,28	165	174
<b>MERCOSUL</b>	<b>1.944</b>	<b>100,00</b>	<b>1.779</b>	<b>100,00</b>	<b>165</b>	<b>3.723</b>
<b>2014</b>						
Argentina	1.204	54,19	1.814	72,47	-560	2.488
Paraguai	613	27,59	545	21,77	51	977
Uruguai	161	7,25	133	5,31	11	239
Venezuela	244	10,98	11	0,44	199	221
<b>MERCOSUL</b>	<b>2.222</b>	<b>100,00</b>	<b>2.503</b>	<b>100,00</b>	<b>-264</b>	<b>3.558</b>

Fonte: www.mdic.gov.br (Comércio exterior – Estatística do comércio exterior – Balança comercial Unidades da Federação) (Consulta: 25/05/2018)



**19. COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE****TABELA 53 - PARANÁ: PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS PARA O MERCOSUL EM 2018 (JAN-ABR)**

Nº	PRODUTO	US\$ FOB Milhões	Percentual (%)
1	Automóveis com motor explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros	120,24	24,40
2	Automóveis com motor explosão, de cilindrada não superior a 1.000 cm3	75,92	15,40
3	Outros veículos automóveis com motor a explosão, carga <= 5 toneladas	57,95	11,76
4	Tratores rodoviários para semi-reboques	29,86	6,06
5	Outras carnes de suíno, congeladas	25,15	5,10
6	Outros papéis e cartões dos tipos utilizados para escrita ou impressão	25,03	5,08
7	Adubos minerais ou químicos, que contenham nitrogênio, fósforo e potássio	21,01	4,26
8	Eixos de transmissão com diferencial para veículos automóveis	15,42	3,13
9	Papel e cartão revestidos, impregnados ou recobertos de plástico	14,86	3,01
10	Outras partes e acessórios de carrocerias para veículos automóveis	14,46	2,93
11	Chassis com motor diesel e cabina, capacidade de carga > 20 toneladas	12,78	2,59
12	Outros motores de explosão de cilindrada superior a 1.000 cm3	12,26	2,49
13	Outros recipientes tubulares, de alumínio, de capacidade não superior a 300 litros	10,96	2,22
14	Outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis	9,71	1,97
15	Outras máquinas e aparelhos para colheita	9,37	1,90
16	Outras pás mecânicas, escavadores, carregadoras, etc.	8,55	1,73
17	Outros veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5 toneladas	7,70	1,56
18	Outros tratores, com potência de motor > 75 kW, mas < 130 kW	7,56	1,53
19	Outros tratores, com uma potência de motor superior a 130 Kw	7,27	1,47
20	Outras preparações dos tipos utilizados na alimentação de animais	6,80	1,38
-	<b>Total</b>	<b>492,85</b>	<b>100,00</b>

**TABELA 54 - PARANÁ: PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS DO MERCOSUL EM 2018 (JAN-ABR)**

Nº	PRODUTO	US\$ FOB Milhões	Percentual (%)
1	Outros veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5 toneladas	131,32	35,50
2	Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	43,21	11,68
3	Automóveis com motor explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros	24,80	6,70
4	Malte não torrado, inteiro ou partido	24,01	6,49
5	Jogos de fios para velas de ignição e outros jogos de fios	18,98	5,13
6	Metanol (álcool metílico)	17,13	4,63
7	Outros propanos liquefeitos	12,13	3,28
8	Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura	11,87	3,21
9	Garrafões, garrafas, frascos, artigos semelhantes, de plásticos	10,64	2,88
10	Pastas químicas de madeira, semibranqueadas ou branqueadas, de coníferas	10,28	2,78
11	Carnes desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas	9,83	2,66
12	Farinha de trigo	9,54	2,58
13	Milho em grão, exceto para semeadura	9,09	2,46
14	Azeitonas, não congeladas	6,08	1,64
15	Alhos, frescos ou refrigerados, exceto para semeadura	5,77	1,56
16	Outras caixas de marchas	5,77	1,56
17	Sebo bovino fundido (incluindo o premier jus)	5,49	1,48
18	Outros feijões comuns, pretos, secos, em grãos	4,76	1,29
19	Carnes desossadas de bovino, congeladas	4,76	1,29
20	Outras partes e acessórios de carrocerias para veículos automóveis	4,45	1,20
-	<b>Total</b>	<b>369,90</b>	<b>100,00</b>

## Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná

## 19. COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE

TABELA 55 – PARANÁ: PRINCIPAIS PAÍSES DE DESTINO DE PRODUTOS (1)

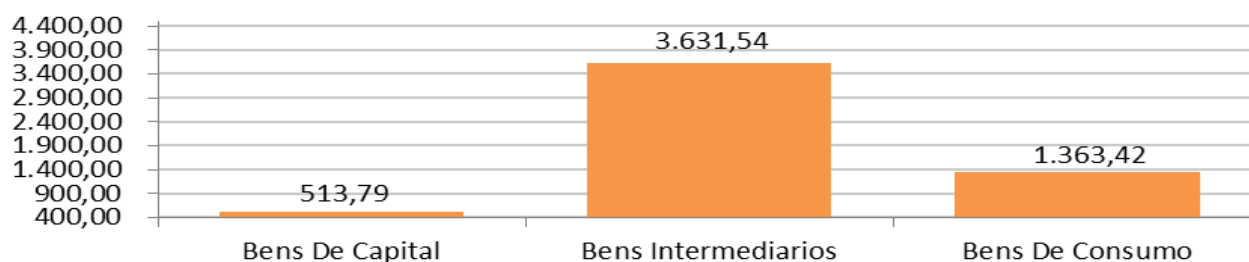
Nº	2017 (JAN-DEZ)			2018 (JAN-ABR)		
	Dez Principais Destinos	US\$ Milhões	Participação Percentual (%)	Dez Principais Destinos	US\$ Milhões	Participação Percentual (%)
1	China	4.666,99	43,10	China	1.585,41	45,15
2	Argentina	2.053,61	18,96	Argentina	582,98	16,60
3	Estados Unidos	890,76	8,23	Estados Unidos	297,74	8,48
4	Países Baixos (Holanda)	544,43	5,03	Países Baixos (Holanda)	250,44	7,13
5	Japão	511,02	4,72	Paraguai	161,49	4,60
6	Arábia Saudita	501,78	4,63	Alemanha	151,63	4,32
7	Paraguai	463,08	4,28	Arábia Saudita	135,09	3,85
8	Alemanha	448,49	4,14	Chile	120,98	3,45
9	México	392,47	3,62	México	117,92	3,36
10	Coreia Do Sul	355,88	3,29	Itália	107,46	3,06
---	<b>Total</b>	<b>10.828,51</b>	<b>100,00</b>	<b>Total</b>	<b>3.511,14</b>	<b>100,00</b>

TABELA 56 – PARANÁ: PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS EM 2018 (JAN-ABR) (1)

Nº	Produto	US\$ Milhões	Percentual (%)
1	Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	1.364,48	35,76
2	Pedaços e miudezas de galos e galinhas, congelados	507,29	13,29
3	Bagacos e resíduos sólidos da extração do óleo de soja	329,37	8,63
4	Carnes de galos e galinhas, não cortadas, congeladas	187,29	4,91
5	Outras madeiras compensadas folheada, espess <=6mm	170,79	4,48
6	Pasta Química de madeira não conífera semi branqueada	154,11	4,04
7	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	147,53	3,87
8	Automóveis com motor a explosão,1500<cm3<=3000	145,97	3,83
9	Outros açúcares de cana	113,56	2,98
10	Milho em grão, exceto para semeadura	101,01	2,65
11	Café solúvel, mesmo descafeinado	99,04	2,60
12	Farinhas E "Pellets",Da Extração Do Oleo De Soja	81,41	2,13
13	Outros Veículos Automóveis C/Motor Explosão, Carga<=5T	77,07	2,02
14	Automóveis com motor a explosão, cilindrada<=1000Cm3	76,71	2,01
15	Outros papeis e cartões para escrita de fibra mecânica >10%,Rolos	76,07	1,99
16	Madeira Serrada Ou Fendida Longitudinalmente	63,03	1,65
17	Outras carnes de suíno congeladas	60,71	1,59
18	Tratores Rodoviários P/Semi-Reboques	60,32	1,58
19	Válvulas Tipo Gaveta	56,14	1,47
20	Madeira De Coníferas, Perfilada	52,16	1,37
-	<b>Total</b>	<b>3.815,76</b>	<b>100,00</b>

Fonte: www.mdic.gov.br – (Comércio exterior – Estatística do comércio exterior – Balança Comercial Brasileira: Unidades da Federação) (Consulta em 25/05/2018)

**PARANÁ: EXPORTAÇÕES POR TIPOS DE BENS**  
(Jan - Abr de 2018)(2)  
(em US\$ milhões)



Fonte: www.mdic.gov.br – (Comércio exterior – Estatística do comércio exterior – Balança comercial Unidades da Federação) (Consulta em 25/05/2018)

(\*) Dados Atualizados. Sujeitos à alteração.

(1) Dados preliminares.

(2) Bens de Capital: bens que geram riqueza: máquinas que fabricam outros bens; ou bens de longa duração: equipamento hospitalar.  
Bens Intermediários: bens manufaturados ou matérias-primas processadas utilizadas na produção de outros bens (exemplo: peças para veículos)  
Bens de Consumo: para o atendimento das demandas e necessidades imediatas da população: alimentos, remédios, etc.



## Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná

## 19. COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE

TABELA 57 – PARANÁ: PRINCIPAIS BLOCOS ECONÔMICOS DE DESTINO E ORIGEM DE PRODUTOS

2018 (JAN-ABR)			2018 (JAN-ABR)		
Principais Blocos Econômicos de Destino	US\$ Milhões	%	Principais Blocos Econômicos de Origem	US\$ Milhões	%
Ásia (Exclusive Oriente Médio)	2.239,47	43,30	Ásia (Exclusive Oriente Médio)	1.054,74	30,16
Aladi	1.312,80	25,38	União Europeia - UE	860,24	24,60
União Europeia - UE	802,99	15,53	Sem Agrupamento Especifico	779,57	22,30
Oriente Médio	444,35	8,59	Aladi	688,11	19,68
Demais Blocos	372,51	7,20	África	113,94	3,26
<b>Total</b>	<b>5.172,12</b>	<b>100,00</b>	<b>Total</b>	<b>3.496,60</b>	<b>100,00</b>

(\*)Considera apenas blocos econômicos e não países não pertencentes a estes blocos.

TABELA 58 – PARANÁ: PRINCIPAIS EMPRESAS EXPORTADORAS EM 2017 (JAN-AGO)

Nº	20 Principais Empresas Exportadoras	US\$ Milhões	Percentual (%)
1	Renault Do Brasil S.A	947,32	13,36
2	Cargill Agricola S A	735,37	10,37
3	Louis Dreyfus Company Brasil S.A.	664,57	9,37
4	Bunge Alimentos S/A	647,66	9,14
5	Cooperativa Agropecuaria Mouraoense Ltda	627,54	8,85
6	Klabin S.A.	545,40	7,69
7	Usina De Acucar Santa Terezinha Ltda	345,62	4,88
8	Shb Comercio E Industria De Alimentos S.A.	344,40	4,86
9	Volvo Do Brasil Veiculos Ltda	326,80	4,61
10	Brf S.A.	234,92	3,31
11	Adm Do Brasil Ltda	210,26	2,97
12	Copacol-Cooperativa Agroindustrial Consolata	207,55	2,93
13	C.Vale - Cooperativa Agroindustrial	198,25	2,80
14	Gavilon Do Brasil Comercio De Produtos Agricolas Ltda.	192,03	2,71
15	Glencore Importadora E Exportadora S/A	169,95	2,40
16	Usina Alto Alegre S/A - Acucar E Alcool	152,74	2,15
17	Cooperativa Agroindustrial Lar	145,34	2,05
18	Nidera Sementes Ltda.	135,49	1,91
19	Cofco Brasil S.A	134,35	1,90
20	Companhia Cacique De Café Soluvel	123,87	1,75
---	<b>Total</b>	<b>7.089,42</b>	<b>100,00</b>

TABELA 59 – PARANÁ: PRINCIPAIS EMPRESAS IMPORTADORAS EM 2017 (JAN-AGO)

Nº	20 Principais Empresas Importadoras	US\$ Milhões	Percentual (%)
1	Volkswagen Do Brasil Ltda	496,04	13,77
2	Sul Plata Trading Do Brasil Ltda	388,48	10,78
3	Renault Do Brasil S.A	295,51	8,20
4	Flamma Oleos E Derivados Ltda	259,68	7,21
5	Oil Trading Importadora E Exportadora Ltda.	249,12	6,91
6	Fertipar Fertilizantes Do Parana Limitada	244,34	6,78
7	Mosaic Fertilizantes Do Brasil Ltda.	243,85	6,77
8	Yara Brasil Fertilizantes S/A	194,29	5,39
9	Greenenergy Brasil Trading S.A.	142,81	3,96
10	Blueway Trading Importacao E Exportacao S.A.	139,37	3,87
11	Electrolux Do Brasil S/A	134,02	3,72
12	Brf S.A.	125,01	3,47
13	Cooperativa Agraria Agroindustrial	113,36	3,15
14	Macrofertil Industria E Comercio De Fertilizantes S.A.	108,01	3,00
15	Novo Nordisk Farmaceutica Do Brasil Ltda	85,03	2,36
16	Volvo Do Brasil Veiculos Ltda	80,91	2,25
17	Adama Brasil S/A	79,24	2,20
18	Fertilizantes Heringer S.A.	78,12	2,17
19	Nortox Sa	77,62	2,15
20	Iveco Latin America Ltda	68,55	1,90
---	<b>Total</b>	<b>3.603,41</b>	<b>100,00</b>

Fonte: www.mdic.gov.br - (Comércio exterior - Estatística do comércio exterior) (Consulta em 25/05/2018)

Últimos dados disponíveis referentes às Tabelas 59 e 60 são referentes à Agosto. (consulta em 25/05/2018).

## 19. COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE

TABELA 60 – PARANÁ: EXPORTAÇÕES – TOTAIS POR FATOR AGREGADO (Em US\$ Milhões)				
Período	Básicos	Indústria- lizados	Operações Especiais	TOTAL
2008	5.787,48	9.152,08	307,62	15.247,18
2009	4.985,13	6.024,36	213,33	11.222,83
2010	5.983,15	7.921,86	270,99	14.176,01
2011	7.952,48	9.056,69	385,06	17.394,23
2012	8.356,71	9.022,70	330,17	17.709,59
2013	9.068,37	8.916,49	254,34	18.239,20
2014	8.304,08	7.775,25	252,79	16.332,12
2015	7.649,59	7.084,25	175,24	14.909,08
2016	7.208,75	7.870,82	91,54	15.171,10
2017	8.665,70	9.298,58	118,12	18.082,39
Fev	542,99	642,88	8,04	1.193,92
Mar	1.066,41	740,12	14,14	1.820,66
Abr	860,08	668,27	8,58	1.536,94
Mai	863,28	889,81	13,48	1.766,57
Jun	862,39	901,23	11,56	1.775,19
Jul	806,84	847,53	10,68	1.665,05
Ago	814,83	856,75	11,95	1.683,54
Set	769,96	766,34	5,51	1.541,81
Out	630,69	801,12	7,65	1.439,47
Nov	567,86	790,76	8,43	1.367,06
Dez	464,78	854,64	7,53	1.326,95
2018	2.780,14	2.736,70	44,80	5.561,63
Jan	431,95	633,19	11,45	1.076,58
Fev	524,38	668,19	10,56	1.203,13
Mar	854,12	732,21	11,43	1.597,75
Abr	969,69	703,12	11,36	1.684,16

Fonte: www.mdic.gov.br (Comércio exterior – Estatística do comércio exterior – Balança comercial Unidades da Federação) Dados sujeitos à alterações.  
(Consulta: 25/05/2018)

TABELA 61 – PARANÁ: BALANÇA COMERCIAL DOS MAIORES EXPORTADORES MUNICIPAIS EM 2018 (JAN-ABR)  
(Em US\$ Milhões)

Nº	15 Principais Municípios	Exportações	Percen tual (%)	Importações	Percen tual (%)	Balança Comercial	Corrente de Comércio
1	Paranaguá	957,15	26,36	699,72	23,56	257,43	1.656,87
2	São José dos Pinhais	602,20	16,58	615,49	20,72	-13,29	1.217,69
3	Curitiba	470,75	12,96	739,81	24,91	-269,06	1.210,55
4	Maringá	345,73	9,52	75,75	2,55	269,97	421,48
5	Araucária	183,31	5,05	450,81	15,18	-267,50	634,12
6	Ponta Grossa	182,86	5,04	136,90	4,61	45,96	319,76
7	Londrina	160,97	4,43	112,41	3,78	48,56	273,38
8	Palotina	109,92	3,03	3,60	0,12	106,32	113,51
9	Cascavel	104,45	2,88	37,86	1,27	66,59	142,31
10	Guarapuava	98,59	2,71	13,75	0,46	84,84	112,34
11	Campo Mourão	95,07	2,62	9,54	0,32	85,53	104,61
12	Cafelândia	89,82	2,47	2,56	0,09	87,26	92,37
13	Rolândia	82,68	2,28	13,49	0,45	69,20	96,17
14	Campo Largo	75,78	2,09	56,35	1,90	19,43	132,13
15	Matelândia	72,32	1,99	2,45	0,08	69,87	74,77
--	<b>Total</b>	<b>3.631,58</b>	<b>100,00</b>	<b>2.970,49</b>	<b>100,00</b>	<b>661,10</b>	<b>6.602,07</b>

Fonte: www.mdic.gov.br – (Comércio exterior – Estatística do comércio exterior – Balança comercial brasileira: Municípios)  
(Consulta em 25/05/2018)

**20. INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO-IED NA ECONOMIA BRASILEIRA**

O IED do 1.º quadrimestre/ 2018 mantém as tendências positivas verificadas no ano anterior, mas agora com uma queda significativa em abril, na comparação com ano anterior conforme expressa a Tabela 62. A crise econômica e política no Brasil, com diferentes nuances, ainda não foram totalmente superados. Nesse momento, maio de 2018, a elevação da cotação do dólar poderá gerar impactos restritivos à agilização da entrada de IED. Ainda: a crise cambial atual na Argentina, poderia resvalar de alguma forma na economia brasileira.

Uma situação específica que se verifica atualmente é a realização por diversas entidades e organismos de avaliação de tendências econômicas da revisão das primeiras previsões de desempenho do PIB do Brasil, divulgadas inicialmente no 1.º bimestre de 2018. Nesse momento, já se tem uma queda nas expectativas de crescimento do PIB em 2018: de 2,85% cai para 2,0%. Mas mesmo com a queda das previsões iniciais, e considerando que o crescimento do PIB em 2017 foi 1,0%, ainda haverá crescimento substancial da economia com a elevação do PIB de 2018 em 2,5%. Muito importantes são as manutenções de queda nas taxas de inflação e a continuidade da política de redução das taxas de juros (SELIC/BC). As projeções atuais apontam para manutenção da tendência de crescimento em 2018, comparada a 2017. Ainda há condições para a continuidade do crescimento do consumo das famílias. O governo federal, nesse momento, já anunciou a breve liberação de saldos das contas do PIS/PASEP.

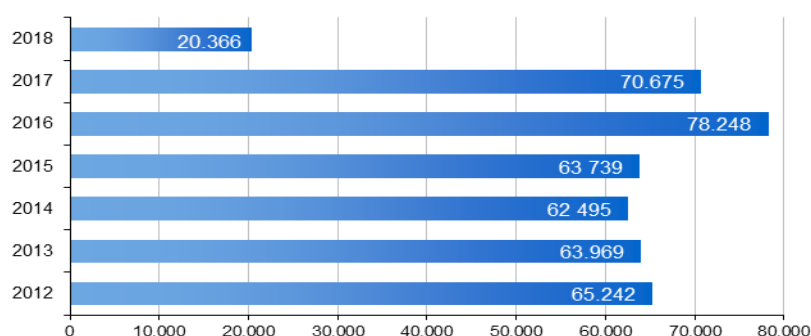
A retração pelas agencias internacionais da nota do Brasil, do “*grau de investimento*” para “*grau especulativo*” produziu impactos imediatos mais intensos, mas agora amenizados.

O IED é um fluxo importante de capital: permite ampliar produção, inovar e modernizar a produção interna e melhorar produtividade. Considera somente o *capital externo produtivo*, capaz de gerar novos bens e serviços. Difere do *capital externo especulativo*, aplicado em títulos da dívida pública e bolsa de valores, que visa retorno mais imediato, ou seja, não permanece por longo prazo. Com uma crise, sai do país, pouco contribuindo em empregos, produtos ou serviços.

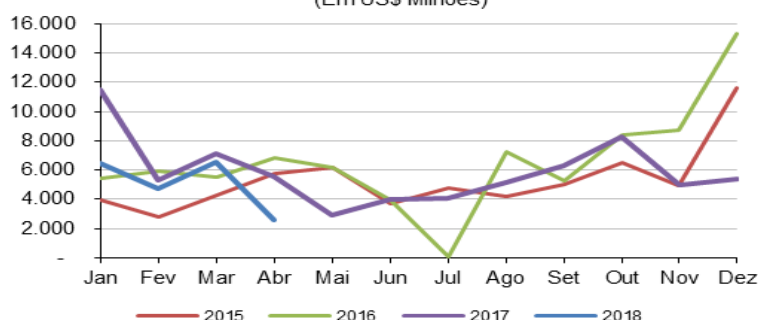
**TABELA 62 – INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO NO BRASIL**

Período	Valor em US\$ Milhões*	Variação Percentual
2007	34.584	83,74
2008	45.058	30,29
2009	25.948	-42,41
2010	48.506	86,93
2011	66.660	37,43
2012	65.242	-2,13
2013	63.969	-2,00
2014	62.495	-2,30
2015	63.739	1,99
2016	78.896	23,78
2017	70.675	-10,28
Mar	7.109	33,97
Abr	5.577	-21,54
Mai	2.926	-47,55
Jun	3.991	36,43
Jul	4.093	2,55
Ago	5.138	25,53
Set	6.339	23,37
Out	8.240	29,98
Nov	5.021	-39,06
Dez	5.407	7,70
2018	20.366	-31,01
Jan	6.466	19,57
Fev	4.743	-26,65
Mar	6.539	37,88
Abr	2.618	-59,96

**IED NO BRASIL**  
(Em US\$ Milhões)



**EVOLUÇÃO MENSAL DO IED**  
(Em US\$ Milhões)



**21. DÍVIDA EXTERNA BRASILEIRA- DEB**

Em abril/2018, os dados referentes a dívida externa total atingiu : US\$ 315,7 bilhões; a curto prazo representa 17,47% do total e a médio e longo prazo atingiu 82,53%. São valores importantes para reduzir a pressão sobre pagamentos e desembolsos. A distribuição dessa dívida amplia a elasticidade para pagamento e renegociações.

A DEB total é o somatório das dívidas dos setores público (governos: federal, estaduais e municipais, Distrito Federal e empresas públicas) privado.

A forma de gestão e administração do estoque de divisas praticada pelo Banco Central indica condições consistentes nos desembolsos futuros para pagamentos da dívida externa.

A existência de dívida, mesmo grande, não significa, necessariamente, inviabilização de uma economia. Pode até representar maior eficiência e capacidade para captação de recursos que sejam necessários e importantes para os setores público e/ou empresários do setor privado. Desde que utilizados sob um processo eficiente de gestão financeira podem ser perfeitamente justificáveis.

TABELA 63 – DÍVIDA EXTERNA BRASILEIRA (Em US\$ Milhões)					
Período	Curto Prazo		Médio e Longo Prazo		Total
	Valor	(%)	Valor	(%)	
2010	56.450	22,12	198.734	77,87	<b>256.804</b>
2011	39.040	13,13	258.310	86,87	<b>297.349</b>
2012	37.535	11,85	279.295	88,15	<b>316.831</b>
2013	32.855	10,53	279.166	89,51	<b>312.022</b>
2014	54.614	15,71	293.008	84,29	<b>347.621</b>
2015	56.103	16,61	281.629	83,39	<b>337.732</b>
2016	58.360	18,03	265.354	81,97	<b>323.714</b>
2017	51.144	16,52	258.363	83,48	<b>309.507</b>
2018*	55.157	17,47	260.588	82,53	<b>315.746</b>

Fonte: www.bcb.gov.br – (Economia e Finanças – Notas econômico-financeiras para a imprensa – Setor externo – quadro 22) (Consulta em 25/05/2018) (\*) Dados de Abril

**21.1. Distribuição da Dívida: Setor Público X Setor Privado**

A dívida externa brasileira está distribuída em dívidas do governo e do setor privado. A dívida registrada para o período 2010-2015, conforme o Banco Central consta da Tabela 64 abaixo.

Constata-se uma realidade pouco conhecida do grande público: do total da dívida externa brasileira, verifica-se que o setor privado, no período 2011 - 2015 foi, na média, responsável por mais da metade dessa dívida, superando 60% do total. O período 2011-2015 mostra forte inversão de tendência comparada a 2009-2010. O dado mais recente da dívida, ano de 2015, indica setor privado devedor de 61,8% do total da dívida externa, mais de 20% acima da dívida externa do setor público. A dívida do setor privado cresceu mais a partir de 2011, sob estímulo dos baixos juros externos e valorização do R\$ perante o US\$ até 2011. A dívida pública está distribuída entre governos: federal, estaduais, municipais, Distrito Federal, mais as estatais.

TABELA 64 – BRASIL: PARTICIPAÇÃO DA DÍVIDA EXTERNA			
Ano	Setor Público	Setor Privado	Total
2010 (1)	45,0	55,0	100
2011 (2)	37,2	62,8	100
2012 (3)	36,3	63,7	100
2013 (4)	38,5	61,5	100
2014 (5)	39,4	60,6	100
2015 (6)	38,2	61,8	100

Fonte: (1) Boletim Anual – 2010 do Banco Central do Brasil (p. 135). (2) Boletim Anual – 2011 do Banco Central do Brasil (p. 129). (3) Boletim Anual – 2012 do Banco Central do Brasil (p. 129). (4) Boletim Anual – 2013 do Banco Central do Brasil (p. 121). (5) Boletim Anual – 2012 do Banco Central do Brasil (p. 119). (6) Boletim Anual – 2015 do Banco Central do Brasil (p. 121)

\*O boletim anual do Banco Central foi descontinuado, sendo os últimos dados divulgados do ano 2015.

## 22. RESERVAS CAMBIAIS

Em maio/2018 as reservas cambiais do Brasil caíram em relação a cada um dos meses do 1.º trimestre/ 2018. Parcela do superávit está associado ao aumento do saldo da balança comercial e desvalorização do Real- R\$ frente ao US\$, período 2015/2016 e ao desempenho do comércio exterior em 2017. O ocorreu em junho, com a elevação do dólar foi a colocação de US\$ 20 bilhões no mercado para forçar a contenção da elevação do dólar ante o Real.

As reservas cambiais são muito importantes e estratégicas no atual contexto econômico; permitem um "lastro cambial" que revela um elevado estoque de divisas no BC, e que vem atuando como um *colchão amortecedor* desde o início da crise mundial de 2008. Permitiu ao Brasil, até 1º semestre de 2014, maior credibilidade no mercado externo, e manter o "grau de investimento" obtido nos anos de 2008 e 2009, além de ampliar a entrada de capital externo.

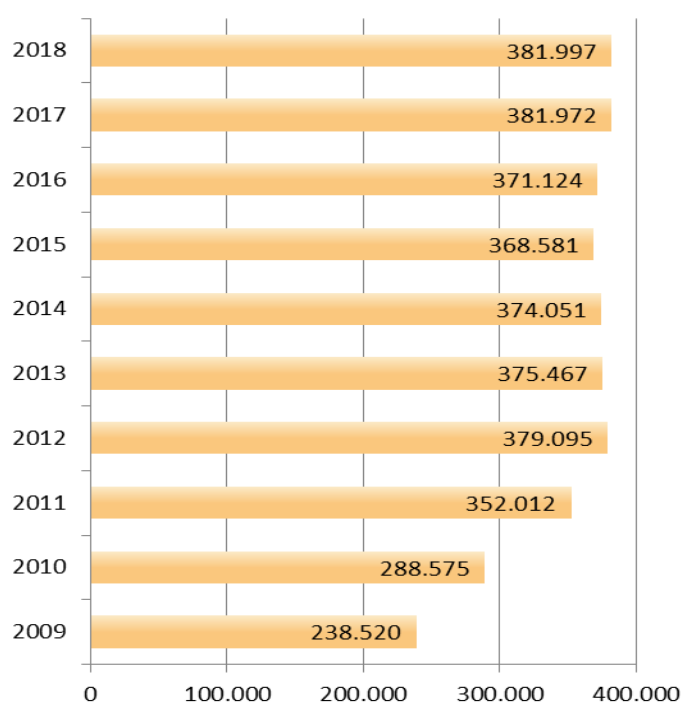
Atualmente, o **grau de investimento** da economia concedido pelas três agências internacionais de classificação de risco (\*\*) foi baixado para **grau especulativo**. A redução da nota pelas agências significa que o acesso a crédito no exterior poderá ser contido, os juros pagos poderão crescer e também poderia incentivar a retirada de aplicações do exterior no Brasil.

Parcela dos US\$ da reserva cambial pode ser considerada especulativa, devido juros maiores pagos pelos títulos do governo brasileiro, comparados à remuneração de outros países. É um volume de divisas importante para o Brasil, mas que gera um custo associado às aplicações do exterior em títulos do governo, que pagam altas remunerações. É o "capital especulativo" volátil, sem compromisso com produção, investimento interno ou emprego e que, diante de distúrbios no mercado ou mesmo limitações políticas e econômicas internas poderão, rapidamente, sair do País. Os dólares do BC, em parte aplicados em títulos do governo americano, tem remuneração inferior à paga pelo governo brasileiro. Uma parcela das reservas advém da compra de US\$ pelo BC em períodos de grande entrada que induziam a valorizar o R\$; a outra parte vem das exportações ou até mesmo empréstimos do exterior. A destacar, no entanto: muitos investidores poderiam, diante dos indicadores de consistência da economia dos EUA, optarem por aplicar a 3,0% em dólar do que a 6,5% em uma moeda mais fraca e que se desvaloriza perante o US\$.

**TABELA 65 – BRASIL: RESERVAS CAMBIAIS**  
(Em US\$ Milhões)

Período	Reservas Cambiais no Banco Central (*)	Variação Sobre o Período Anterior
2007	180.334	110,10
2008	193.783	7,46
2009	238.520	23,09
2010	288.575	0,82
2011	352.012	21,98
2012	379.095	7,69
2013	375.467	-0,97
2014	374.051	-0,38
2015	368.581	-1,46
2016	371.124	0,69
2017	381.972	2,93
Mai	377.322	0,32
Jun	377.976	0,17
Jul	381.029	0,81
Ago	382.270	0,33
Set	382.145	-0,03
Out	380.183	-0,51
Nov	381.153	0,26
Dez	381.972	0,21
2018	--	--
Jan	383.671	0,54
Fev	382.085	-0,43
Mar	383.265	0,32
Abr	382.072	-0,31
Mai	381.997	-0,02

**Evolução das Reservas Cambiais (\*) (US\$ milhões)**



Fonte: www.bc.gov.br - (Economia e Finanças - Indicadores de conjuntura - Reservas Internacionais - Dados diários) (Consulta em 31/05/2018)

Reservas de 2018 referentes ao dia 29/05/2018. (\*\*\*) As Agências são: Fitch; Moody's; e Standart & Poor's (S&P). Em Janeiro de 2018 a agência S&P rebaixou a nota do Brasil de BB para BB-, ainda dentro da categoria de especulação.